

COMPRA  
ABR. 1940

# SERÕES



LIVRARIA FERREIRA

132, R. DO OURO, 138 — LISBOA

N.º 38 — AGOSTO

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Praça dos Restauradores, 27 — Telep. 805

# Summario

## MAGAZINE

PAG.

S. MIGUEL — RIBEIRA QUENTE, NAS FURNAS ( <i>Frontispicio</i> ) .....	78
EM ALVITO — O CASTELLO ( <i>12 illustrações</i> ) por FIALHO D'ALMEIDA .....	79
NO MAR ALTO ( <i>11 illustrações</i> ) por MERCEDES BLASCO .....	94
UMA EXCURSÃO AOS AÇORES ( <i>16 illustrações</i> ) por RAPOSO DE OLIVEIRA .....	99
LAGOA DAS FURNAS ( <i>Soneto</i> ) por A. CARDOSO DE FARIA E MAIA .....	110
A ARCHITECTURA DA RENASCENÇA EM PORTUGAL ( <i>13 illustrações</i> ) por ALBRECHT HAUPT .....	111
OS BASTIDORES DO NIHILISMO ( <i>1 vinheta e 1 illustração</i> ) por MAX PEMBERTON .....	118
NOTICIAS DE ULYSSES ( <i>1 illustração</i> ) .....	127
CENTENARIO DA GUERRA PENINSULAR ( <i>2 vinhetas e 6 illustrações</i> ) por M. A. ....	128
OS SERÕES DOS BÉBÉS — O CAVALLINHO DE PEDRA ( <i>1 vinheta e 1 illustração</i> ) .....	137
INFLUENCIA DO AUTOMOBILISMO ( <i>2 illustrações</i> ) .....	141
ACTUALIDADES ( <i>32 illustrações</i> ) .....	142
QUEBRA CABEÇAS ( <i>1 illustração</i> ) .....	152
<b><u>OS SERÕES DAS SENHORAS</u></b> ( <i>27 illustrações</i> )	
CHRONICA GERAL DE MODAS . . . . . pag. 17	LAVORES FEMININOS..... pag. 27
Os NOSSOS FIGURINOS . . . . . » 20	CONSULTORIO DE MARIA . . . . . » 29
CHAPÉOS DE PARIS . . . . . » 21	NOTAS DE DONA DE CASA . . . . . » 31
A NOSSA FOLHA DE MOLDES..... » 25	

## A MUSICA DOS SERÕES

RONDO VILLAGEOIS, por HUMMEL .....

3 paginas

A

DIRECTOR LITTERARIO

H. Lopes de Mendonça

# Serões

ADMINISTRADO.

Caldeira Pires

Propriedade da **LIVRARIA FERREIRA**

REVISTA MENSAL ILLUSTRADA

Redacção, administração, officinas de composição, impressão, photogravura e encadernação

**Praça dos Restauradores, 27**

**LISBOA**

(PASSAGEM DO ANUARIO COMMERCIAL)

**Telephone 805**

## ANNUNCIOS

A administração dos *Serões*, revista mensal de importante tiragem e larga circulação — não só em Portugal (Ilhas e Colonias), como no Brazil —, offerece nas paginas supplementares dos *Serões*, nitidamente impressas e em optimo papel, uma **Secção especial de annuncios**, que antecederá o texto de cada numero d'esta publicação, nas seguintes condições:

### Por uma só inserção

1 pagina . . . . .	6\$000 réis
1/2 pagina . . . . .	3\$500 »
1/4 pagina . . . . .	2\$000 »

### Por um anno, ou sejam, 12 inserções

1 pagina . . . . .	70\$000 réis
1/2 pagina . . . . .	40\$000 »
1/4 pagina . . . . .	20\$000 »

Os clichés, quando o annuncio fôr illustrado, serão fornecidos pelo annunciante. A administração dos *Serões* encarregar-se-ha, quando o annunciante manifeste tal desejo, de mandar fazer qualquer cliché, sendo a sua importancia paga separadamente.

## Condições de assignatura

A assignatura dos *Serões*, é computada por trimestre, semestre ou por anno, còrrespondendo o seu inicio aos mezes de janeiro, abril, julho ou outubro, e o seu pagamento feito adiantadamente:

Portugal, ilhas, colonias e Hespanha	{ Anno . . . . .	2\$200 réis
	{ Semestre . . . . .	1\$200 »
	{ Trimestre . . . . .	600 »
Para o Brazil (moeda fraca) . . . . .	- Anno . . . . .	12\$000 »
Para outro qualquer paiz estrangeiro - Anno . . . . .		15 fr.

Pedidos para assignaturas, ou qualquer numero avulso dos *Serões*, e indicações para inserção de annuncios, dirigir-se á

## ADMINISTRAÇÃO DOS Serões

**Praça dos Restauradores (Passagem do Anuario Commercial) 27**

Telephone **805**

**LISBOA**



# A Nacional

Companhia Portuguesa de  
Seguros de Vida

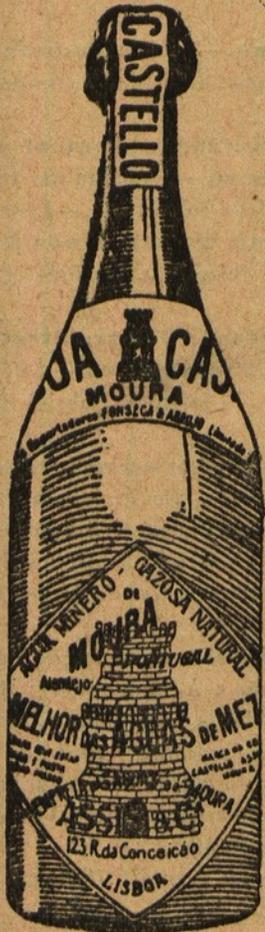
CAPITAL 500:000\$000 réis

Seguros em caso de vida e em caso de morte

Seguros contra desastres pessoais

Seguros de viagem

7, Rua do Alecrim — LISBOA



## ÁGUA CASTELLO

Minero-gazosa, lithinada natural

DE

MOURA

Refrigera os sãos e cura os doentes

A melhor, a mais pura e a mais barata das aguas de meza do Paiz.

Agradabilissima ao paladar, tomada simples ou misturada com cognac, leite, whisky, vinho, etc. — premiada na Exposição de S. Luiz e no Palacio Crystal do Porto.

ESCRITORIO E DEPOSITO

123, RUA DA CONCEIÇÃO

Telephone 880

Empreza das Aguas de MOURA ASSIS & C.

LISBOA

GRANDE DEPOSITO

DE

Moveis de ferro e colchoaria

DE

JOSÉ A. DE C. GODINHO

54, Praça dos Restauradores, 56

LISBOA

# SERÕES

## LIVROS, REVISTAS E JORNAES

### RECEBEMOS E AGRADECEMOS:

**Une visite au Panthéon**, por Madeleine Frondoni Lacombe — Lisboa, 1908 — Plaquette elegante, contendo uma apreciavel poesia franceza, em que se manifesta engenho e sentimento. E' dedicada a El-Rei D. Manuel, e tem referencias aos dois principes tragicamente mortos, cheias de ternura feminina e de communicativa piedada.

**Pro Radio**, por D. João de Gandra — Porto, 1908 — Uma plaquette contendo uma bem metrificada, e por vezes graciosa parodia á poesia moderna, especialmente a um dos seus mais altos luminares, Guerra Junqueiro, ao qual é dedicada a curiosa obrinha. Traços de satyra, laivos de philosophia alegre, fórma em geral aprimorada, tudo leva a ter na conta de excellente desfastio, essas 18 ou 20 paginas.

**Mundo interior**, por Santos Luz — Lisboa, 1908 — A fórma poetica escolhida pelo auctor d'este volume é exclusivamente o soneto. Tanto basta para aggravamento de difficuldades, não raro vencidas com brilho, sobretudo quando o sentimento suave leva a melhor no cerebro do poeta sobre os pensamentos philosophicos. Parece-nos um talento com que se deve contar de futuro, o do sr. Santos Luz.

**Fructo prohibido**, por Alberto de Sousa Costa — Coimbra, 1908 — E' um romancista a valer, o escriptor cujo nome firma este livro. Não sabemos se é estreia; se o é, não a pode haver mais auspiciosa. A'parte um ou outro ligeiro senão e a obediencia demasiado stricta a moldes escolasticos que vão cahindo em desuso, o romance impõe-se á attenção do publico, pelo bem delineado dos caracteres, pelo colorido dos episodios, pela viveza do dialogo. E' de interesse e deleite a sua leitura,

e regosija a esperanza de que temos em Portugal um novo romancista de raras facultades.

**Archivo Bibliographico** — Da Bibliotheca da Universidade de Coimbra.

**O Instituto** — *Revista scientifica e Litteraria*. — Redacção — Rua do Infante D. Augusto, 44, — Coimbra.

**A Construcção Moderna** — *Revista illustrada* — Redacção e Administracção: Rua Maria Andrade, 10, 2.º — Lisboa.

**Boletim da Real Associação Central da Agricultura Portugueza** — Fundada em 1860 — Séde da Associação: Rua Garrett, 95, — Lisboa.

**Boletim da Assistencia Nacional aos Tuberculosos** — *Instituto Rainha D. Amelia* — Rua 24 de Julho.

**Boletim da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes** — 4.ª Serie — Tomo XI n.º 5.º — Director: Gabriel Pereira

**A Vinha Portugueza** — *Revista mensal de viticultura e de Agricultura Geral* — Dedicada aos progressos agricolas e principalmente viticolas, do paiz. Publicada e dirigida por F. d'Almeida e Brito — Redacção e Administracção: Rua do Arco Bandeira, 22, 1.º — Lisboa.

**Revista de Manica e Sofala** — *Publicação mensal illustrada* — Redacção e Administracção: Rua Castilho, 27, 3.º á Avenida da Liberdade, Lisboa.

**Echos de Roma** — *Revista mensal illustrada* — Publicada pelos alumnos do collegio portuguez em Roma, sob a direcção de monsenhor Sinibaldi. Via del Banco S. Spirito, 12, Roma.

**Luz do Oriente** — *Revista mensal illustrada* — Redacção e administracção — Ponda — Gôa.

---

## Gravuras dos SERÕES

Vendem-se e alugam-se quaesquer clichés publicados n'este Magazine.

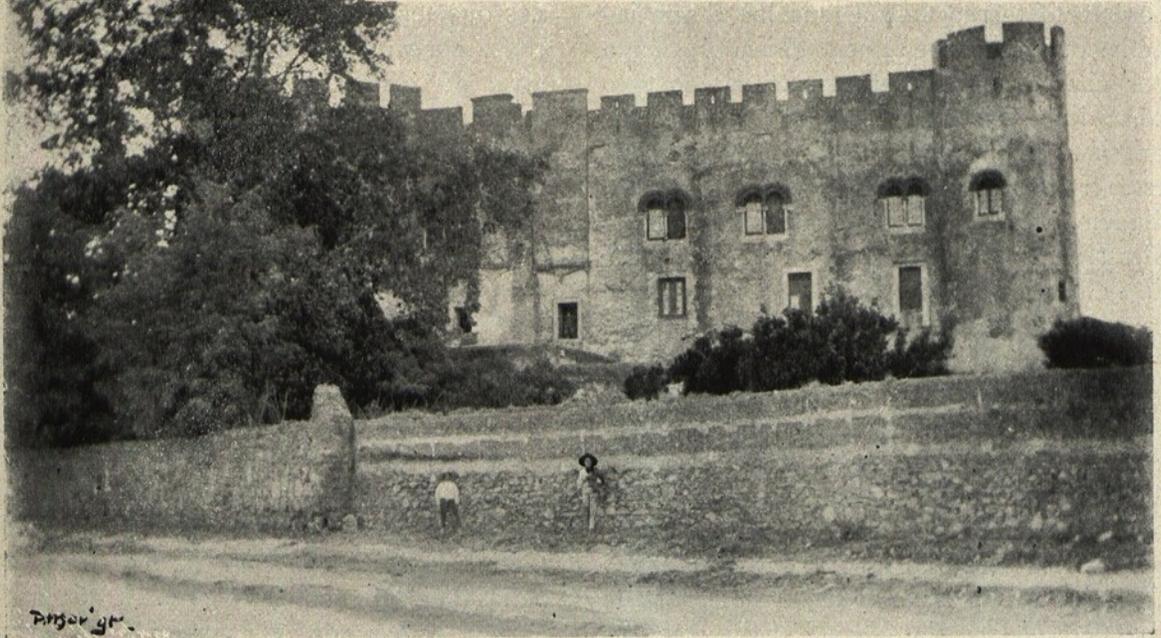
Para tratar, na Administracção dos SERÕES, Praça dos Restauradores, 27.



S. Miguel — Ribeira Quente, nas Furnas

# Em Alvito

## O Castello



CASTELLO DE ALVITO — FACHADA DA HORTA

*Na linha nascente-sul ; vê-se à esquerda o platanô gigante que excede em altura os creneis dos torreões*

## Morrinha económica do Alemtejo — Florestas e culturas — Avistada das chãs, rodeira ao povo



O castello de Alvito fica n'uma das pontas da villa, em terreno não acidentado, e é na sua projeção horisontal um quadrilatero, com quatro torres redondas nas esquinas.

Das linhas do quadrilatero crescem-lhe fachadas; as da linha sul-poente e sul-nascente, são também fachadas de palacio; as da linha nascente-norte e norte-poente, constam apenas de muralhas ou cortinas creneladas, ligando as torres, e quadriculando com as primeiras um terreiro interior ou pateo acastellado.

Das quatro torres são de grande altura, a do sul e a do poente, intrometidas nos alojamentos do palacio, e mais pequenas as outras, que para assim dizer isoladas, formam as trazeiras do edificio.

Para methodisação do estudo falarei d'esta consideravel móle historica, por álas ou fa-

chadas, descrevendo de cada uma os pormenores architectonicos e encadeação intestina d'aposentos, e reservando-lhe a face posterior para a *impressão* do pateo central, por todas circumscripto.

1.º — *Fachada principal.* E' uma muralha d'alvenaria com talvez vinte e cinco metros de prumada, e de comprimento quarenta e tantos, direita e ligando entre si a torre sul e a torre poente. A meio d'ella, um portico com humbraes e arco vagamente ogival, de pedra branca, escurecida agora pelo tempo: o todo em toscos rebordos, sem capiteis, nem columnas, nem porta chapeada, nem vestigios de pelo lado de dentro ter offerecido grandes seguranças contra investidas d'inimigos. Certamente ha pela banda do pateo,

esburacados na pedra, vestígios de gonzos e tranqueiras, mas antes mostrando a cautela d'uma rezidencia particular, do que fortaleza receosa d'assedios e tomadas. A' altura do pavimento terreo toda a muralha é sem janellas ou lucarnas, e só no andar nobre, muito por cima da porta, correm sacadas do typo pombalino, sem balcões de relevo, com pobrissimas grades e linhas estupidas, dando a essa frontaria, se não foram as torres e o diadema feudal da platibanba, o ar d'um d'esses casarões incendiados de S. Sebastião da Pedreira ou Palhavã, cór de bagaço, que os marchantes transformam em palheiros e curraes, e foram outr'ora rezidencia d'algum mercador arruinado. Por sobre o portico da entrada, uma pequena lapide escurificada, com letreiro; e acima d'este, o escudo das quinas, timbrado da corôa real. A inscrição diz o seguinte: «*Esta fortaleza se começou em 13 d'agosto de 1454 por mandado del-rei D. João II nosso senhor, e acabou-se no tempo del-rei D. Manoel. Fel-a por seus mandados D. João Lobo, barão d'Alvito*». (1) A frontaria, ladeada pelas torres: a da esquerda, ou poente, é a *do sino*, assim chamada por amor do pobre corucheu que suspende a garrida da capella; a da direita é a *da fonte*, como lhe espadana dos calcareos da base uma extraordinaria nascente d'agua doce, quinhentos metros cubicos no verão, nove a dez mil d'inverno (2) (ás 24 horas), da qual bebem a terra e grande numero de hortejos no arrabalde. Estes dois torreões, diferentes n'altura e no diametro, como atraz disse, se bem que identicos na fôrma geral e typo d'arcabouço, são dois grandes cylindros hirtos d'argamassa, tijollos, pedregulhos, de profil vertical, por cima terrados d'abobada com pavez de tijolo, e á roda grandes dentes d'ameias cobrindo um homem como escudos, e rompendo directamente do muro, que não de cimalha ou adorno a lhe embellezar a epiderme elephantiaca. O do sino tem uma locarna ou fresta apenas sobre o largo (3), da unica salinha d'abobada baixa, redonda e triste que o perfura; o da fonte, tres janellas sobrepostas, que direi. Uma por baixo, moderna, rectangulo de cantaria sem fôrma artistica, verdadeira janella de palheiro, é um d'estes buracos bossaes com que algum burgesso de barão rural utilisou em celeiro de batatas ou quarto de hospedes, a camarasinha re-

donda do tempo de D. Affonso V ou D. João II, suante de mysterio, com alçapão nos tijollos para as traições, e sua frésta de cruz junto do tecto. Esta janella não está na linha das que teria a fachada principal ao rez do chão, porém mais alta, e proximamente ao nivel do vertice do portico ogival que ingressa o cazarão. Em cima d'ella, uma sacada antiga, cujo piso pouco mais ou menos corre com o da fieira de janellas pombalinas da fachada; sacada contemporanea das muralhas, e assim seriam as de toda a frontaria do castello, quando a alluiu um terremoto (o de 1755?), (4), e o condebarão coevo as supriu pelas que lá se vêem agora — a descompól-o. Aquella sacada, descrevel-a vai ser para mim uma tortura, que a technica me falta, e além d'isso é coiza de quim-dins. Por corôamento um arco d'inspiração mourisca, feito de duas ferraduras de tijollo, desdobradas, como as d'algumas janellas d'antigos edificios eborenses, que ainda hoje se podem vêr pela cidade. Cada ferradura, formada de duas, concentricas e entalhadas no muro em planos sucessivos — de modo que a exterior, encontrando a oposta, suspende-se no angulo que com ella fôrma, na linha mediana da janella, emquanto a ponta de fóra repousa sobre a hobreira de tijollo que fez á janella como uma primeira moldura succinta, sem resalto na muralha — ao passo que a interior, para assim dizer protegida da primeira, tem o desenho e decoração architetonica de certas janellas do Paço de Cintra, das quaes apenas difere no incidente da ferradura dentada, além de muito mais cingida ao typo ferradura, em vêz de ser de pedra, ser de tijollo.

Certamente o leitor tem presente a fôrma d'umas janellas do Paço de Cintra, que as estampas inclusas lhe recordam: bi-partidas, com arcos de ferradura dentada, e character mourisco, e os columnellos central e lateraes, de pedra branca, encimados de pequeninos capiteis d'estylo arabe. Salvo as differenças que aponto, é o mesmo typo d'Alvito, *em rico*; e esta disposição comum para todas as janellas do castello, antigas, claro, ou de sacada ou de peitos: venho a dizer, a moldura exterior, d'alvenaria, em ferradura dupla, sem relevo no muro, e inscripta n'ella, outra mais gracil, onde três columnellos delgados e cilindricos, com capiteis de folhagem succinta, esboçados apenas, lhe

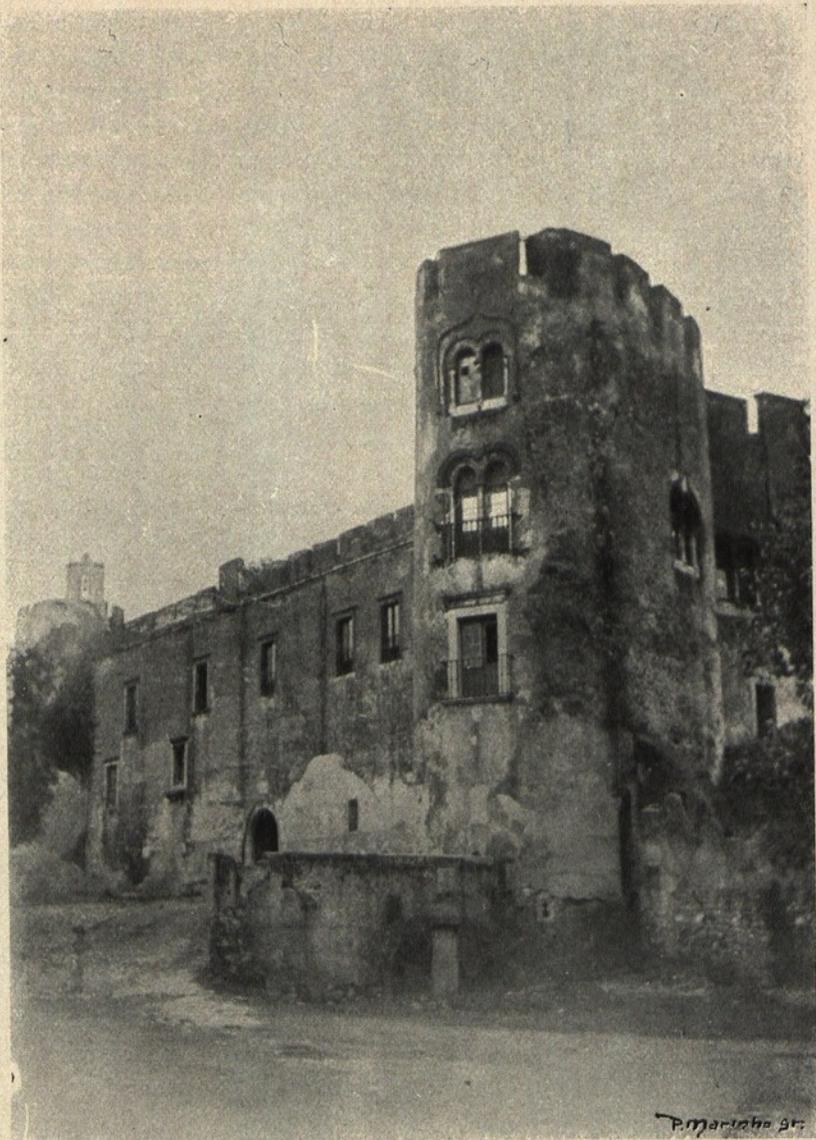
servem d'apoio ligeiro, perfilando os seus galbos d'alva côr.

A janella descripta pertence á camara de dormir do actual sr. marquez. Tem uma varanda de ferros forjados, em hastes rectas, chumbada n'uma *etagère* sem esculpturas, e em cima e em baixo, nos angulos da sacada, ganchos curtos ou gargulas, projectadas em guella de passaro, que serviriam talvez para n'outro tempo pendurar colgaduras ou lanternas.

Por cima d'esta janella ha ainda outra de peitos, menor, do mesmo typo, que é a mais alta do palacio, e fica proximamente no piso dos creneis que, diademando a fachada principal, fazem a volta de todos os cimos do edificio. O andar nobre fica pois em pavimento rente ao da actual camara do marquez, e n'elle apenas é antiga a janella direita da fiada, aberta já no torreão da fonte, e desde o torreão do sino até áquelle, as suas cinco janellas pombalinas, musgadas do sol, vidros partidos, farruscas da invernia, e illuminando aposentos que teem, da direita para a esquerda, o destino seguinte: camara do marquez, quartos diversos, sala de jantar pequena, tribuna, e por ultimo a capella, illuminada pela unica janella do torreão do sino.

\*  
.

2.<sup>o</sup> — *Fachada da Horta*. Esta segunda ála, linha nascente-sul, é a mais typica, e aquella cujo fascias mantém, na severidade rugosa, no ar dramatico e fidalgo, maior somma da pensatividade historica e medieva. Salvo uma fila de janellas rectangulares do rez do chão, vedadas quizi ao espectador



CASTELLO DE ALVITO — FACHADA PRINCIPAL

*Na linha poente sul; á esquerda o torreão da capella ou do sino, á direita o torreão da ponte*

por accidentes de construcção annexa, fortuita d'uma casa de lavradores do campo, ao desmazello da creadagem, tudo o mais é antigo, intacto, torrejado, d'uma dureza solarenga que enche a paisagem de grandiosas attitudes. No andar nobre seis janellas de peitos, bipartidas, cinco por columnellos centraes, a saber (da esquerda para a direita): uma no torreão da fonte, olhando a horta, e pertencente a aposentos do marquez, quatro na muralha nascente-sul e pertencentes, uma á sala grande de jantar ou *dos retratos*, duas á sala *dos veados*, e a quinta á chamada *sala estucada*, cujo canto intercepta o torreão do nascente, que tem uma camarasinha redonda com janella de

ferradura simples, e d'um só arco, sexta e ultima d'esta fachada do castello, de todas a unica intacta e completa.

Entre a quarta e a quinta janellas corporejam duas chaminés de resalto, eguaes, uma da sala dos veados, outra da sala grande de jantar, embutidas na muralha como pequenos torreões, e confundindo-se ao alto com dois creneis dos que formam a dentadura guerreira do edificio. O aspecto geral é quanto pôde ser de rude; uma condensação de tragico impa da móle rugosa e imprégna o ar, a villa e os campos de cultura, com fugas pelo estranho romanesco, ao ponto do espectador não vê de roda a realidade, e sobreviver apenas na mesquinharia das coizas, terrível de silencio, esse cenotaphio lugubre dos Alvitos. Nos extremos da fachada as duas torres roqueiras de trinta metros parecem de sentinella ao burgo, como gigantescos homens d'armas; tisdada de quatro seculos de soes e vendavaes, toda a argamassa do muro veste burel d'um cavalleiro que se fez monge, e alli ficasse para o sensacionismo agudo dos passantes, a suggerir essas analogias ocultistas que ligam, na noite das eras, os objectos aos seres, e a angustia erratica das almas antigas á poesia dolorosa dos destros.

\* \* \*

3.<sup>o</sup> — *Fachada dos quintaes*. E' uma cortina de muro, de vinte e três metros de comprido, crenelada como as outras, entre as torres do norte e do nascente, que faz o fundo do pateo, fronteira á entrada, e tem pela direita um portal em arco, moderno provavelmente, e pegando aquelle com uma serie de quintalórios fechados por uma taipa cujas portinhólas dão sobre a correioira ou rocio de S. Sebastião, réz-véz da villa.

\* \* \*

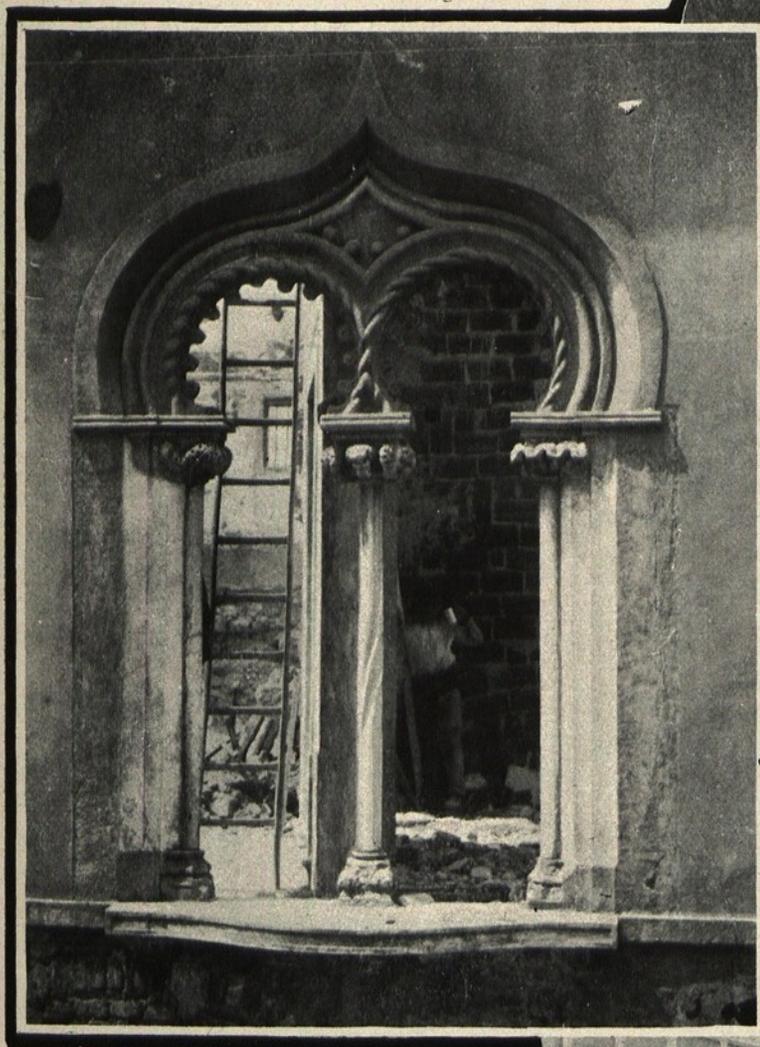
4.<sup>o</sup> — *Fachada da torre de menagem*: ligando a torre norte co'a torre do poente (e assim fécha o circuito), e consistindo n'uma cortina de dentes em tudo egual á fachada dos quintaes, e só d'esta divergindo em interceptal-a a meio um altissimo cubello, que é a *torre da homenagem* ou *donjon* da fortaleza. Esta cortina não tem para fóra janella

ou abertura conhecida; dá sobre os campos; e pelo lado de dentro foram-se-lhe agglomerando algumas construcções rasteiras d'alvenaria e telha-vã, quando os senhores d'Alvito começaram com a miseria a ter d'intercalar na vida de côrte, um pouco a preocupação da sementeira dos farejaes. D'esta banda do castello pois, o ponto curioso é a grande torre de menagem, um dos litigios da chronologia d'esta construcção singularissima. A torre de menagem d'Alvito é, como de resto em quasi todas as antigas construcções fortificadas, ou guardando apparencia d'estas, a parte dominadora e altaneira do castello, com o seu terraço sobranceiro ás outras torres, e o orgulhoso donaire d'uma cabeça pensante e vigilante sondando ao largo as ameaças dos cerros e dos bosques.

Pela sua secção quadrada e formidaveis cunhaes, feitos de parallelogrammos de pedra branca interferindo nas argamassas da parede, elladestôa da estructura e configuração dos quatro eirados extremos do castello, cuja figura cylindrica, creneis rectangulares e completa execução d'alvenaria, só acham n'aquella uma excepção que a espuria da fabrica geral, e lhe dá na architectura papel de corpo estranho, de cubello intruso, que as muralhas metessem para dentro. A torre de menagem tem dois andares (sem mencionar o terreo, e até talvez o sub-terreo, caso alguma véz tenham existido, estando agora entulhados, como succede a alguns dos torreões), cada um com escadas diferentes, e abrangidos cada qual por sua sala quadrada, d'abobadas altas, paredes espessas de dois metros, e enfim detalhes que mais por méudo passo a descrevêr.

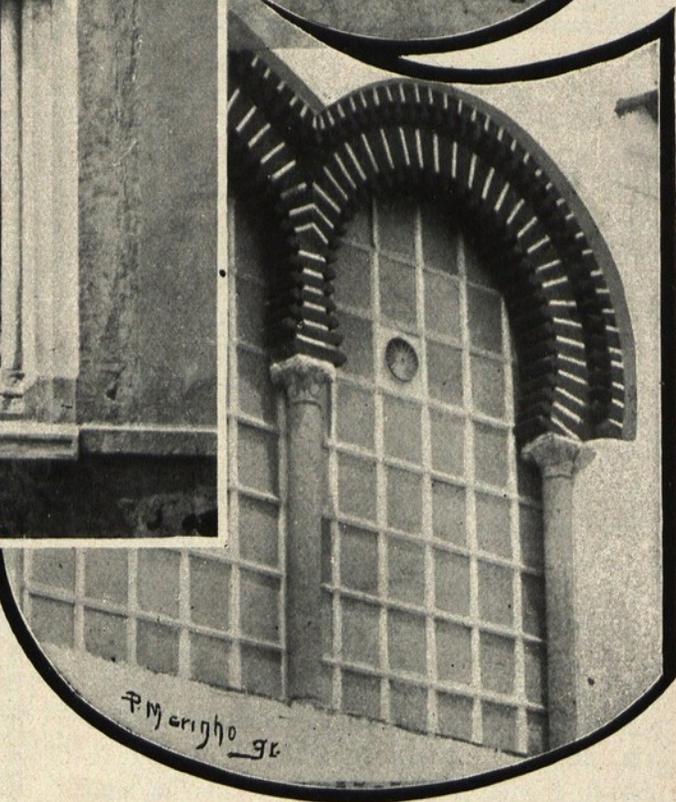
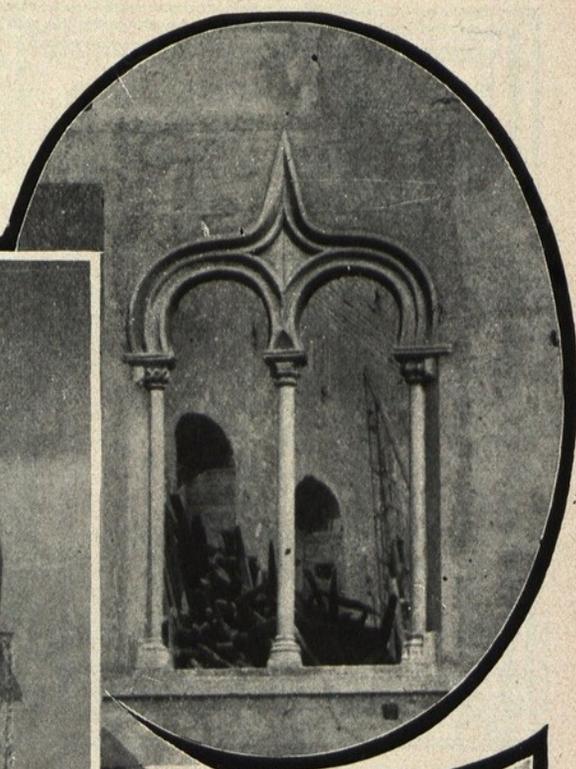
*A sala superior*. E' uma peça vasta e muito bella, fartamente alumiada, e acessivel pelo adarve da cortina dentada, que leva a um alto balcão d'alvenaria, com patamar no vertice, á altura d'um postigo que perfurando o forte muro da torre, lhe dá ingresso... E' de base quadrada, paredes altas, abobada de calote, nervurada de pedra, e as nervuras, de relevo possante, encruzando-se em xadrez caprichoso, com escudetes redondos nas cruzetas. Na parede fronteira ao postigo d'entrada, janella larga, rectangular, com dois valentes poios de cantaria ás bandas do parapeito, seu relevo d'arquinhos na pedra da soleira, sua moldura de cordões toda em redor, que duas

massarócas em relevo, fuziformes, interrompem a meia altura dos prumos verticaes. Esta janella é uma tribuna de gloria sobre os campos, a todo o pulmão olorante das pradarias cercanas e das longinhas florestas. Nunca teve portas ou vidraças: o vento canta, as chuvas entram, entra a

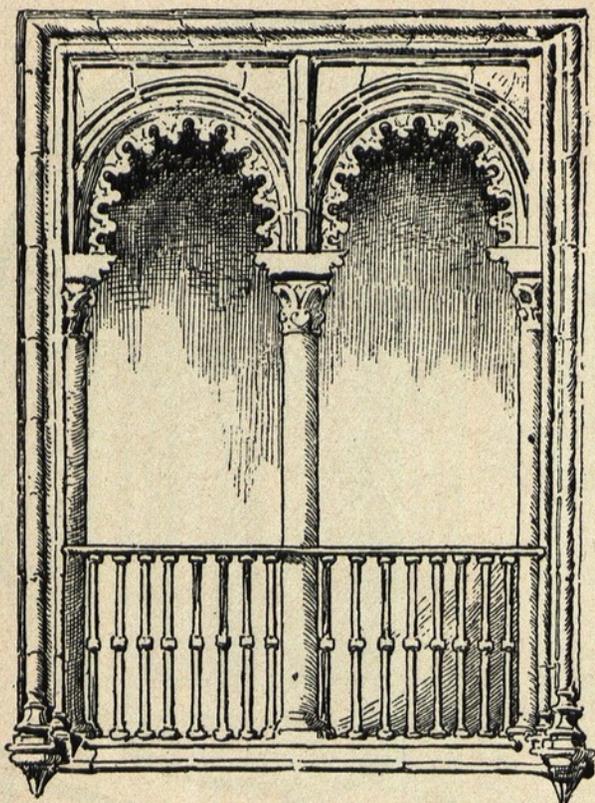


JANELLAS GOTHICO-MOURISCAS D'ALGUNS  
EDIFICIOS EBORENSES

manhã cantante, entram as andorinhas e os passaros, entram os alustres lividos das noites calidas d'outono, entra o feiche de sol passado entre nuvens de purpura e torvelinhando myriades de corpusculos! Examina-se a abobada: tem a calote profunda; as nervuras vem, na intercessão da meia esfera com a verticalidade dos muros, acabar em doze fitas ou cordões, rematados por doze misulas ou pinhas d'espiralado relevo e laçaria. Nos escudetes ou rondeis timbrando os pontos d'encruzamen-



to, ha um central que parece ter as armas do reino (dois escudos concentricos: no de dentro cinco castellos em cruz; no de fóra, sete, postos em guarnição ou colar tod'em redor), e quatro nas pontas do quadrado, representando animaes que serão lobos, quatro derodeando um que fica ao centro. Quazi



JANELLA DO PAÇO DE CINTRA

todas as grandes pedras tem siglas, e algumas iguaes a certas que se tótam na torre de Beja. Do canto que fica á direita da janella, um escadóz praticado na grossura do muro abre em cima no eirado, d'onde o panorama é estupendo e obse-dante. Do canto que fica á direita do pos-tigo d'entrada, novo escadóz leva á sala de baixo, hoje tambem acessivel por uma porta que a anexou a construções espurias que ha no pateo.

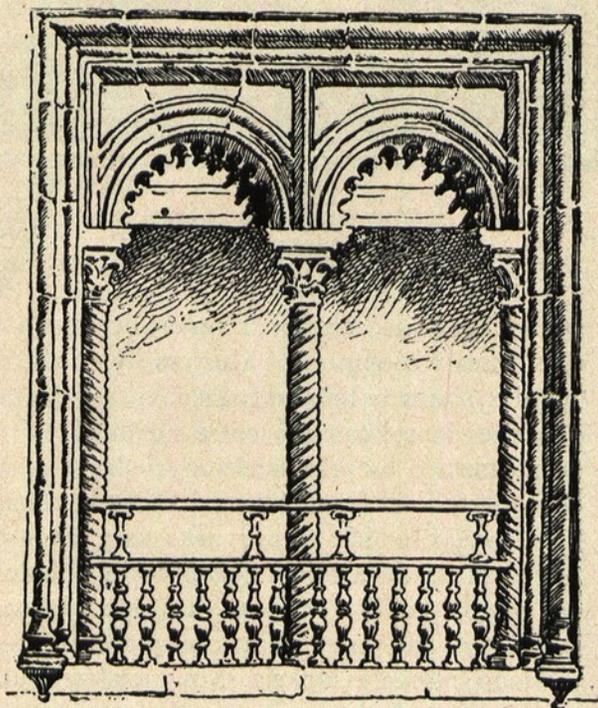
Esta sala em quazi nada difere da superior. Só o illuminal-a uma janella mais pequena, gradeada, sem ornatos, deitando para outra face da torre, á esquerda d'aquella em que está rasgada a da sala de cima; e os arangões ou nervuras da abobada, serem de tijollo, em vêz de pedra; e haver fronteira á janella, escavada na muralha, como que a reentrancia d'uma alcóva, onde cabem á vontade um catre e um oratório.

No pavimento ou chão do eirado rompe a ovalação da abobada da sala inferior; não ha creneis nem parapeitos acabados, o que representa que a torre, a ser contemporanea da fundação do castello, não teria talvez sido concluida, ou sendo anterior, foi

deixada á ruina em que a toparam (5). Paredes e abobadas, tudo está rijissimo e sem infiltrações de chuva, mau grado o desmazello. N'uma das faces, ao alto, da banda do poente, uma figueira brava tancha tumultuosas raizes pelos muros, pondo n'uma das orelhas seccas do colosso, sua répa de folhas viridentes. Cada ramo é um cacho vivo de pardaes, que nidificam, amam, fazem povo, na felicidade de viver sem medo ao gato e ás aboizes dos rapazes, unica alvorada d'este castello sem tropas nem cortejos. Todos os annos cortam a figueira maldicta, mas continuamente ella rebenta e acabará por vencer e chanfrar do gigantesco *donjon*, os velhos musculos.

5.<sup>o</sup> — O *Pateo*. Especie de pequena praça quadrada e circumscripita pelas duas alas do paço e pelas duas cortinas de muro creneladas. De face, vinte e três por vinte e quatro metros: o aspecto duro e o caracter severo com que a ruina nostalgiza a velhice dos caçarões monumentaes.

Residencia d'uma familia fidalga e poderosa, que esteve nos cêrcos e privou nos fastos de quatro aventureiras dynastias, aquella entrada tem effectivamente o geito de *quelqu'un qui va parler...* A' face esquerda vê-se



JANELLA DO PAÇO DE CINTRA

a escadaria nobre, em pedra tisonada, de dois lances, abocando em cima, por um patamar pequeno, o rectangulo de cantaria, sem architectura indicativa, que é o portal d'ingresso para a casa, e que o braço dos Alvitos sobrepuja, esculpturado em louza modestissima (6). Dos dois lances d'escada, o maior chega ao portal trepando ás costas d'um balcão assente em arcos de volta estreita e desigual, cujo corrimão sem esculpturas, nem balaustres, nem frisos, é uma especie de parapeito boleado, com sua goteira d'escôo pelo espinhaço. Todo este bocado deve ser acrescente, coevo por ventura dos remendos da fachada principal, e muito posterior portanto ás janellas que o ladeiam. As janellas são três, sacadas todas; duas á direita da porta, uma á esquerda, e com a architectura que apontei já n'outro logar, venho a dizer, ferraduras duplas concentricas, de tijollo, três columnellos, e grades forjadas, cujos varões direitos não projectam varandim para o exterior. Estas três velhas janellas illuminam, a da esquerda e primeira da direita, aos lados da porta, a grandiosa sala dos veados ou salão de honra do castello; a segunda da direita, a sala de jantar ou dos retratos, de que mais longe havemos que falar. Em angulo recto com a face descripta, vê-se a cortina de muro que disse constituir a fachada dos quintaes, e cuja face posterior fórma portanto o fundo do pateo do castello. Por este lado a cortina apresenta, perto do extremo esquerdo, uma pequena escada de tijollos carcomidos, angulando com outra cravada na muralha, e que leva ao adarve, (terraço estreito ou passagem que a bordeja), de sorte a permittir ao espectador debruçar-se para o lado de fóra do castello, ao abrigo dos creneis, e para o lado do pateo, n'um parapeito que lhe dá pela cintura. Do lado do pateo fórma essa escada sobre o muro, um corpo de resalto, parte apoiado em supportes de pedra, ou *corbeaux*, figurando monstros a tocar instrumentos, d'uma esculptura mais que barbarenga. Esta escadinhóla do adarve seria, como querem alguns, a unica entrada para o palacio e para toda a massa de torres e cortinas do castello, ou permaneceu desde a primitiva, embora com outra fórma, a escadaria exterior que vae abrir na sala dos veados? O certo é que o adarve communica pelo seu extremo direito com a moderna sala de visitas do palacio,

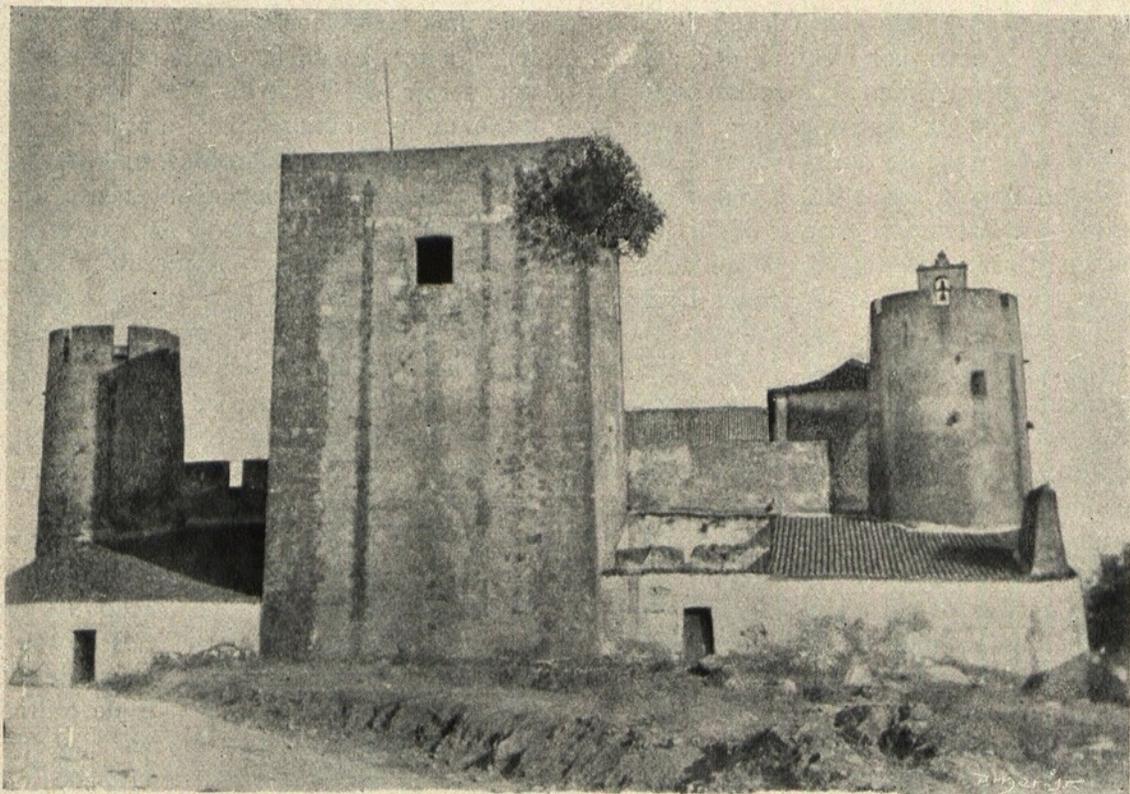
por uma portinha baixa, sem humbreiras trabalhadas, e canalisa-se pelo esquerdo com o da cortina da torre de menagem, estabelecendo um circuito d'eirados, praticavel, entre as torres do nascente, do norte e do poente, servido pela unica escadinhóla traz descripta. A terceira face do pateo, á esquerda de quem entra, é reverso da cortina da torre de menagem, topando em angulo recto a precedente, e fronteira pois á da escadaria principal. Tem como a anterior, já disse, sua passagem d'alvenaria, ao nivel dos creneis, com uma estreitissima escaleira que serve a torre norte, ou do ferrador, assim chamada por servir de habitaculo ao sidrotechnico da casa, ha muitos annos, e outras d'alvenaria assim, já muito velhas, estreitas tambem, e servindo independentemente a sala superior da torre de menagem, já descripta, e enfim pelo extremo esquerdo a salinha redonda do torreão da capella, e por esta o eirado onde badála a garrida, alguma vêz que ainda no castello se diz missa.

Já falei de construcções bastardas achincalhando a inponencia espectral d'esta porção da crasta solareiga. Escuso insistir. São as adégas, os palheiros, a rouparia e mais despensas de que a tisonada móle houve mister, passando de principengo palacio a monte de herdade, e trocando os entrechoques guerreiros e as chegadas de cortejos do seu pateo, por tosquias d'ovelhas, córtes de milagres piolhosas, e melancholias de gallinhas tomando os torrões de salão por limpadura. E' natural seja por estas construcções o caminho da sala terrea e subterraneos da torre de menagem, parte tenebrosa e rocambolesca do castello, se acaso a tem; mas eu não podia cheraviscar n'estes sitios defesos sem parecer seguir nos ventos da frasqueira portuense do Marquez; e por outro lado, respeito a subterraneos e masmorras, cuido que Alvito nunca tal possuiu, propicio a lendas. No pavimento da torre do ferrador á altura do adarve, vê-se uma abertura circular, hiante sobre uma escavação pociforme, meio entulhada. Era celeiro? Era masmorra? Diz o povinho que metiam alli as donzellas que na noite de nupcias se não deixavam provar pelos barões. Deve ser peta, e talvez para destrinço dos enredadores de taes balélas é que pozeram alli o ferrador. Ficam assim pintados do pateo, três *panneaux*; falta-me o ultimo, o do portico

da entrada principal, que nada offerece notavel, a não ser á direita da porta duas antigas janellas de peitos, uma de columnello ao centro, outra d'um arco, e ambas do complexo modelo já citado. Esclarecem estas janellas, com outras modernas mais, o comprido corredor que vae da sala dos retratos á capella, e para onde abrem quazi todos os apoentos da fachada principal.

N'esta face do pateo ha ainda outras janellas modernas, ao acaso das necessidades

tou de dividir, fóra de qualquer systema de methodo ou conforto. Não ha um fogão, uma recamara, uma abobada . . . São tudo paredes foscas ou cobertas á pressa, de cal, portinhas carcomidas com sumarios vãos rebordados de pedra, ao gosto dos portaes portuguezes, seiscentistas, janellas de poiaes graniticos, com aluidas portas de postiguitos de locanda : nada que dê rastro da riqueza ou luxo d'um paço de senhores; nem azulejos, nem sobreportas, nem frizos, nem tec-



CASTELLO DE ALVITO — FACHADA DA TORRE DE MENAGEM

*Na linha poente-norte,  
entre o torreão de capella e o do ferrador. A meio dos dois, a massa da torre de menagem, massiça,  
e desioando do typo das outras construcções*

pneumaticas e solares do edificio, mas quem as fez tinha da symetria uma noção bem desdenhosa, e o deus da arte deve tel-o mandado aprender co'diabo, architectura.

6.º — O palacio por dentro. Nada oferece a mais d'um aspecto flagrante de ruina, sem vestigios ao menos do apparelho guerreiro do exterior. Enfiadas de peças desabrigadas e talhadas sem ordem, n'uma construcção que só depois de feita se tra-

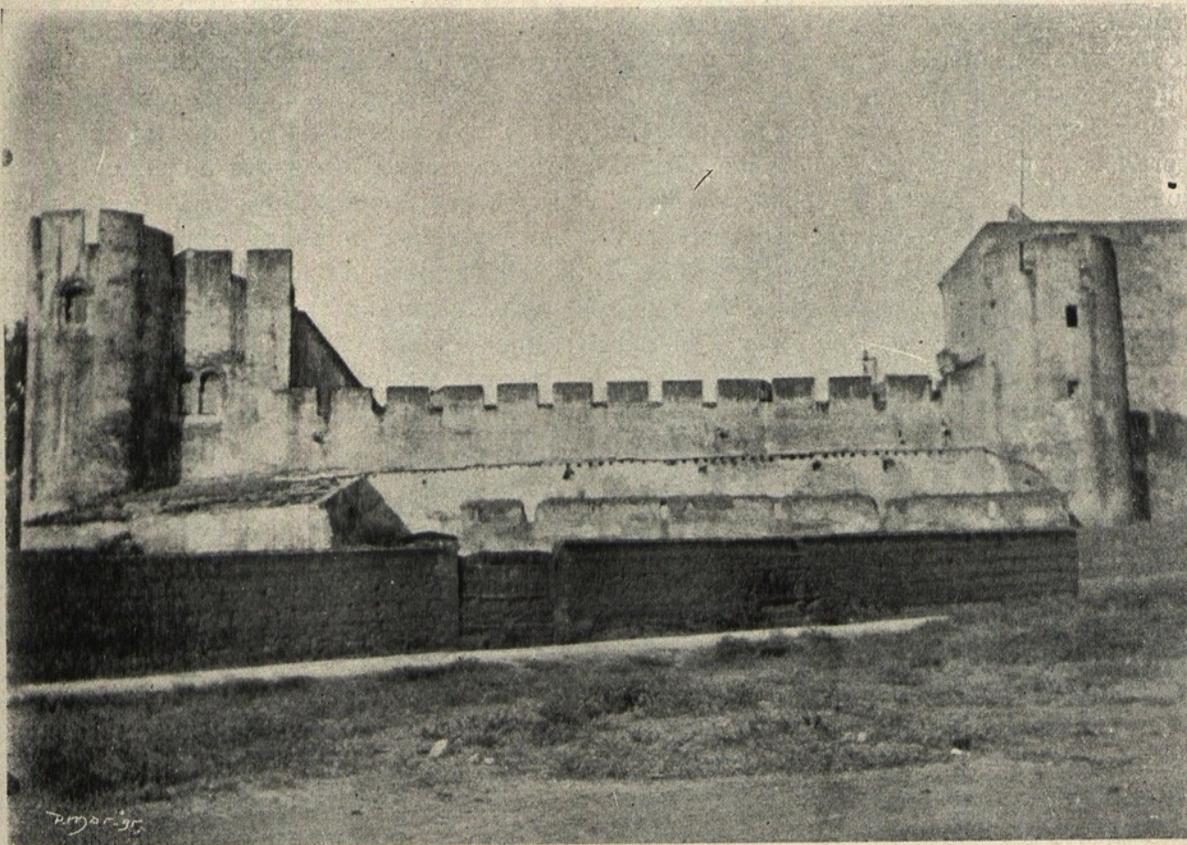
tos lavrados, nem o mais pequeno detalhe cheirando á renovação que a Renascença, a dominação hespanhola, ou a época de D. João V, determinaram nas artes da elegancia e conforto domestico em Portugal. Esta relativa miseria em paço tão arrogante, tem todavia sua explicação basto plausivel.

A familia illustre e rica dos Lobos nem mesmo durante o capullo, venho a dizer na fase formativa das suas casa morgadia e stirpe historica, supponho haveria rezidencia fixa, exclusiva nas terras do morgado — refiro-me, claro, á rezidencia do ramo senhoril ou primogenito. Gonçalo Annes Lobo,

corregedor d'antre Tejo e Odiana (1400) e sua mulher Mecia Affonso rezidiam permanentemente em Evora, segundo pude inferir de documentos. Fernão Lopes Lobo, que aos 17 ou 18 annos se achou na batalha d'Aljubarrota, (certo na ala dos namorados) e foi instituidor em seu filho Nuno Fernandes Lobo, escudeiro, do morgado nucleo da casa nobre d'Alvito, Fernão Lopes e sua mulher Tareja Annes (1422) viviam em Evora n'uma caza fronteira á igreja de S. Pedro, partindo

cervos, coelhos e outras alimarias», e em cuja posse «sempre esteve o dito seu Padre e antecessores, em cujos tempos a dita Coutada foi sempre, e mui bem guardada, e avia em ella muitas alimarias e caças para os Rex quando áquella terra iam», claramente se aléga que as rigorosas medidas contra os devastadores são necessarias «por seu marido nom viver na dita villa, e por isso nom poder mandar guardar a dita Coutada».‡

Quando Portugal com o advento das con-



CASTELLO DE ALVITO — CORTINA DENTADA

*Na linha nascente norte, entre o torreão do nascente e o do ferrador*

com outras d'Antonio Pinto e da Comenda de Tereza Marques. Diogo Lopes Lobo, fidalgo do concelho d'Affonso V, tinha rezidencia antiga e permanente n'umas casas «assentes sobre o muro e Cava da Cerca Velha d'Evora», onde tambem com efectividade rezidiram (1473) João Fernandes da Silveira e D. Maria de Sousa, sua mulher, filha d'aquelle.

N'uma petição d'esta senhora a el-rey Affonso V (1481) a que lhe fosse coutada e defendida com penas severas «hua Coutada antiga que era do Senhorio, chamada Monte do Coelho, na qual andavam porcos,

quistas e escursões ultramarinas faz apelo ao esforço diplomatico e guerreiro dos seus nobres, presumivel se faz que nos paços sertanejos, nenhum fique calado, tanto mais que de roda dos reis d'Aviz côrtes luxuosas entram de chamar a si as ambições da riqueza e da nobreza, aspirando dos campos toda essa malta de solareigos, quem sabe se embrutecidos de vinho, e vivendo de chacina e rezas nas atalaias das cazas infançonas.

Não admira então que a stirpe dos Lobos, desde D. Diniz intrometida no serviço real, fizesse no castello d'Alvito rezidencias intermitentes. Mencionei as fugas de morgados

e barões nos seculos xv e xvi. Na nota da capella já vimos como no xvii as ausencias seguiam, chegando os senhores a estar fóra das terras pelo espaço inverosimil de três annos.

O rouqueiro d'Alvito seria pois a residencia d'avoengo, a morada aristocratica, official da grande familia, plantada a meio das terras feudaes para assegurar nas villas e perimetros de tão vasto patrimonio, as jurisdicções e privilegios que sucessivamente os reis lhe iam confirmando e acrescentando. Ao castello viriam os senhores talvez nas quadras de verão, colheitas ou recebimento de tributos, correndo fóra d'essas épocas, entre mãos de feitores, a gerencia dos bens e a jurisdicção dos feudos independentes. Os moradores permanentes do solar seriam quando muito os irmãos do senhor, ou filhos segundos, á cóca de se estabelecerem ricos por algum matrimonio ou adopção de parentes estereis: uma ou outra filha nubil que ainda não era tempo de levar a el-rei, a que lhe escolhesse consorte: uma ou outra avó fatigada da córte e voltando para a capoeira e para Deus a confusão já um pouco crepuscular dos seus miolos debeis e beatos; finalmente, alguma casada infeliz, ou solteirona que desamparada de Deus não tinha sentido vocação para abadessa... Não surprehende pois toparem-se os por dentro da famosa caza solar dos Lobos da Silveira, na nudez abrupta d'uma verdadeira cóva de lobos. Se foi nos reinados d'Afonso V e João II que o solar teve a sua melhor época de gálas, todos sabemos que n'esses tempos rudes era coiza rara a decoração fixa das cazas, que se armavam de pannos, e poucos moveis, salvo alguma residencia excepcionalmente sumptuosa, que não seria facil topar no coração d'esse aspero Alemtejo, onde sempre chegaram tarde (ou não chegaram) os agasalhos e módas da vida confortavel — á uma pola dificuldade de communicações e distancia dos grandes centros, á outra pelo character adusto das gentes, e sua sobriedade rispida, que tanto as approximam dos arabes de Marrocos, seus muito proximos parentes. E isto mesmo parece; que o palacio solar mantivesse da época da fundação os muros nús, os portaes singelos e as peças desabrigadas que os rudes alvanéos coevos d'Afonso V e João II lhe haviam dado, e que todas as obras posteriores pertençam a épocas relativamente recentes, quando já

os Alvitos declinavam de riqueza, o que lhes explicaria o character d'á pressa e fancaria que lá teem. Estranha-se por exemplo não encontrar nas salas grandes, abobadas d'arteção, que profusamente se contam nas igrejas e crastas mosteiras coevas, d'estes sitios... Como explicar o caso? Existiriam essas ricas abobadas n'outro tempo, nervuradas de pedra, com suas misulas d'apoio, e rozaceas ou florões na triangulação dos grandes nervos? A julgar pelo typo d'algumas pequenas abobadas de calóte, miradas nas salinhas redondas das torres, os constructores e pedreiros do castello d'Alvito seriam broncos e pouco déstros artifices locais, sem pratica de grandes fabricas, e rudimentarmente apegados a moldes grosseiros, sobre desamparados de lavrantes sabendo aparelhar a pedra com primor. Essas abobadasinhas de feito mostram como nervuras dois meios circulos de pedra rude, resahindo sobre os muros como dois arcos de barrica, sem cordões ou arestas, nem pinha ou misula d'onde nasçam com graça; e isto em pleno D. João II, quando já no castello de Beja as três salas da torre poém os architectos de D. Diniz senhores da complicada architettura e impando graças d'adorno nos artificios d'artezoar e compór ricamente um abobadado de salão. Se alguma d'essas grandes abobadas houvesse sido cintrada e enchida n'alguma das salas grandes do castello, necessariamente pela estrutura eterna teria chegado a nós — ou ficaria na familia o raconto do desastre que a derribasse, como ficou o da fachada principal, alluida no reinado de D. José por um tremor, que não sei se foi o grande de 1755.

O presumivel é não ter tido Alvito, pelo que se vê das abobadilhas redondas das torres de canto, mestres d'obras capazes de se abalançarem a audacias constructivas, restando o alvitre de supormos as grandes salas primitivamente cobertas de madeira, grandes traves esculpidas ou pintadas, formando cordas, ou enxadrezes, rozaceas, sobre que se corriam taboas pintadas ou lavradas, fazendo em reentrancia, tumulos, bocetas, pinhas, almofadas, segundo a época ou a pericia dos embrechadores e marmeneiros, que os não haveria em Portugal mui para vêr, mas de quem ainda hoje a Hespanha guarda aos milhares, inegualaveis joias d'entalhado.

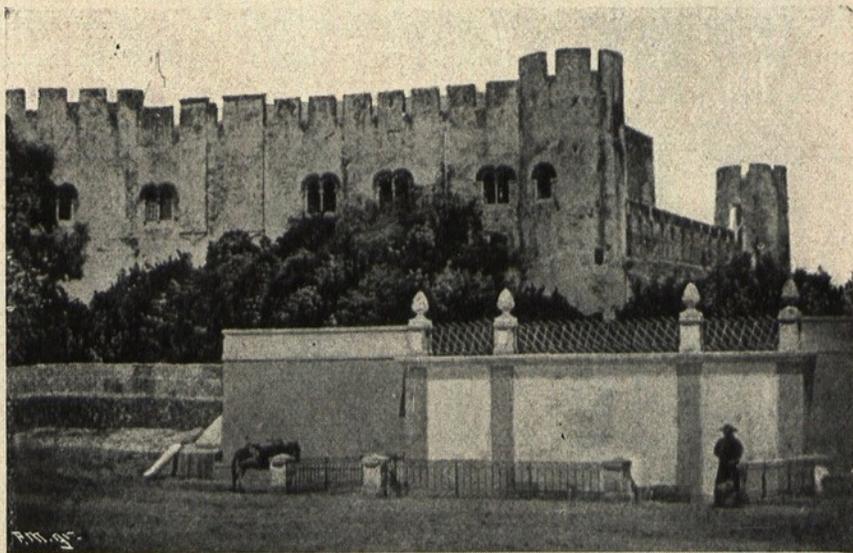
Quando na época de Pombal, depois do terremoto, houve mister fazer no solar grandes reparos, aos vigamentos antigos, necessariamente deteriorados, substituíram-se novas coberturas, e estas, que ainda duram (ex.: a da sala dos veados), algumas são da mais estreme simpleza, agravada da imperícia de carpinteiros d'aldeia, ultra-bossaes.

Mais estranha que a pobreza dos tectos e a ausencia de portaes architeticos, é a miseria dos fogões e chaminés d'essa grande residencia, n'um paiz onde a lareira tem ainda agora tão persistente papel na vida familiar. As boccas das chaminés são simples rasgões rectangulares nos muros das salas, sem pilastras, nem engras, nem frisos, nem cimalthas, nem resaltos pyramidaes dos tubos de tiragem. O architecto que ainda para as janellas quiz dar-se o luxo de columnellos de calcareo, pobres embora, apoiando os duplos arcos das ferraduras mouriscas, aqui, n'estas boccas de lume, de ródá de cujo fóco senhores e damas viariam depois de ceia seroar o xadrez ou lér romanesicamente as aventuras da *Tavola*, em grandes infolios, não teve traças de compôr um postigo, templete ou arco manuelino, sobre cujas misulas dispor cimalha ou bufete para os tocheiros e candis aos santos protectores.

Tudo pois n'este grande palacio cuja estructura exterior se conserva intacta, e de que a disposição interna, aparte reparos faeceis, bem se póde dizer da primitiva, deve suppôr-se converso a realisar o specimen da residencia feudal dos senhores d'antre Tejo e Odiana, no decurso dos seculos xv e xvi. Seria então a vida n'essa savana brava d'Além Tejo, uma coiza bem rude, como ainda hoje de resto subsiste na burguezia rural e arraia jornaleira, onde na cozinha tijolada das casas de lavoira, creados e patrões cómem em commum, vestidos de sargaço azeitada, em cadeiras de buim com costas d'azinho, sobre olaria grosseira, as gordas ólhas de cerdo e couves amargas, quan-

do não os feijões com alabaças ou cagarripas salobras da barreira.

No seculo xv, o mobiliario, escaço, não desenvolvera os requintes que as viagens do Oriente e a cultura franceza e italico-hespanhola alastraram pelo mundo logo ao primeiro alvorecer da Renascença. Como disse, as paredes das camaras armavam-se de pannos, e os arcazes e varguenhos (*bargueños*) que em viagem se carregavam ao dorso das mulas, sobre armadilhas em X, que por casa lhes serviriam de suporte, eram, com algum raro escabello. ou escanho d'espaldas, ou tamborete de docel macisso, ou estrado, ou almadraque de cocedras, todo o



CASTELLO DE ALVITO

*No primeiro plano a fonte publica, aproveitando o manancial que brota das raizes do castello*

apparelho da ebenesteria pezada do tempo.

Quando chega a Renascença, e Portugal, pelos productos da Conquista e furia das riquezas exoticas, chama a attenção da Europa illustre, então a sua vida d'interior sumptualisa-se e complica-se. São os moveis apainelados e retorsos de Flandres, e os quadros que de lá vinham por intermedio dos *feitores*, ou como hoje diriamos, consules ou rezidentes; são as madeiras do Brazil que duram seculos, as loiças e pannos decorativos da India e da Persia, os charões e bronzes do Japão e da China, os pannos muraes de guadamecis que se uzavam no verão, os de Granada e d'Arraz que serviam d'inverno; a azulejaria hespanhola, holandeza, e mesmo portugueza, revestindo os atrios, fazendo os lambris das camaras, á

compita co'as revestiduras de coiro de Cordova ou de Moscovia; algum acharoadado co-fre ou mezinha de coiro preto da India, lavrada d'oiro; algum *catel* ou sofá de cocedras de seda, algum espelho italiano, de metal, cingido em prata, algum escriptorio ou secretaria de láca, vermelha ou negra, com arabescos d'oiro e acharoadados.

O desenrolo emfim do luxo e do aparato que subitamente entravam em Portugal com a vizão das sumptuosidades do Oriente, com o acrescimo extraordinario da riqueza publica e privada, com a curiosidade e permuta civilisadora da Europa, — coizas que forçosamente iriam promover no tratamento dos fidalgos e mercadores ricos isso que na lingua do tempo se chamou *estado*, e era uma necessidade de ceremonial para que o portuguez mostrára sempre vocação.

Vae, no castello d'Alvito, a fisionomia subsistente e que dá typo fixo á morada (tivesse, ou não havido alguma vez superfluos d'aquelles), é a d'uma rude caverna feudal do seulo xv.

A nudez das paredes caiadas e sem silhares ou lambrizes de fayança ou de madeira; as janellas de poialitos toscos deladeando o portal concavo, os pisos d'adobe das camaras e os seus toscos fogões desmoldurados, a escadaria d'acesso, quazi rustica, o torrejamento hirsuto e os carrancudos creneis, tudo isto avança para nós de vizeira cahida, como a dizer que Lobos d'aquella matilha não podiam ser senão golpadores de hespanhoes, monteiros de féras, Capitães ferózes da India ou bandeirantes da stépa brazilenha.

Vamos agora um pouco a vêr as salas.

## NOTAS

(1) N'um dos volumes do Archivo da caza d'Alvito que tem titulo «*Colleção de certidões extrahidas do Real Archivo da Torre do Tombo a requerimento da Marquiza D. Maria Barbara de Menezes e Rappach, como administradora da casa de seu filho Barão d'Alvito, D. José Antonio Placido Lobo da Silveira Quaresma — cujas certidões a mesma senhora mandou pôr em ordem chronologica e formar o indice do que ellas sumariamente contem — Anno de 1778*», encontro uma «*Carta de confirmação do senhor rey D. Manoel, na qual se acham insertas outras dos senhores D. João II e D. Affonso V, em que por occasião da guerra (?) se facultou ao Barão d'Alvito a factura de hum castello junto da fonte d'esta villa, para sua defesa e dos moradores d'ella. Dada em Torres Novas, a 4 d'Outubro de 1496*».

Basta transcrever a carta de Affonso V, que segue em orthographia moderna, e diz assim:

«D. Affonso por graça de Deus, etc. A quantos esta carta virem fazemos saber que olhando nós o sitio da Villa d'Alvito, que ora é de D. João da Silveira, barão d'ella, e de D. Maria, sua mulher, ser muito disposto a se ahi, cerca da fonte, fazer um castello, e como seria proveitoso para a sua defensão, e dos moradores no tempo da guerra, e ainda para se em elle acolherem os moradores das outras terras da Baronia do dito Barão, de que elle é principal e Cabeça, e conhecendo que as fortalezas e castellos fortificam (razão de cabo d'esquadra) e honram o reino onde são, a Nós praz e havemos por bem, e por esta damos logar e licença ao dito Barão que elle possa fazer na dita villa, n'aquelle logar d'ella que elle entender, que mais conveniente para elle seja, e nos bem parecer, um Castello, n'aquelle fórma e cantidade, que nós depois com elle ordenarmos, e dagora Nos Praz que haja a serventia para as obras d'elle, de todos os moradores da dita villa d'Alvito e de todas as outras suas terras que elle tem em a comarca d'Antre Tejo e Odiana, a saber Villa Nova, Ouriolla, Aguiar, e assim mesmo de quaesquer pessoas de qualquer estado e condição que sejam, que nos ditos logares d'Alvito, Villa Nova, Aguiar,

Ouriolla e seus termos, ou em qualquer de elles bens de raiz tiverem, posto que n'elles não mórem, quer mórem nos logares visinhos e comarcãos aos ditos logares d'Alvito, Villa Nova, Aguiar e Ouriolla, como é Vianna, as Alcaçovas, Torrão, Ferreira e outros quasquer nos alongados d'elles, ou em qualquer parte do reino que sejam; e quanto ás outras despezas que é necessario se fazerem no dito castello, o dito Barão quando quizer começar esta obra virá a nós, e nós consideraremos d'onde se haja de haver dinheiro para ella, e o determinaremos como então nos bem parecer e aprouver. E mais nos Praz e Queremos que se por ventura o dito barão não começar, ou começar e não acabar o dito Castello antes do seu fallecimento, que D. Maria sua mulher, se viva fôr, ou qualquer que as ditas terras do dito Barão e D. Maria herdar, possa fazer o dito Castello, e usar d'esta nossa Carta como o dito Barão, em sua vida póde; da qual cousa lhe mandamos dar esta carta por nossa lembrança, e sua guarda».

Este documento de Affonso V não tem data. A carta de D. João II, que o referenda, vem de Torres Novas, a 3o d'Abril de 1489. A de D. Manoel, referendando a de D. João II, de Torres Vedras, Outubro de 1496, como disse. Quando Affonso V escreve, no lar do illustre João Fernandes da Silveira não ha ainda descendencia, pois o rei passa o documento para guarda do Barão, de sua mulher, ou *de quem herdar o vinculo*. Mas a carta de D. João II é já, segundo ella mesma declara, feita a requerimento de D. Diogo Lobo, primogenito de João Fernandes, e de sua mãe D. Maria — «e Nós querendo-lhe fazer graça e mercê Temos por bem, e assim lha confirmamos, e na maneira que n'ella se contém». Entre as cartas dos dois monarchas medeará pelo menos o numero d'annos da adolescencia de D. Diogo Lobo. E agora em que data se começaram verdadeiramente as obras do Castello? Foi ainda no reinado de Affonso V, conforme a carta d'este monarcha sugere, e n'este caso mentirá a lapide da porta? Recordame ter visto n'um dos livros do Archivo, uma ordem de Affonso V (e devo dizer que busquei agora o papel, sem ter tido a fortuna de o achar) mandando

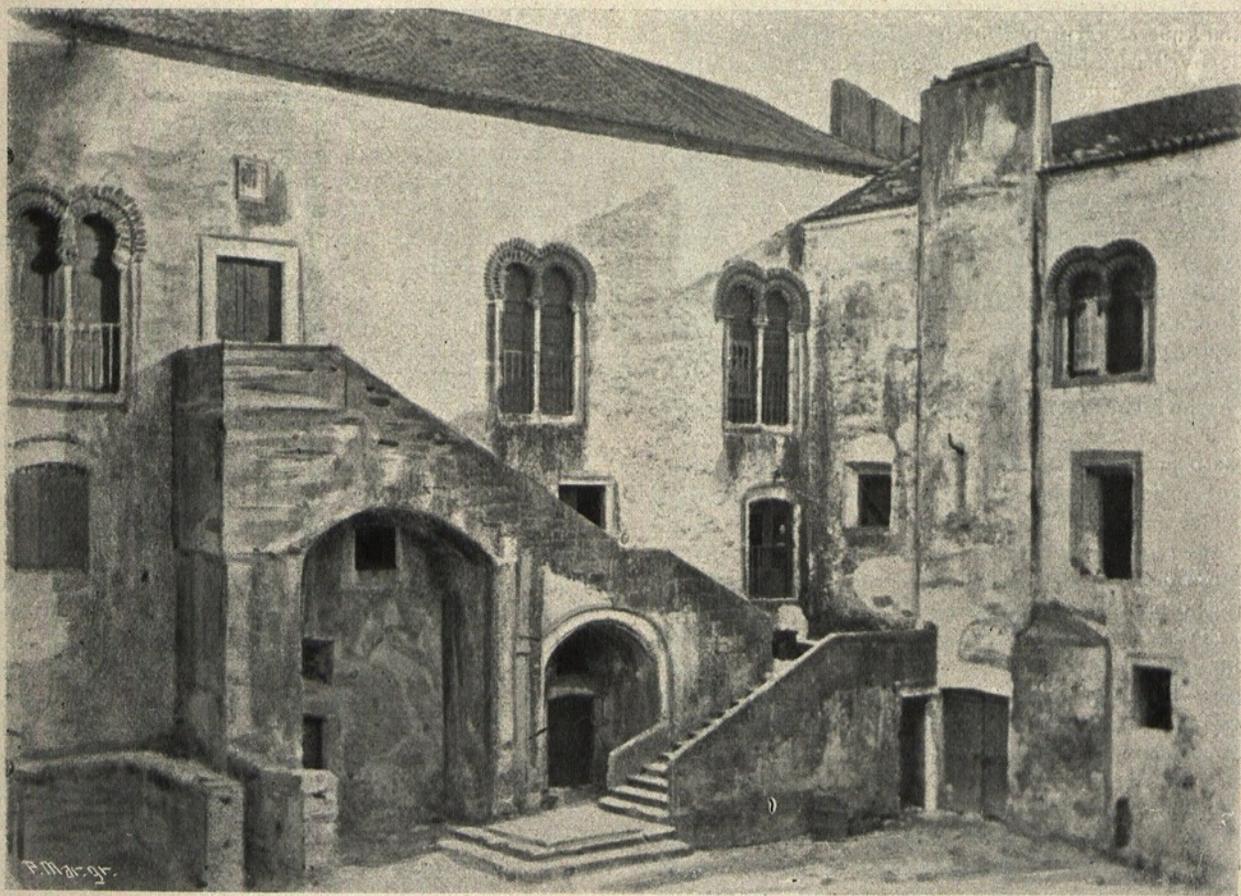
que os alvanéos, carpinteiros, lavrantes de pedra e mais artistas da construcção, rezidentes em terras da Baronia, d'ellas não podessem sahir enquanto as obras do Castello durassem, nem tão pouco encarregar-se d'outras obras estranhas, sob penas que a mesma carta exarava, com aviso ás justiças de procederem de rigor.

Esta media parece auctorisar a suposição das obras da fortaleza d'Alvito terem começado logo a seguir á carta de Affonso V. Ou realmente ter-se-lhe-hia dado principio só no reinado de D. João II, em 1454, segundo conta a lapide, 35 annos antes da carta de confirmação de D. João II? Eis o que provavelmente nunca mais será possível averiguar.

N'uma das pastas de documentos do Archivo existe um pergaminho em que o rei Philippe III de Portugal referenda um privilegio de D. Manoel aos habitantes d'Alvito, Villa

altanice e corpolencia frondosa, bem como as fachadas do palacio, sendo as duas torres opostas, e cortinas de muro que fecham pateo, apenas como uns remates á pressa da symetria rouqueira, sem mór respeito ás praxes da defensiva militar.

E' tradição local que o castello-palacio teve fosso, que encheriam as aguas do manancial dos alicerces, mas não ha vestigio de segunda cortina defensiva, nem ao centro do pateo cisterna ou poço d'onde bebessem os sitiados e foragidos, em caso de cêrco, nem, como disse, a anchura dos adarves, dos subterraneos e das quadras, poderia obrigar, por um dia sequer, o terço de vassallos das dilatadas terras do Senhor. E' verosimil portanto que a ordem d'Affonso V, confirmada por João e Manoel, servisse apenas para os barões fazerem castello para defesa propria e galardão senho-



CASTELLO DE ALVITO — DUAS FACES DO PATEO

Nova, Aguiar e Oriolla, «e outras terras d'aquella comarca», dispensando-os para todo o sempre de prestarem serviços em obras de castellos e muros, fóra das terras mencionadas, nem tam pouco darem dinheiro para o costeo e fabrico d'essas obras; e isto em recompensa dos muitos e afadigosos serviços prestados, com trabalho de braços e dinheiro, pelos moradores das ditas terras, na construcção do castello d'Alvito, em que não haviam sido ajudados por nenhuma gentes extranhas ao baronato. Tem data de 7 de Maio de 1625.

Para apanagio e defensão da baronia, e acolhida, em caso de guerra, de tanta gente como seria a população de quatro villas, afóra habitantes de cazaes, hortas e herdades esparsas pelo campo, a fortaleza d'Alvito, tal como hoje a vemos, nos parece insegura e d'escasso ambito para guarida de tantos moradores. A construcção, evidentemente desigual, feita aos bocados, apenas mostra nas duas torres da frente, certa

rial, curando menos da abrigada dos vassallos e moujiks, e que mesmo os reis, de D. João II em deante, já não vissem com bons olhos, longe da fronteira, essas grandes massas de construcção feudal que, posto sujeitas á corôa, eram ninhos d'orgulho e rebeldia ameaçando o poder centro.

Por estas razões supponho explicada a desproporção entre o castello d'Alvito, tal como existe, e o papel heroico, historico, que a ordem ou carta de Affonso V primitivamente outorgava á construcção.

(2) A tiragem actual é bem menor, ou seja de terem desviado o filão, pelo caminho, ou de se haver exaurido, com o tempo, o manancial d'origem. Esta nascente d'Alvito só no Alemejo tinha rival na d'Agua dos Peixes, e na de Bencatel, que passa perto do Alandroal.

(3) A capella do castello d'Alvito, cujo orago é o Espirito Santo. gosa do privilegio antiquissimo de ser ao mesmo tempo igreja parochial. O infante D. Henrique, ao tempo

arcebispo d'Evora, deu a primeira licença para n'ella se celebrar missa—«de maneira que o dito Barão e seus successores serão obrigados a terem sempre o dito altar levantado de pau ou pedra, e não movediço, e com ornamentos honrosos, de maneira que o dito altar e capella estejam sempre reparados de todo o necessario, etc». (*Carta de 28 de Julho de 1548, em Evora—Livro II da reforma dos documentos que se produziram, dos que existem no cartorio da casa d'Alvito, etc*). A data da fundação da capella não deve andar longe da licença para a missa.

Por uma serie longa de documentos que não vem p'raqui dizer, insertos todos no *Livro II* supracitado, infiro que o Barão depois d'uma porfiada peleja com os trinitários (frades da Trindade) d'Alvito, por causa d'interesses pessoas e municipaes (ao fim da qual os frades, vencidos, teriam promovido desacatos publicos contra o fidalgo: um d'elles á missa conventual, por via do prior Frei Bento d'Aguiar, que se recusou a lhe fazer as cortezias especiaes a que os Barões tinham direito, segundo tradições já d'alguns seculos; nas ruas e sitios publicos d'Alvito, outros, por boccas de revoltosos como Francisco Toscano Barreto, Neutel Manhás e Luiz Manhás, homens influentes — ha ainda hoje em Alvito a *Rua de Luiz Manhás* — chefes de bandos, com numerosos parentes e sequazes, que não perdiam vez d'insultar e difamar os Barões, suas justicas e creados, etc.) acabaria por se desgostar d'ir á Matriz, onde se acharia cercado d'odios e rancores, tratando d'armar em caza, capella, e de a enriquecer com privilegios que em pouco tempo a tornaram uma freguezia independente.

Assim foi que mais tarde a licença da missa se desbobrou na de se poderem ahi celebrar não só os officios divinos de todo o anno, como tambem os da Semana Santa, a ampliação coincidindo com o aformoseamento e alargamento do templo, que uma provisão do nuncio Landinelli, «coleitor d'estes reinos», declara não se incluir na prohibição dos «oratorios particulares», visto o mesmo agora ter «três altares e porta publica para o pateo do dito castello, com sino».

Eis a carta d'um arcebispo d'Evora, gongorico e galante (15 d'abril de 1631), a um Barão d'Alvito, sobre o caso: «Seja a vinda de Vossa Senhoria muy boa pera essa sua Villa, onde parecerá muy bem, e entre seus Vassallos pera os alegrar com sua presença, e lhe fazer todas as mercês e favores como bom Senhor seu, e eu por minha parte folgo muito de ter a Vossa Senhoria tão vezinho, porque será isso occasião de Vossa Senhoria me dar muitas de seu serviço pois ha tantas razões e tão antigas para Vossa Senhoria mas dar com muita confiança, e pera eu as festejar. O creado de Vossa Senhoria me deu com a sua as licenças que Vossa Senhoria tem pera uzar da sua Capella do Espirito Santo, e ainda pera fazer Celebrar nella os officios da Semana Santa. Eu vi as licenças e estão muy bem dadas, e assy póde Vossa Senhoria uzar d'ellas, e não tenho que encomendar a Vossa Senhoria as condições com que se dirão, da decencia e ornato e provimento pera estes officios, e pera os mais que se celebrarem, porque estou certo que Vossa Senhoria com sua christandade e devoção passará muito os limites da obrigação n'esta parte.

Deus guarde, etc. — data — Joseph, arcebispo d'Evora — Senhor Barão.»

No dito livro II, junto a uma confirmação e aprovação do Nuncio, respeito ás licenças dadas pelo arcebispo para no castello se poderem celebrar officios divinos, etc., include-se uma carta do capellão Francisco Pereira, posto em consulta sobre as condições sumptuarias da capella e seu ambito. E ahi se diz que é «hua egreja muito bonita e tem três altares, a saber, o da capella, e mais dois nos cantos do arco do cruzeiro, e tem a porta para o pateo, da banda de dentro do

dito pateo, sobre hua varanda que cae sobre o dito pateo, e tem sua sancristia mui linda com seus caixões em que estão as vestimentas e ornamentos, e seu lavatorio de mãos, e tem um sino com que se tange a missa cada vez que se diz, e acóde a ella muita gente, e des'que o Barão esteve cá agora faz tres annos se diz missa todos os Domingos e dias santos, porque quando veio trouxe licença do Colleitor que então era para se poder dizer missa, e V. Illustrissima (o arcebispo) lhe deu tambem licença para erigir a confraria do Espirito Santo, a qual vae por deante, e pelo seu dia se faz festa. havendo missa cantada e prégacao, e ao dia santo vespervas; e he capaz de se fazerem n'ella os officios divinos, porque caberão n'ella perto de duzentas pessoas, assim que não he oratorio como costumam ter os Senhores em suas cazas, e tem o necessario para a celebração dos officios divinos, mas não tem renda para a fabrica, e o Barão a orna muito do necessario, e agora o vai fazendo a confraria tambem, e não sómente se diz missa em ella quando o Barão cá está, mas ainda agora que está em Lisboa, como acima digo; assim que entendo poder-se dar a licença que o Barão pede, porque tem tudo o que em sua petição diz, salvo a porta para a rua que em essa não está da banda de fóra do pateo; senão da banda de dentro, mas como a porta do pateo sempre esteja aberta, e a gente que vae para a Igreja não passa por casa nenhuma do Castello, e entra pela porta que está de fóra, não deve haver inconveniente, etc». (6 novembro de 1626). O prior da Matriz d'Alvito não podia entrar d'estola no pateo sequer do castello, e para o fazer havia de ter recebido primeiro as honras de capellão da casa.

Hoje a capella do Espirito Santo nada tem que a recomende pela belleza ou pela arte. São duas salas do palacio, prolongadas e fundidas n'uma, por um arco, com seu altar ao fundo, e contra as paredes misulas e nichos onde horriveis santos desconjuntados exhibem acionados e esgares d'avesmas. Na historia da escultura portugueza revelam estas gibosas imagens a bestificação popular, crassa e imutavel, e enfileiram logo a seguir aos manipansos. Na caixa do altar-mór ha uma lapa envidrada onde se mostra em decubito dorsal, um Senhor Morto. Ha dez ou doze annos tinha o marquez em casa um certo Braz, eximio guitarrista, e especie de gracioso gozando no palacio da maior confiança e liberdade. Entre as gentes da casa havia tambem uma Eugenia, beata emerita e irmã da ama de chaves do marquez, a qual, grande mesureira d'idolos e rezadora de rozaños, andava sempre pela capella em genuflexões e arroubos lyricos aos santos. Um sabbado á noite, vespera de missa, consegue o Braz insinuar-se na capella, e vira o Senhor Morto de costas para o publico, esgueirando-se sem ninguem dar fé da irreverencia. Na seguinte manhã, vindo aos officios, imagine-se o alvoroço de Eugenia, perante a sacrosanta effigie de lombos; e desanda a gritar que era prodigio; acorre gente, e todos lêem nas costas do santo, grandes letras tortuosas que diziam. *Já te não posso aturar, Eugenia: vae-te! vae-te!*

(4) A fachada principal do castello d'Alvito constava effectivamente, á altura do andar nobre, d'uma fiada de sacadas, semelhantes em tudo a algumas das que ainda hoje se veem abertas para o pateo. E provavel que o gradaamento d'essas sacadas resahisse em balcão ou varandim, sobre as muralhas, em vez de passar de hobreira a hobreira, sem resalto ou prato de suporte, como hoje se vê nas janellas pombalinas. É tradição que a muralha d'essa fachada principal aluiu c'o terremoto, pedindo restauo intenso, e que os columnellos, vergas e tijollos dos arcos mouriscos, estão em parte guardados nos subterraneos ou dependencias terreas do castello, onde o fallecido medico Machado os viu, bastantes vezes.

(5) O exame da construção rouqueira nos seus typos fragmentarios, parece provabilisar a idéa de que os fundadores ou constructores primitivos do castello d'Alvito, achando feita a torre de menagem (que pelo typo parece da primeira dynastia, e por ventura faria parte de construção maior, sobre cuja ruina teria sido edificada a actual) a incluissem no plano do castello, mettendo-a na quadratura dos muros, como um bastião altaneiro a mais dos quatro que fecham quadra ou cerca.

Dois annos depois d'estarem escriptas as primeiras linhas d'esta nota, eis topámos n'um dos volumes da série do Archivo que tem titulo «*Colleção de certidões extrahidas do Real Archivo da Torre do Tombo a requerimento, etc.*», já citado, um documento em latim barbaro, epigraphado assim «*A' Ordee da Trindade, estromento per que lhe foi outorgada a villa d'Alvito e Povia de Villa Nova pelos testamenteiros d'Esteve Annes chanceler del-rey* (D. Diniz, diz-se n'um sitio, D. Affonso diz-se n'outro), *per virtude da verba de huu testamento aqui inserto, e prometerom de a meterem em posse corporal, etc.*».

Rezumirei esse texto tortuoso e complicado de formulas tabelliôas, que traz data da era christá de 1279. O chanceler Esteveannes lega aos frades da Trindade o *castello da villa d'Alvito* (tanto monta dizer o senhorio) conjuntamente com a Povia de Villa Nova, seus termos e pertenças, cujos redditos serão devididos em três verbas. 1.<sup>a</sup>, para fundação d'um hospital para enfermos e peregrinos necessitados (que ainda dura); 2.<sup>a</sup>, para sustentação dos frades trinos alvitenses; 3.<sup>a</sup>, redempção dos captivos, um dos fins sociaes para que a ordem se creara. Se com estas clausulas os frades não quizessem aceitar a herança, reverteria ella á posse dos sobrinhos do chanceler, que tomariam cargo de fundar em Alvito uma igreja em que se celebrassem officios divinos, e particularmente sufragios diarios e perpetuos por alma d'Esteveannes, seus parentes, bemfeitores, e «mais fieis defuntos».

«*Item. Mando castrum meum de Villa de Alvito, diz textualmente o documento, cum domo mea quæ dicitur Apotêca, et cum Popula de Villa Nova, et omnibus terminis suis, ingressibus et egressibus, fontibus, rivulis et pasciis (pastos), et aliis juribus suis, etc.*». Ou traduzindo «*Idem. Mando que o meu castello da Villa d'Alvito, com suas casas de celeiro (apotêca: adega, tulha, celeiro) a mim pertencentes, e com a Povia de Villa Nova e todos seus termos (ingressibus et egressibus, formula tabelliôa) entraveis e sahiveis, fontes, ribeiras e pastos, e quaesquer outros direitos, excepto os alheios, se os houer, etc.*»

O castello que afirma hieraticamente o senhorio; o celeiro que guarda a recolta do tributo ao senhor. E' então



CASTELLO DE ALVITO — DUAS FACES DO PATEO

Vê-se a torre do ferrador e a escada dos adraives

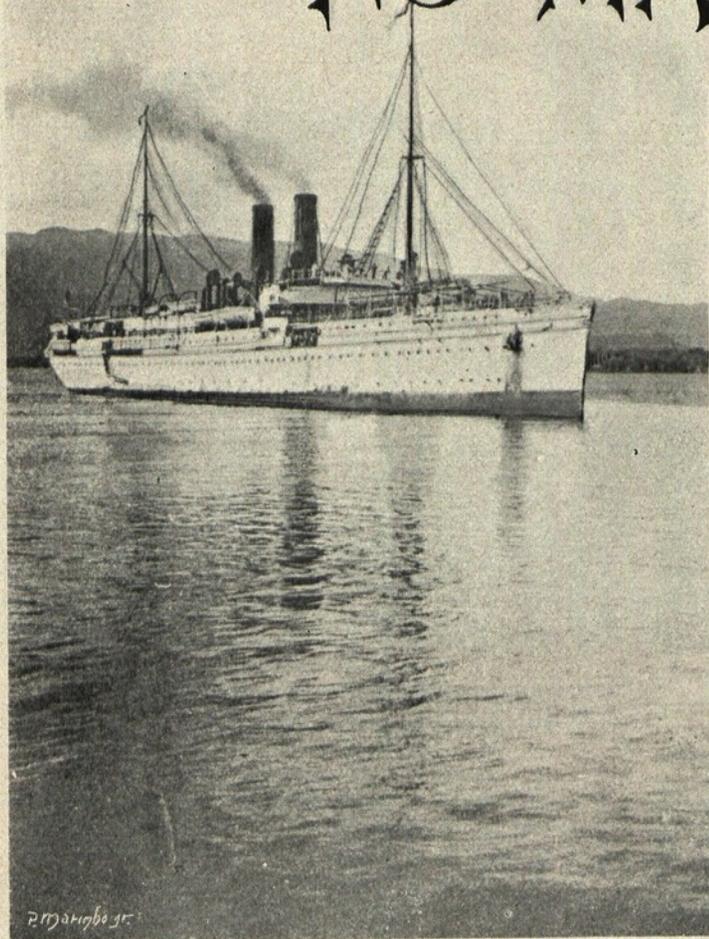
provado que já durante os reis da primeira dynastia Alvito havia castello. Resto d'essas edificações militares é provavelmente a torre de menagem que nos ocupa, pois examinada tem todo o character da época. O facto das abobadas das salas terem escudetes dos Lobos, não contraria a hypothese da anterioridade; podia ter havido restauração ou apropriação, quando a supradita torre foi incluída no castello.

(5) Seja da bisonheria das gentes, ou da raridade e impericia dos lavrantes de pedra, o certo é que os nossos edificios publicos e casas solaregas só como envergonhadamente afixam, nas frontarias e cunhaes, quaesquer timbres, brazões ou pedras d'armas, atestantes do orgulho ou poderio dos fundadores. Sobre a modestia microscopica dos escudos, tam pouco a arte espendida na ornamentação e composição d'estes symbolos hierarchicos, móve a sympathia dos esthétas, e vae de galardão ao talento creador dos debuxantes. Quão longe estavamos da arrogancia castelhana que esmaltou de brazões literalmente os muros dos palacios e dos templos, chegando a comprometter por vêzes, na obsessão heraldica, a luz das salas e a harmonia architectonica das superficies! A arte infinitamente elegante e senhoril de decorar e estylisar môtes heraldicos, duma invenção tão fogosa em Hespanha, desde a época românica, os lavrantes nacionaes desconhecera-na, ou quando muito, imperfeita e grosseiramente a realisam, a ponto de só nos seculos xvii e xviii a heraldica ornemanista em Portugal ter consciencia do admiravel papel que lhe poderia ter dado a arte, na galanura exterior dos edificios.

(Continúa.)

FIALHO D'ALMEIDA.

# NÓ MAR ALTO



## Impressões de bordo — A caminho do Rio de Janeiro

de anjo, não verá a sua mamã-sinha. Ainda não fala. Que pensará aquella linda cabeça loira, vendo decorrer os dias sem deparar com essa mulher a quem lhe ensinaram a chamar mamã?

Afoga-me uma dôr inexprimível, ao deixar as minhas creanças.

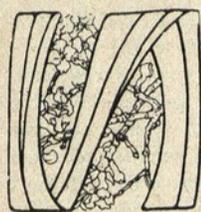
Eu sei que ficam bem entregues a uma creatura que as estima, mas por mais que os outros lhes queiram nada pôde substituir o terno beijo que á noite as adormece e as desperta de manhã.

Mas é preciso ser forte, continuar a lucta.

No meio dos meus desanimos, quando me julgo infeliz, olho para elles, para os adorados filhinhos,

e vendo-os mais desgraçados do que eu, — pois que a minha desventura é ainda o seu unico arrimo — sacudo da minha alma o desalento, e lanço-me na batalha com mais coragem e ancia de vencer.

— Adeus, pequeninos! Espero em Deus que hei-de voltar victoriosa.



A vespera da partida andei excessivamente nervosa, completamente desalinhada de espirito. Um horror! Sentia o vacuo no cerebro. Não podia precisar uma idéa.

Os pequenitos, em volta de mim, faziam-me subir á garganta soluços que não estalavam, aos olhos lagrimas que não explodiam. Fazia-me forte, para não os apoquentar a elles, aos meus amores.

A' hora da saída de casa; o meu morgadinho — o Stelio — agarra-se a mim e diz-me com voz chorosa :

— *Ma petite maman, comment pourrais-je vivre tant de jours, sans te voir!*

E começou de chorar afflictivamente.

O pequenino Marcello dormia.

Pobresito! Quando acordar do seu somno

.....  
Por uma tarde cheia de sol, que enche a rua de poeiras de ouro, vou-me em busca do paquete, onde devo habitar por uns dias que acharei sempre longos, por mais breves que sejam.

Defronto-me com o *Amazona*, uma embarcação enorme. Lá dentro é como que um grande predio com varios andares e uma encruzilhada de corredores por onde a gente labyrinthica.

(E' tão grande o barco e tantos passageiros leva, que, ha dias a bordo, apenas



MERCEDES BLASCO

vi dois ou três artistas da minha companhia. Não sabemos uns dos outros.)

Tropeça-se n'uma infinidade de pessoas, umas que partem, outras vindas para fazer as suas despedidas aos entes queridos que para longe vão.

Alguns amigos procuram-me n'aquelle dédalo de ruellas.

Lá estavam o Hogan Teves, eterno gracejador que occulta a sua boa alma sob um sorrisinho caustico; o Forjaz de Sampayo, cynico por *sport* — não creiam nas *Palavras Cynicas!* O Silva Passos, de falar insinuante; o André Brun, o auctor theatral óra em foco; o Alvaro Neves, em cujo criterio artistico tenho achado um valioso collaborador na parte esthetica dos meus livros; e mais, cujos nomes me esquecem na barafunda da ultima hora.

A todos equal quinhão no meu reconhecimento.

A sineta de bordo dá o primeiro signal para avisar da partida. Desço á *cabine* a fazer a minha *toilette* para o jantar.

Vou muito bem installada. Eduardo Victorino fez as coisas em grande senhor. E este principio é de molde a fazer-me esperar todas as bizarras da inteireza de character do conceituado empregario.

E' bom frizar este ponto, porque em geral a maior parte dos empregarios de companhias para o Brazil promettem tudo em Portugal, mas faltam tambem a tudo, quando pilham os artistas longe da sua terra.

Estou apprehensiva com a recordação da minha malfadada viagem ao Pará, durante a qual soffri horrorosamente.

Diz-me o pessoal de bordo, amabilissimo como todos os que veem d'essa deliciosa França, que o vapor não se sente mexer. *Il ne bouge pas.* Effectivamente, ha um quarto de hora que escrevo na minha *cabine*, enquanto o barco segue a sua róta, e continuo bem disposta como se estivesse em terra.

O espirito é que está irrequieto. O desconhecido para onde vou atrahe-me e intimida-me ao mesmo tempo.

Mas tenho a certeza que uma vez no campo da batalha marcho para diante, sem que me assuste a fuzilaria do inimigo que me proponho vencer.

E depois, tão bem me teem falado d'essa linda cidade do Rio de Janeiro, da sua maravilhosa horda de poetas, onde enfileiram Raymundo Correia e Olavo Bilac, que morro de desejos de que o navio me leve depressa ao meu destino.

Para absorver absolutamente o meu espirito, leio o precioso livro de Fialho de Almeida *O Paiç das Uvas*, que o delicado



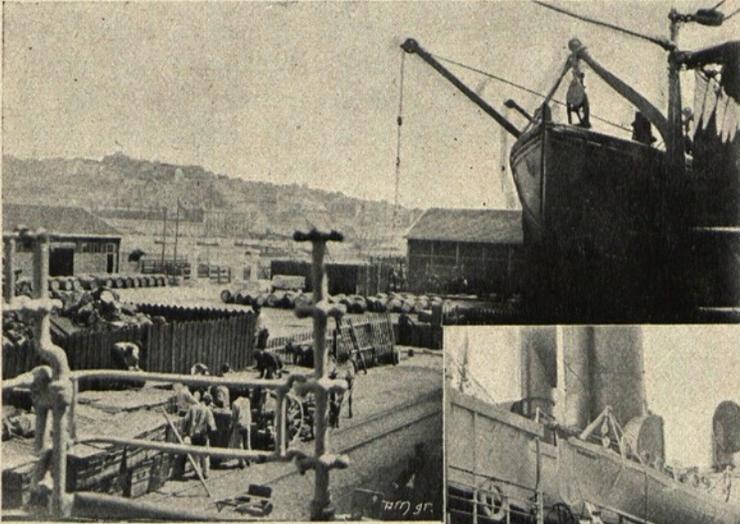
OS FILHOS DE MERCEDES BLASCO

lapis de Julião Machado commenta; livro que um dedicado amigo mettu na minha mala, ao passo que lá mettia tambem, com as precau-

Não o leiam os novos que esperam fazer fructificar o seu engenho nascente, senão é certo que vão descrêr d'elle, do tal engenho, murmurando enraivecidos:

— Nunca escreverei como este diabo!

E assim se foi a primeira noite. Mas na manhã seguinte atacou-me de rijo esse terrivel *mal de mer*, para que não se en-

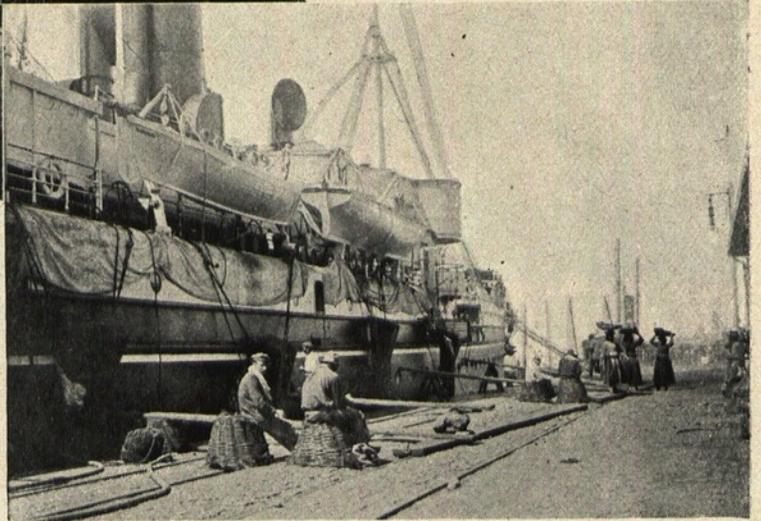


ATRACADO AO CAES

ções de um ladrão medroso, o seu retrato e o seu coração...

E realmente a minha idéa concentra-se, completamente enfeitada por essa inconfundivel maneira de dizer, tão pessoal e communicativa, do grande artista dos *Gatos*.

Abençoado talento, que me fez ignorar a saída da barra, o momento fatal que põe á prova o estomago e os nervos dos que se abalançam por esses mares *nunca d'antes navegados*.



ATRACADO AO CAES

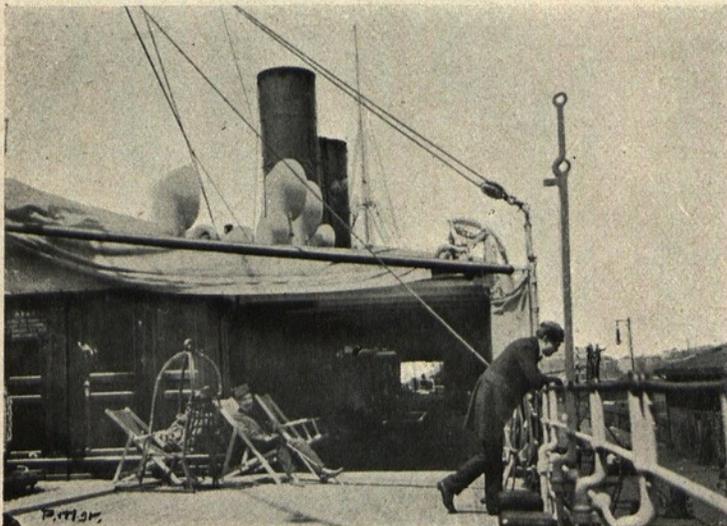
controu ainda remedio, por mais esforços que para isso tenha feito a sciencia.

Tomo então o partido de fazer como a Sarah, a minha illustre *dévançière*, no exotismo e nos destrambelhamentos nervosos: — Deitei-me com tentções de me levantar apenas á vista do Rio de Janeiro.

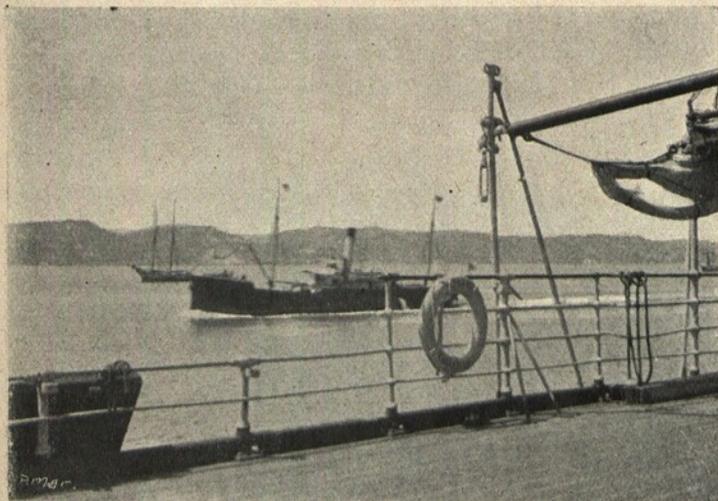
Não sei se a eterna *coquette* levaria para junto de si qualquer filigrana litteraria de Rostand, — o sublime doido. Eu levei commigo o Fialho, que foi o meu companheiro espiritual durante a travessia.

E não se diga que não me distrahi a valer. Todas as noites se juntava na minha *cabine* uma brilhante sociedade.

Elle era o lascivo e glotão do *Frei Braz* em cata das graças roliças e dos saborosos pitéos da



DE PARTIDA



UM PAQUETE QUE PASSA

*Dorothea*; elle era o *Carrasquinho*, tão pequenino que d'uma vez foi parar ao bucho d'uma vacca, quando tomava o sol n'um appetoso olho de couve; elle era a linda cancerosa, disfarçando os seus espreguiçamentos de amor em attitudes de marmore.

E muitas vezes, empoleirada no dorso de uma vaga, ia bater-me á janella a *Princesinha das Rosas*, toda escorrendo de espuma prateada, as algas dos cabellos serpenteando em torno do seu esbelto corpo de ondina.

Vinha, curiosa, espreitar o espirito do Mestre, que já uma vez lhe quebrara o encanto, desejosa talvez de que elle a furtasse de novo ao amplexo gelado dos tritões.

E lá de cima chegava até nós o repenicado das castanholas de duas filhas de Hespanha, que ensaiavam os lubricos requebros dos seus corpos trigueiros. Grupos cantavam em côro canções do seu paiz; e a tudo sobresaía o som estridulo do cla-

rinete do meu visinho do lado, que teimava em exercitar os pulmões, estragando a canção do toureiro da *Carmen*. Maldito clarinete!

Dois dias passados, os creados da *cabine*, entre os quaes vim achar um *ecuyer* que trabalhou nos principaes circos da Europa, insistem para que experimente subir á coberta. Subo.

Por toda a parte magotes de gente onde destacam as fardas dos officiaes da infantaria colonial franceza, que vão para o Senegal, acompanhando até Dakar,

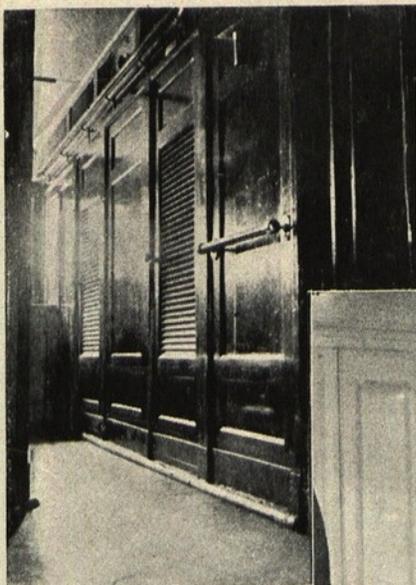
Mr. Milliés-Lacroix, ministro das colonias de França, que estará em Lisboa a 27 de maio.

Da ponte entreteem-se a atirar aos peixes voadores, que em cardumes cercam o barco, e em cujas escamas o sol põe scintillações de oiro.

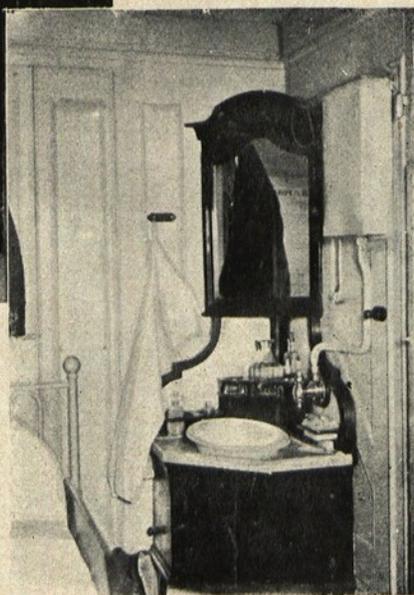
Uma *miss* esguia e loura aninha-se na cadeira, como uma preciosa trouxa de rendas e sedas molles. Mais além uma *institutrice* allemã, a caminho de Buenos Ayres, escuta distrahidamente o marulhar das ondas, pensando — quem sabe? — em encontrar *là-bas* alguém que a ponha em casa propria e a tire do horror da sua lamentavel subalternidade.

A terceira classe regorgita de pobre gente que emigra para longes terras, em busca da riqueza que as batatas e as couves da sua courella lhe negam.

O peor é que a fortuna dá-lhe ás vezes para fazer partida aos visionarios que para



EXTERIOR DA CABINE



A CABINE

ella correm cheios de fé nos seus enganadores feitiços...

E olhando o immenso lençol de agua que se estende a meus pés, eu penso com amargura que longos dias ainda terei de passar a olhal-o.

E' grande, é imponente o mar! E' um espectáculo soberbo a *elegia violeta do morrer do sol*, no dizer de Fialho, mas o espectáculo repete-se todos os dias com egual monotonia, e cança afinal.

O mar!... Admiro-o, mas não o amo.

Dêem-me terra, terra! Oliveas frondosos, campos de trigo, que as papoilas manchem de rubro, com tufos de malmequeres á beira do caminho.

«Como vai o meu amor? Outros olhos apagaríam da sua retina o reflexo dos meus?»

17 de abril — A' vista de Dakar.

Outros beijos substituiriam na sua bocca o sabor dos meus labios?»

Dize-m'ó, malmequer: «Muito... pouco... nada... Muito... pouco... nada!!...»

Já se ouve perto o canto das lavradeiras, chapinhando no ribeiro as mãos crestadas.

D'além chega até nós o guisalhar das ovelhas, que um pequeno pegureiro, de annellados cabellos desbotados pelo sol, conduz pelos correjos da encosta.

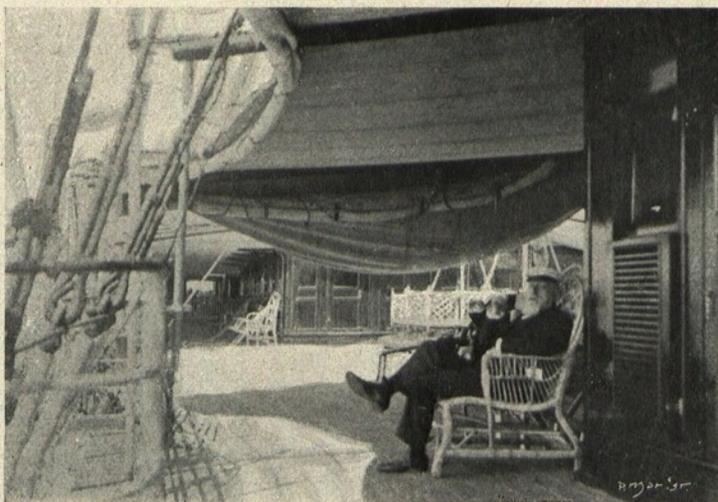
E mais longe, não vedes no cimo d'aquelle monte o laborioso moinho, na sua faina de sempre, preparando o pão que hade calar o estomago da humanidade esfomeada?

Oh! minha phantasia!

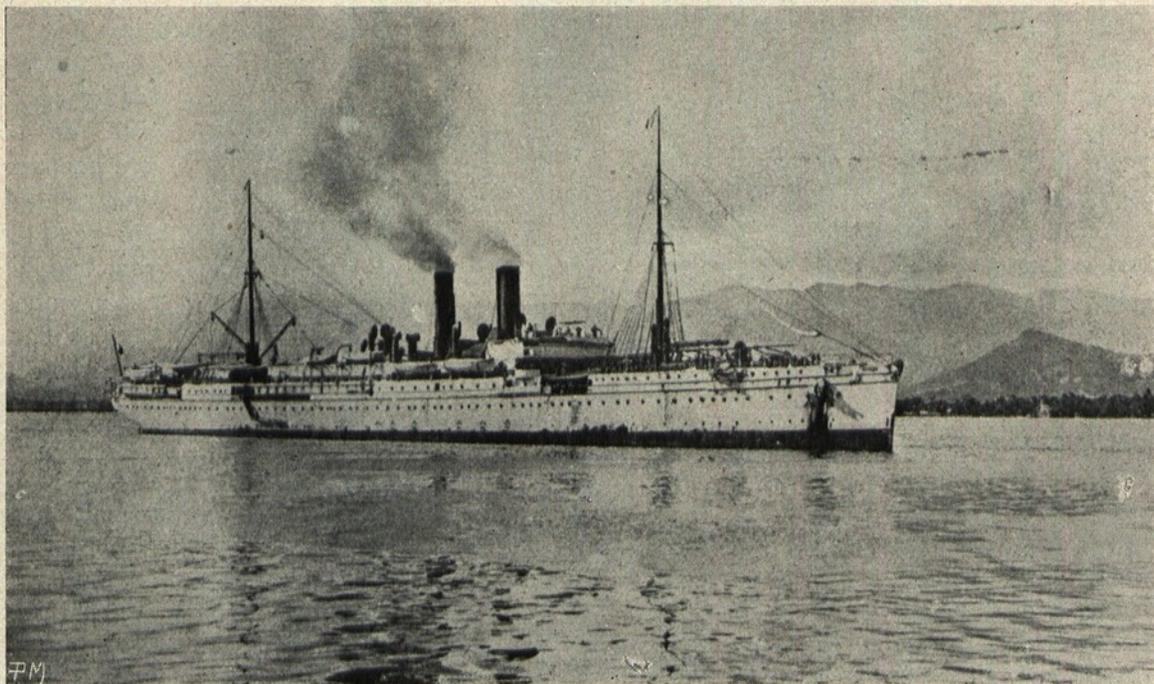
Agua... mais agua ainda!

Terra... terra, quanto me tardas!...

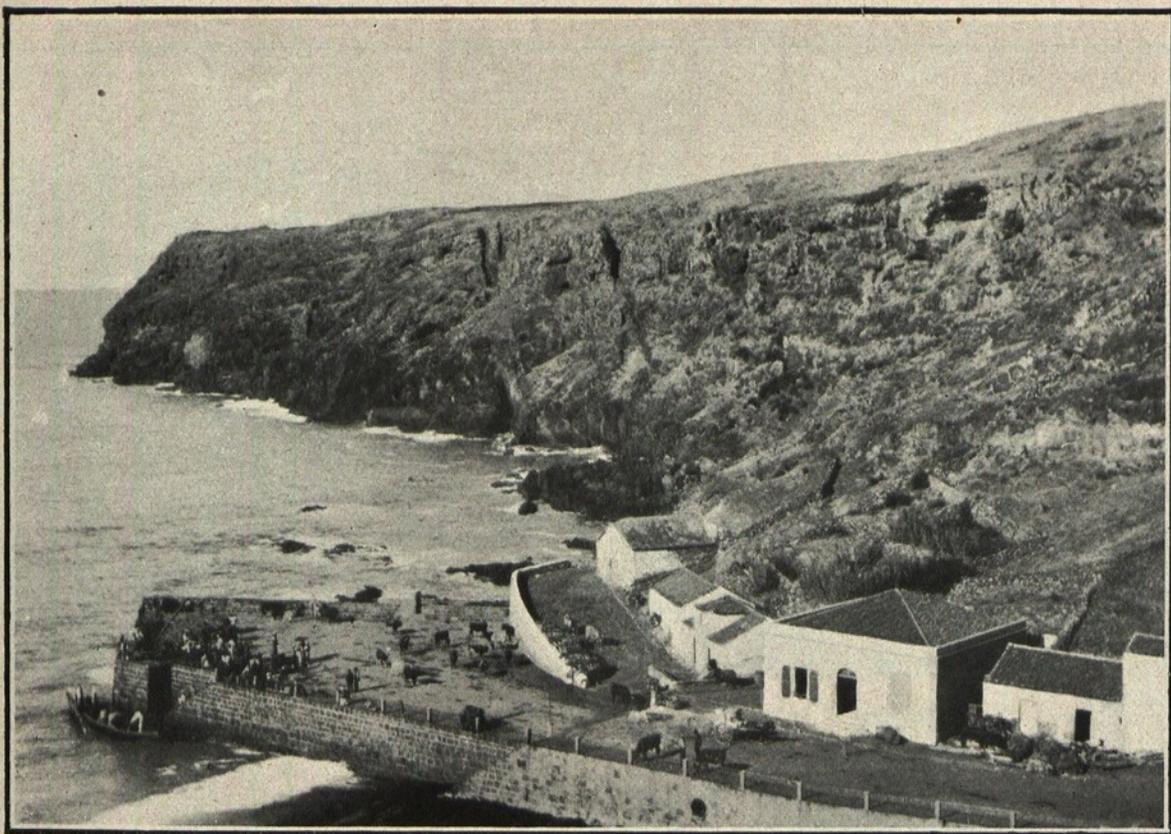
MERCEDES BLASCO.



UM PASSAGEIRO



O «AMAZONE» EM VIAGEM



ILHA DE SANTA MARIA — CAES DA ALFANDEGA

## Uma excursão aos Açores



o gesto inspirado do infante de Sagres, partiu audazmente Frei Gonçalo a descobrir terras.

Propicia lhe foi a estrella guiadora, abrindo á proa da sua nau a esteira que a levou ás ilhas dos Açores.

Aquelles dos leitores que queiram dar fé da narrativa da viagem do seu descobrimento, da sua colonisação, do seu primitivo estado, dos cataclismos vulcanicos que de principio as assolaram, das luctas heroicas que pela liberdade da patria ali se sustentaram, da sua brilhante genealogia, — de toda a historia, emfim, que constitue os primeiros seculos da sua vida — folheiem as chronicas de Fructuoso e do Padre Cordeiro, pois que não é essa a materia de que vae tratar o presente artigo.

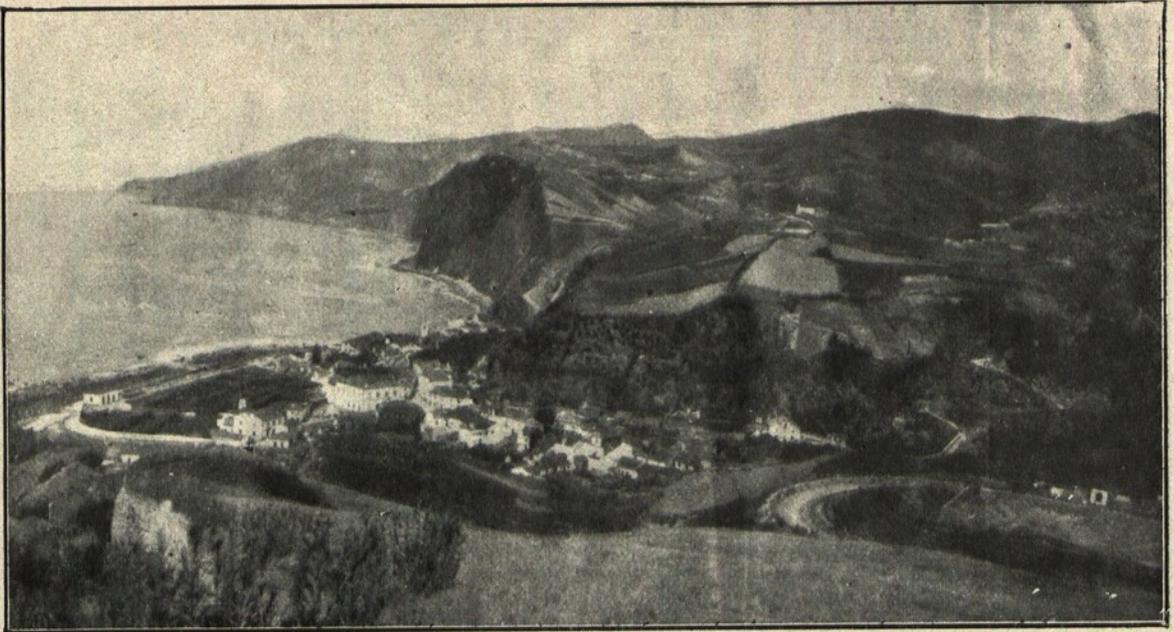
Cheio de actualidade, elle visa exclusiva-

mente, no meio de indifferença metropolitana, quiçá da sua inconsciencia do valor material e da belleza physica dos Açores, a dar ao leitor uma rapida, suggestiva idéa do que são e do que valem esses nove pedaços de terra portugueza, onde uma população intelligente e honesta trabalha afincadamente pelo desenvolvimento da riqueza local, tendo feito das ilhas, já de si tão bem-fadadas pela natureza, verdadeiros adens appeteciveis — que mais são inveja de estrangeiros do que orgulho de portuguezes!

Isto posto, façamo-nos ao mar.

Transposta a barra do Tejo, o paquete vae sempre em frente, deixando a ré, mingando, fundindo-se com o mar, a terra de Portugal, cujo ultimo pedaço a despedir-se nos dos olhos é o altaneiro massiço escuro da serra de Cintra.

Depois, só mar e ceu — essa sensação



S. MIGUEL — VILLA DA POVOAÇÃO

grande e unica para quem embarca pela vez primeira.

São dois dias que assim decorrem, quebrada apenas a subjugação que nos produz o quadro, quando algum navio põe na vastidão das aguas uma nota humana, surgindo no horizonte, para no horizonte desaparecer em breve.

Ao terceiro, o olhar inquieto do viajante prescruta os longes, julga ver uma ilha na configuração e na côr indecisa duma nuvem. As horas são contadas minuto por minuto; até que um marinheiro de olhar mais experimentado, annuncia:

— *Terra! terra!*

Sahida, ás vezes, rouquejada duma garganta aspera, as notas dessa phrase, para quem vae matar saudades de longos annos de ausencia, ou mesmo para quem leva consigo a anciania de vêr paisagens novas, essas notas parecem soltadas por um clarim de ouro!

Definem-se contornos, aclareiam-se tintas, despontam casitas brancas: — Santa Maria.

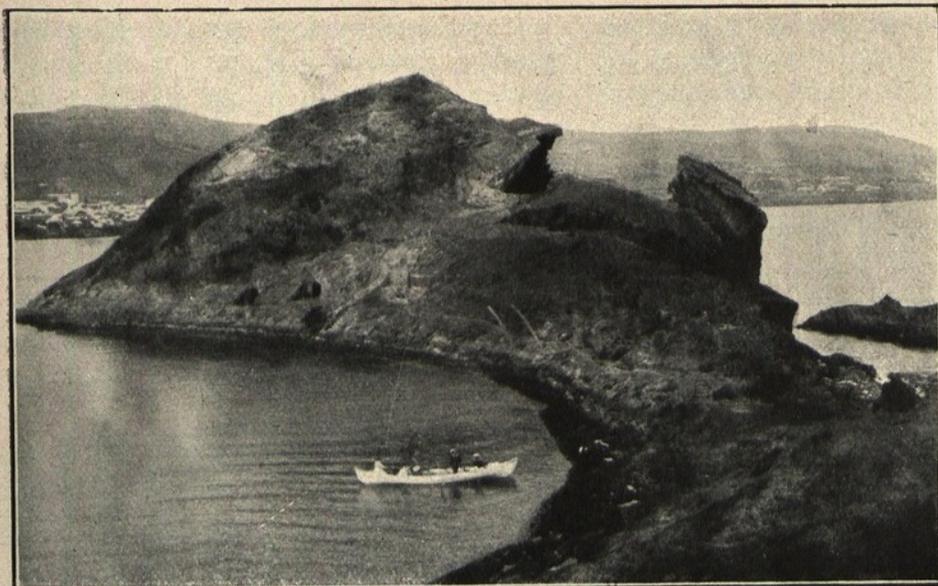
Foi a primeira ilha na ordem da descoberta, a primeira terra dos Açores onde pousaram os pés afortunados do commendador de Almourol.

A sua pequenez e a sua importancia não precisam que nella nos demoremos mais do que as curtas horas que o vapor no seu porto estaciona.

Vinte kilometros de comprimento por 15 de largura. Sete a oito mil habitantes. A ilha é fertil, abundante em gados e em caça. A principal industria é proveniente do barro, fabricando-se com elle loiça vermelha, tijollo, canos e telha, que se exporta em quantidade para todo o archipelago.

Ha ali uma qualidade de barro muito fino, de que a industria fabrica, em miniaturas bem acabadas, os mais variados objectos, de que se destacam as figuras representando costumes populares das

S. MIGUEL — EGREJA DA MISERICORDIA,  
NA VILLA DA RIBEIRA GRANDE

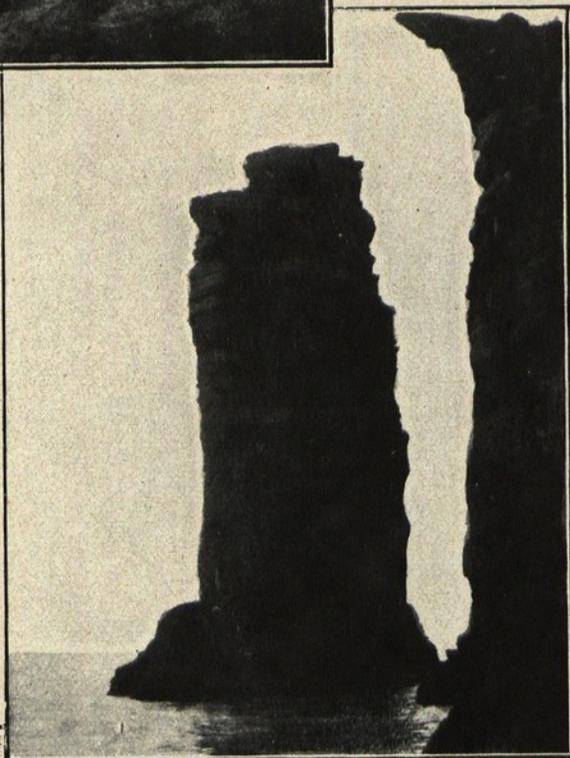


S. MIGUEL — TRECHO DO ILHEU EM VILLA FRANCA

ilhas. Os estrangeiros dão-lhes largo consumo. São extremamente pittorescas, e merecem a atenção de artistas e ethnographos.

Villa do Porto, a capital, assenta pinturescamente sobre um monte á beira mar. Foi a primeira povoação existente nos Açores.

No aspecto exterior, Santa Maria é das ilhas mais aridas; no entanto, lá dentro ha alguns lagarejos risonhamente verdejantes, como Almagreira e Santa Barbara, e alguns pontos de vista interessantes, como o Pico Alto, de 570 metros de altura, d'onde se vê o mar cercado toda a ilha, as povoações deitadas a nossos pés.



A VANGUARDA DO ILHEU DE VILLA FRANCA



O ILHEU DE VILLA FRANCA DO CAMPO

Olhando para o norte, vê-se alastrar no horisonte o dorso azulado de outra ilha: E' S. Miguel — a maior, a mais formosa, a mais rica das suas irmãs açorianas.

A' maneira que della nos vamos approximando, prôa á capital, vão-se desenhando os seus muitos e pinturescos montes; a farta vegetação, cobrindo serras, valles, e rochas, e por en-

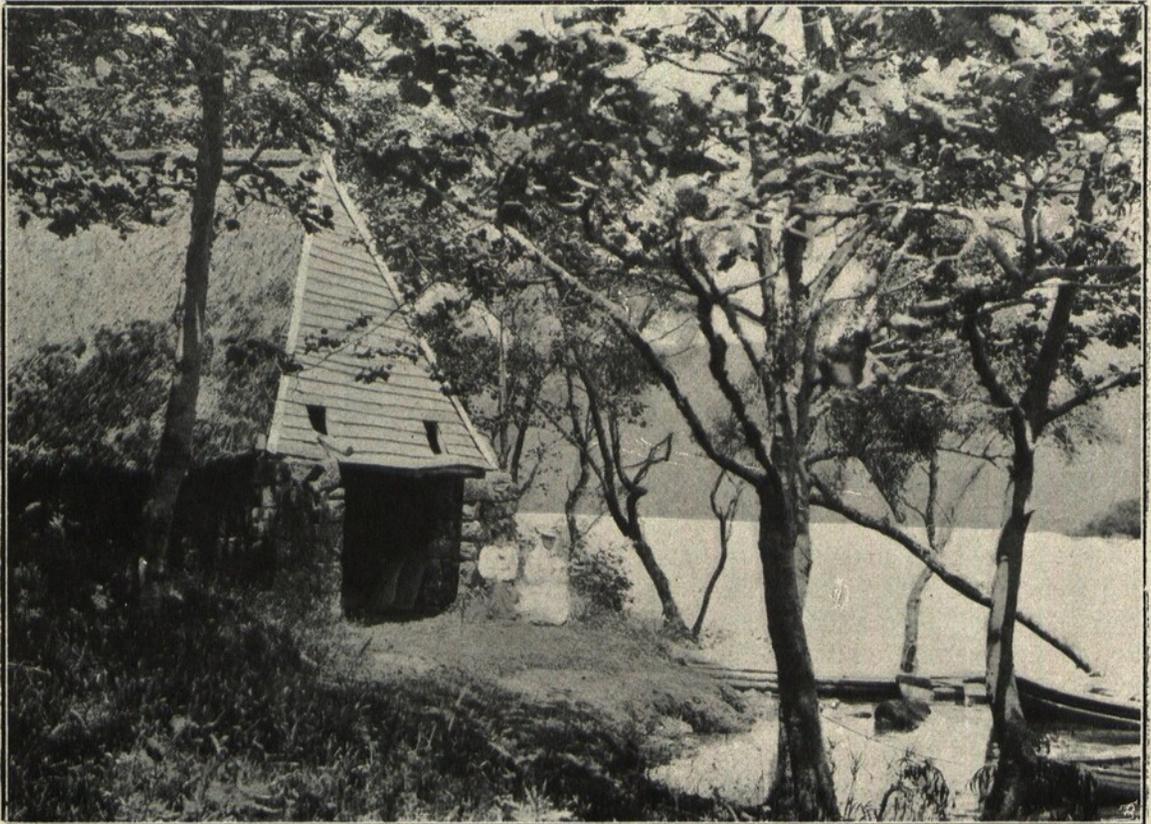
tre a qual as auracarias se erguem altaneiras, como sentinellas vigilantes, define gradualmente o seu verde negro, denunciador duma seiva poderosa.

Cinco ou seis horas volvidas, aportamos a Ponta Delgada, capital da ilha e do districto, que estas duas primeiras ilhas formam.

E' a mais importante cidade do archipelago; e com as suas 20:000 almas, a riqueza do seu porto, o seu commercio, as

O seu commercio é grande, os estabelecimentos luxuosos, alguns. A illuminação geral é a gaz, por não ter ainda terminado o contracto com a companhia fornecedora; mas alguns pontos mais concorridos têm já electricidade, como o têm quasi todos os estabelecimentos e grande numero de casas particulares.

Ponta Delgada tem lyceu nacional, em cujo edificio ficam o museu e a bibliotheca publica. Possui escolas primarias officiaes,



SETE CIDADES — UMA MARGEM DA LAGOA

suas industrias, arroga-se, não sem razões, fóros de terceira cidade portugueza.

O seu porto é artificial, vasto, seguro, com optimo serviço de fornecimento de carvão aos vapores, com officinas de reparações, ainda as mais difficeis, rapidez nas cargas e descargas, dotado, emfim, com tudo o que é indispensavel a um porto de segunda ordem.

A cidade não possui um plano moderno, com ruas amplas, praças, jardins publicos, construcções artisticas. E', no emtanto, limpa, os predios bem caiados, brancos, resenhos, cheirando a saude,

muitos collegios particulares, escola de desenho industrial e de habilitação ao magisterio primario.

Em estabelecimentos de caridade, Ponta Delgada brilha magnificamente: O primeiro é o esplendido hospital (Santa Casa da Misericordia), edificio pomposo, amplo, confortavel. Ha mais o Asylo de Mendicidade, Asylo da Infancia Desvalida, Albergue Nocturno, Cozinha Economica e a phylantropica instituição de caridade e instrucção, denominada seculo xx.

O *Theatro Michaelense* é interiormente uma casa de espectaculos elegantissima, su-

perior a todas as de Lisboa, excepção de *S. Carlos* e *D. Amelia*. A principal casa de reuniões é o Club Michaelense, luxuosamente montado, onde se junta a fina flor da sociedade da terra.

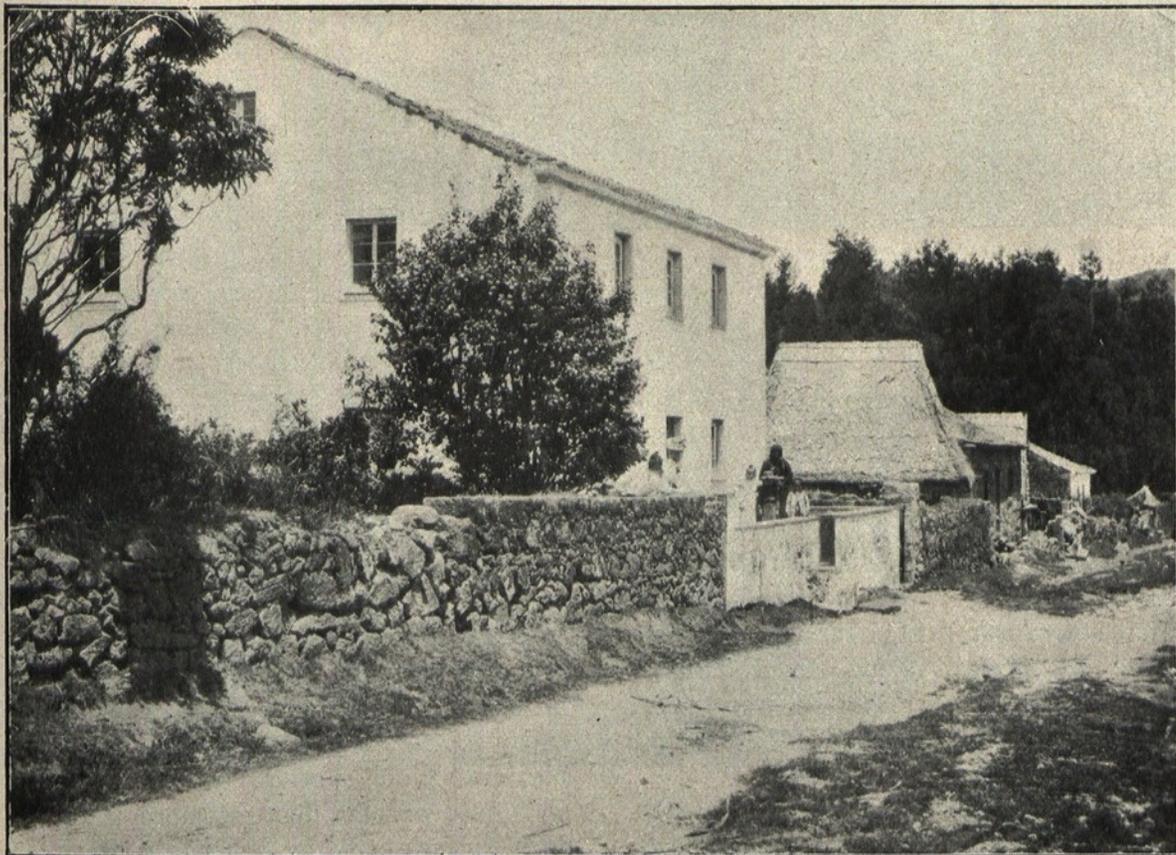
Outras ha ainda, entre as quaes merece especial menção o Atheneu Commercial, de recente installação.

Tem Ponta Delgada duas fabricas de tabaco, uma das quaes, a Fabrica de Tabacos Michaelense, é duma enorme importancia,

mente mais do que hora e meia, tendo intercaladas com o serviço horas de recreio em pleno ar.

Na fabrica existe escola, frequentada gratuitamente por dois turnos de pequenas operarias, aprendendo ali a lér, escrever e contar. A' tarde é essa escola frequentada pelos dois turnos reunidos, sendo-lhes ministrado o ensino da doutrina christã.

Todo o serviço de escripta é desempenhado por operarias. A policia da fabrica é



S. MIGUEL — HOSPEDARIA DAS SETE CIDADES

sendo o estabelecimento industrial mais popular dos Açores.

E isso explica-se: o seu pessoal é exclusivamente feminino; e a organização interna da fabrica é de tal ordem, que possui uma caixa chamada das operarias, do fundo da qual, ao casar-se alguma, recebe um dote regulado pelos seus serviços, classificação e antiguidade. A fabrica proporciona gratis a todo o pessoal, durante a doença, medico, pharmacia, salarios e subsidio extraordinario na convalescença, ou em alguma infelicidade casual da vida.

As menores não trabalham consecutiva-

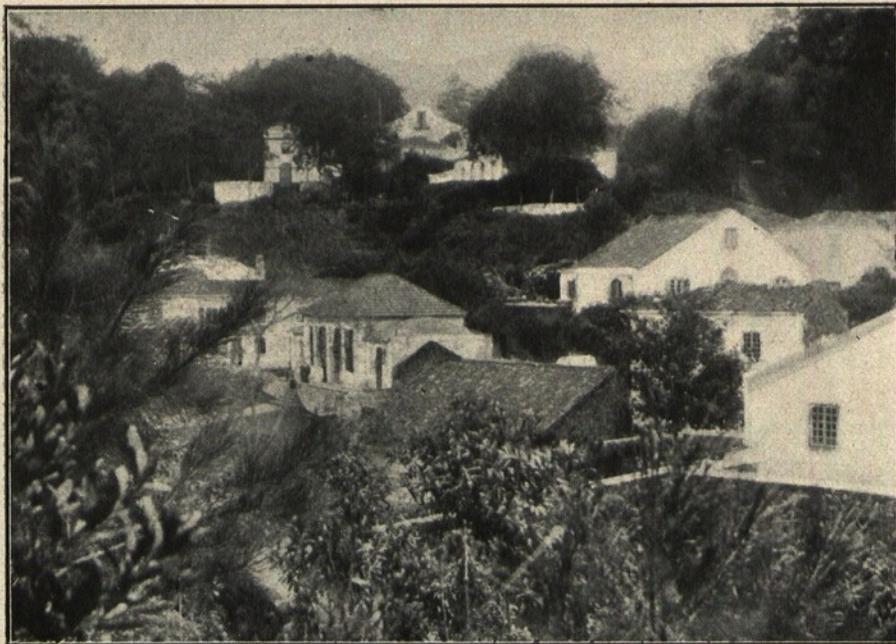
feita por militares reformados, sérios e de folha limpa, não tendo até hoje, desde a sua fundação, havido lá dentro a minima quebra de respeito individual.

Uma fabrica modelo.

O tabaco — produção local — é de bom paladar e baratissimo, 25 cigarros por 40 réis!

A fabrica tem uma exportação enorme, sendo os seus mercados de consumo as ilhas adjacentes e as possessões ultramarinas.

De tal qualidade e tal preço é, que, se o tabaco michaelense podesse entrar em Lisboa, sem cahir sobre elle o tremendo im-



S. MIGUEL — VALLE DAS CALDEIRAS

posto que salvaguarda o monopólio — seria para ter dó da Companhia dos Tabacos de Portugal!

Em S. Miguel ha tres fabricas de distillação de alcool, todas importantes, ficando a maior situada na capital, a segunda na villa da Ribeira Grande e a terceira na villa da Lagoa.

Não laboram já : os ultimos governos, em virtude dos brados idiotas dos viticultores metropolitanos, houveram por bem matar essa poderosa industria, que era uma das maiores fontes de riqueza local.

A primeira dellas occupa-se presentemente, e ha pouco tempo, na laboração de assucar, da qual, certo, não devem resultar beneficios grandes para a ilha.

A industria é ali ainda representada por uma fabrica de cerveja, cujo producto, de esmerado fabrico, é justamente apreciado.

Em ponta Delgada está a séde da relação dos Açores ; tem um bello posto de desinfeccção, cabo submarino, e, como capital dum districto autonomo, a Junta Geral para administrar as suas receitas.

Fundições, fabricas de sabão, de pregos, de tecidos, outras industrias de menor vulto, outras energias se espalham por esta cidade fecundamente progressiva.

Ha em Ponta Delgada jardins maravilhosos, que são o encanto de estrangeiros que alli apportam. Tres delles em primeiro

plano: O da familia Borges, com primores de planthasia e maravilhas de vegetação ; o da familia Canto, que é, em exemplares botanicos, um dos primeiros da Europa, e o do Marquez de Jacome Correia, a meio do qual se ergue o seu elegante palacio de residencia. São jardins particulares; mas os donos, não conhecendo o sentimento do egoismo, franqueiam constantemente e sem rebuço as suas bellezas á

curiosidade dos visitantes.

Mas deixemos a cidade; transponhamos os seus risinhos arredores, e vamo-nos a vêr as maravilhas que pela ilha se espalham.

Não ha caminho de ferro: sugeitemo-nos ao transporte por meio de carruagens, puxadas a tres muares, para grandes distancias.

Dois pontos, principalmente, embora muitos mais haja que mereçam visita especial, não deve o *touriste* deixa de vêr, para deslumbramento de seus olhos, e para que, tenha corrido o que tiver, por esse mundo em fóra, fique sabendo que num rochedo portuguez existem dois assombrosos trêchos de natureza, como melhor não contemplára nem igual sonhára tambem: chamam-se Furnas e Sete Cidades.



S. MIGUEL — TRAJE POPULAR — CAPOTE E CAPELLO

Não vêm para a indole dêste artigo a descripção minuciosa dêsses dois recantos de paraizo. Isso levar-me-hia muito longe, faria perder muito tempo nesta viagem que eu desejo tornar, aos que commigo seguem, o mais breve e amena possivel, mostrando-lhes, *à vol d'oiseau*, todo o panorama açoriano.

A's Sete Cidades a viagem faz-se em poucas horas, devendo preferir-se o caminho em que a carruagem nos deixa no sopé da serra, que subimos depois em burricos, até chegar lá acima, e, de impre-

os seus panoramas, as suas thermas, as suas caldeiras, os seus jardins maravilhosos, a sua flora exuberante, todo um conjunto grandioso, prodigioso, de bellezas raras.

No solo uberrimo de S. Miguel, todas as culturas da Europa se alimentam e produzem com fertilidade.

A que, porém nos Açores, é exclusiva desta ilha, é a do ananaz, que constitue hoje o mais rendoso ramo de exportação.

Ha ainda as da laranja e do chá, que são tambem devidamente apreciadas nos mercados de consumo.

Do seu povo são qualidades innatas o trabalho, a honradez, a hospitalidade, o patriotismo e a bondade.

E, para continuarmos a viagem, ao despedirmo-nos de S. Miguel, comosco vae a satisfação de vermos como a mão de fada da natureza

foi prodiga em espalhar bellezas naquelle pedaço de terra patria, vae na nossa alma de portuguezes o orgulho de terem alli nascido, entre tanto vulto illustre, o glorioso explorador que foi Bento de Goes, o extraordinario poeta que foi Anthero de Quental, o grande philospho e polygra-

pho que é Theophilo Braga.

E agora, a caminho da Terceira.

O vapor larga pela tarde, ao tomar do sol, quando as sombras cahem sobre o mar e transformam a terra, que costeamos, num grande monstro negro, ou quando a lua vem, na brancura luminosa da sua nudez, pôr scintillações de prata nas aguas trementes, fazer branqueiar casitas que nas costas da ilha se levantam.

Dura a viagem a noite inteira. Pela madrugada começamos a avistar a Terceira, para de manhã fundarmos no seu porto



S. MIGUEL — CASA DE CAMPONEZES

visto, se desenrolar a nossos olhos, como se de repente entrassemos no dominio d'um sonho phantastico, esse quadro surprehendente que abre a nossos pés a cratera enorme, com as encostas revestidas d'um arvoredado cerrado, as duas grandes lagoas lá no fundo, a povoação, pequena e pobre, a branquejar dentre o arvoredado, donde espreita tambem a simples e risonha ermida!

Já nas paginas d'esta revista, ao narrar a lenda das Sete Cidades, eu tentei dar uma impressão da grandeza dêsse quadro soberbo; e disse das Furnas, numa descripção tão completa e suggestiva quanto eu a pude tornar, o que do valle famoso havia para dizer.

As Furnas são um logar privilegiado, com

natural, a que serve de abrigo o Monte Brazil, onde a fortaleza de S. João Baptista, como sentinella avançada, ha tantos seculos firme e forte no seu posto, guarda a linda cidade, que em amphitheatro se estende ao fundo da bahia — essa terra de heroismos, que, num momento de angustia nacional, foi o ultimo pedaço de solo portuguez onde se ergueu a bandeira da patria.

Logo a entrada nos impressiona bem: As ruas são, na pequena baixa, largas e alinhadas, dando-nos o aspecto d'uma grande cidade.

Angra do Heroismo é a capital do dis-

annunciada uma em dia de trabalho, o commercio fecha quasi em peso, e corre com os de mais para *los toros!* E então, enquanto as creanças, o mulhero galante e as damas de tom matizam balcões, muros, varandas, janellas, com as garridas côres dos seus trajos de verão, é de vêr como os homens passeiam orgulhosamente na rua, camisas de lã de bordados coloridos, e elegantes paus ferados, á espera do boi, alli, sem temor algum! Até que soltam o animal, se abrem alas respeitosas no caminho, se escalam muros e se foge vertiginosamente, num terror immenso.

Ha quem não fuja, quem faça o salto de



FURNAS — TRECHO DE UM PARQUE

tricto central dos Açores, que se compõe, além da Terceira, das ilhas S. Jorge e Graciosa. Angra é séde do bispado e do commando militar do archipelago.

O povo terceirense á o mais alegre dos Açores. Essa alegria imprime-a elle ás suas festas, a primeira das quaes, pelo seu brilhantismo, é a do Espirito Santo, sendo a mais caracteristica a das toiradas á corda, em plena rua, com as peripecias, a maior parte das vezes comicas, ás vezes ligeiramente tintas de sangue, peculiares a esse folguedo, o mais querido do terceirenses.

Angra é a unica terra dos Açores onde se lidam toiros, havendo para tal a competente praça. Alli, chega a ser tal o entusiasmo pelas toiradas á corda, que,

vara, a sua pega de frente; quem, á falsa fé, espanque o pobre boi amarrado, que ainda assim, muitas vezes, na sua furia, colhe algum menos adestrado em tal exercicio, atirando-o de encontro a um muro, fazendo-o estatelar em plena rua, no meio da gargalhada dos homens, a que se junta, por vezes, o grito d'alguma dama mais impressionavel.

Espectaculo pinturesco e de pronunciada feição local, é este o de maior agrado dos terceirenses e o que mais prende as attentões dos visitantes.

Muito a dizer havia desta terra, se intento fósse o d'este artigo citar factos que se prendem com a historia portugueza, e que tiveram por tablado os mares bravios e escarpadas encostas dos Açores.



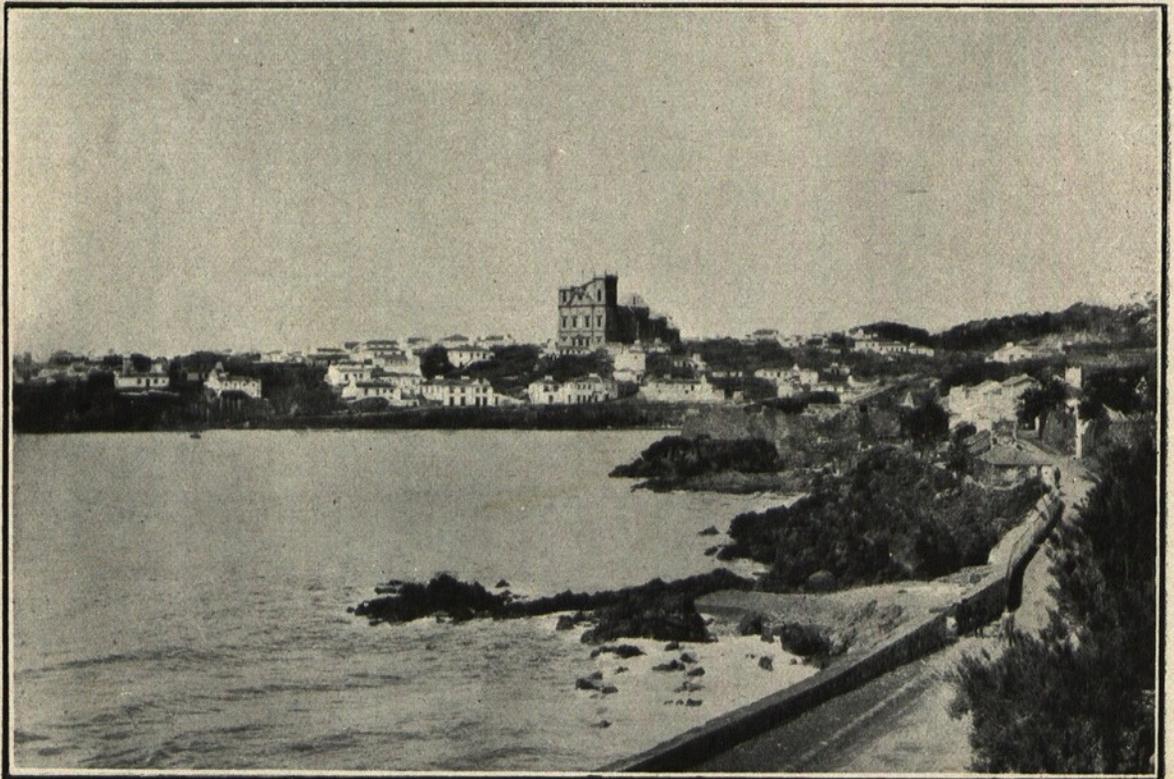
S. MIGUEL — NASCENTE DE AGUA DAS LOMBADAS



ILHA TERCEIRA — VISTA GERAL DE ANGRA

Com o seu nome de Angra do Heroísmo, já esta cidade nos está recordando os brilhantes feitos de seus filhos, façanhas bizarras como a expulsão dos hespanhoes da ci-

dade, em 1642, seguida da aclamação de D. João IV; as luctas em favor do Prior de Crato, e a organização dêsse nucleo de 7:500 homens, que foi engrossar as fileiras



ILHA TERCEIRA — FREGUEZIA DE S. MATHEUS

do exercito libertador, e ainda hoje conhecidos pelo nome de *bravos do Mindello*.

A historia, porém, está escripta: volte-mos ás impressões.

Cidade de diminuto commercio maritimo, a sua vida é pacata e simples, sem acontecimentos que a convulsionem ou a impressionem.

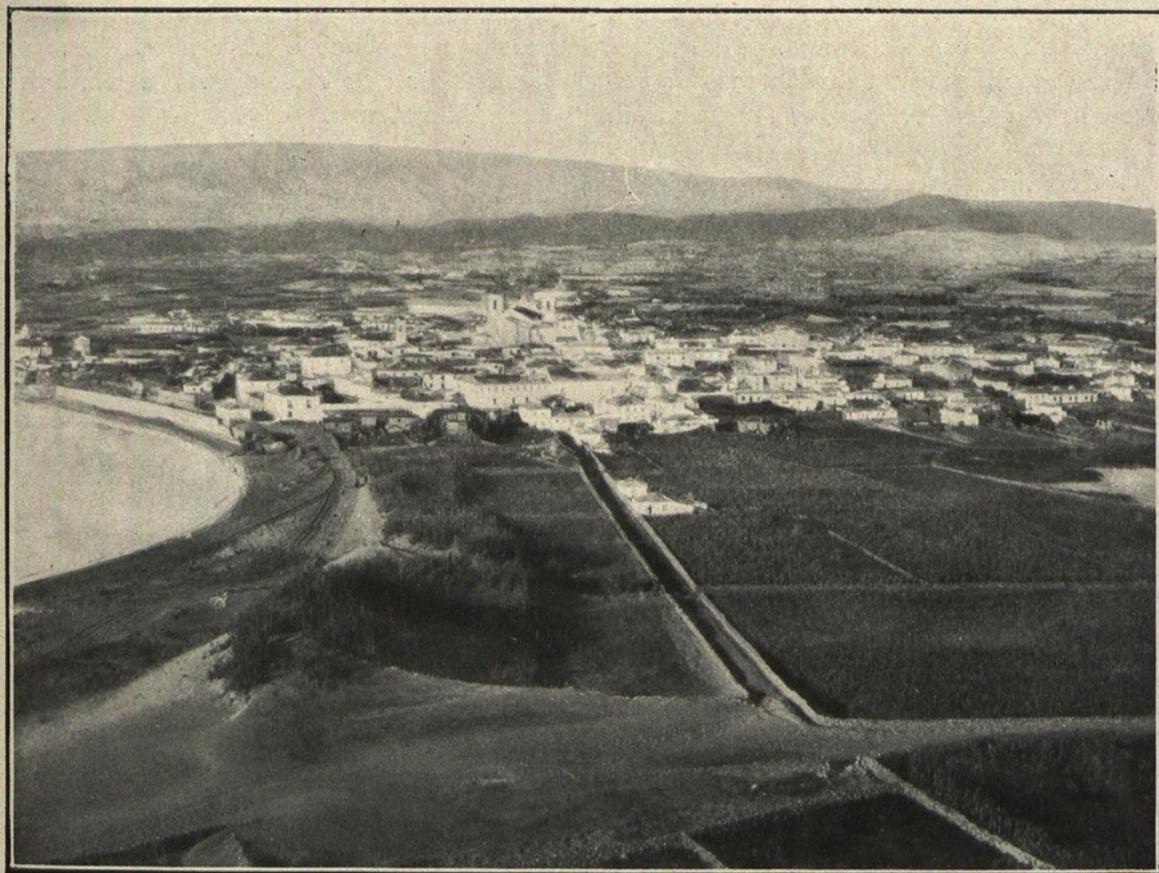
A alta roda da cidade de Angra conserva ainda, na hospitalidade e no trato, as tradições galhardamente fidalgas de seus an-

do Facho, no Monte Brazil, e o castello de S. Luiz. D'elles se descortina toda a cidade, n'esse bello amphitheatro, cuja orla as ondas do oceano beijam.

E como nada mais de interessante nos chama a attenção na cidade, vamos até aos campos.

E' logo ao sair de Angra que encontramos os dois pontos mais pittorescos da ilha: S. Matheus e S. Carlos.

O primeiro, estende-se á beira mar, entre



ILHA TERCEIRA — VISTA GERAL DA VILLA DA PRAIA DA VICTORIA

tepassados. As mulheres, como em nenhuma outra terra dos Açores, têm uma graça, uma vivacidade encantadora, que certamente lhes vem d'esse ardente sangue hespanhol que ali deixou seus vestigios.

Não tem a cidade, como o não teem as outras duas do archipelago, edificios modernos notaveis, a não ser o dos paços do concelho. Dos antigos, destacam-se a vasta Sé Cathedral e a igreja e convento de S. Francisco, onde repoisam os ossos de Paulo da Gama.

Pontos de vista, ha dois notaveis; o Pico SERÕES N.º 38

o verde do arvoredo e o azul cantante das aguas alli ao pé, casitas aqui e além, n'uma bucolica e suave garridice de encantar.

O segundo, dirigindo-se para a parte interior da ilha, é um curioso trêcho de payagem: a estrada é estreita, sinuosa; o arvoredo espreita ás vezes de sobre os muros, que a espaços se abrem para deixar vêr pedaços de quintas onde se erguem, por entre florações, claras e risonhas vivendas.

E' aqui que a gente mais endinheirada da cidade tem suas casas de campo, onde passa o tempo de maior calor.

Das povoações da ilha ha a destacar a villa da Praia da Victoria. Aqui não é só o panorama em que o olhar se deslumbra, contemplando o quadro: a villa num plano amplo, cercada, por terra, de verdejantes montes, e orlada, pela banda do mar, por um vasto areal, onde a vaga se espreguiça e canta. São vestigios suggestivos de passadas luctas; restos de fortalezas, ruinas de monumentos historicos, de baluartes que terramotos estupendos arrazaram.

Villa da Praia da Victoria! D'essa victoria formidavel que foi o principio de luctas titanicas que vieram continuar-se no reino, e lograram assegurar a implantação do regimen liberal em Portugal, que tanto custou

aos portuguezes e pelo qual tão heroicamente se bateram os filhos dos Açores.

Por toda a ilha a paysagem é doce, os campos engalanados de vegetação, fecunda e forte a abençoada terra.

Mas nós é que não podemos deter-nos mais: que Deus fique com ella e venha tambem conosco, leitor amigo — já que tem o condão de estar no céu e na terra e em todo o logar.

Que assim o dizia o velhinho padre que ensinou catecismo á creança que é hoje teu cicerone n'esta visita a encantadoras terras — viagem que a empreza dos *Serões* te faculta por 200 réis, apenas, e sem incommodo de maior.

(*Continúa.*)

RAPOSO DE OLIVEIRA.

---

## LAGOA DAS FURNAS

Entre montanhas, altas, pedregosas,  
D'um verde escuro, intenso e scintillante,  
Vê-se a lagoa, ondeando a cada instante,  
No silencio das coisas mysteriosas!

N'uma das margens, ricas e viçosas,  
Como mirágem grata e inebriante,  
Resurge a Ermida, á luz do sol brilhante,  
E umas casitas frescas e olorosas.

Nobre paizagem!... que belleza immensa!  
Jardins e prados de poesia infinda,  
Deixando a alma a meditar suspensa...

Oh! Alma ethérea! Oh! Alma pura e linda!  
Conta-me a vida, toda unção e crença,  
Dos verdes campos, onde se ama ainda!

*A. Cardoso de Faria e Maia.*

# A Architectura da Renascença em Portugal

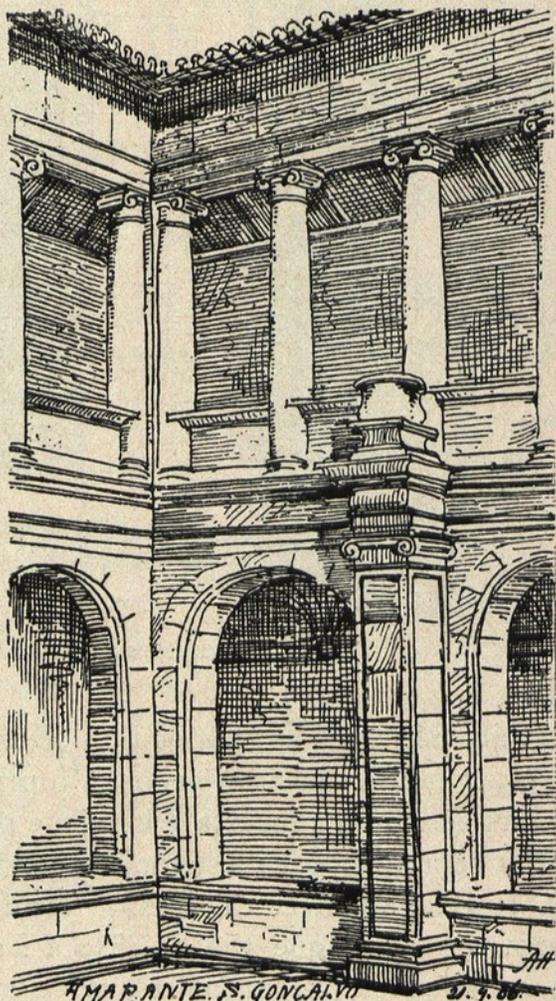
Por ALBRECHT HAUPT

## Parte II—O PAIZ

### DOURO

**N**a mais avançada Renascença possui a Provincia um atrahente edificio em S. Gonçalo de Amarante, templo fundado em 1540, concluido porém no decorrer do seculo, posto que mais tarde em parte reconstruido. Produzem a impressão de ser apenas da origem os dois claustros, e posteriormente completada a igreja, talvez que até feita de novo por motivo de algum incendio. Felipe II terá influido poderosamente no que respeita á obra; e pelo facto da actual planta e a de S. Bento, em Coimbra, concordarem em absoluto, não será erro attribuir na integra ao lanço do côro a data de 1600, visto como tanto a abobada de pedra em caixotões como a nave transversal e a cupula correspondem nos respectivos pormenores aos de S. Domingos da mesma Coimbra. A nave com suas capellas foi edificada no seculo XVIII. A cupula, no presente caso, apresenta exteriormente um formoso alceamento com tambor e é toda revestida de azulejos, ainda com bom padrão do seculo XVII. E' sumptuoso o agrupamento do conjuncto sobranceiro á caudalosa e funda corrente do

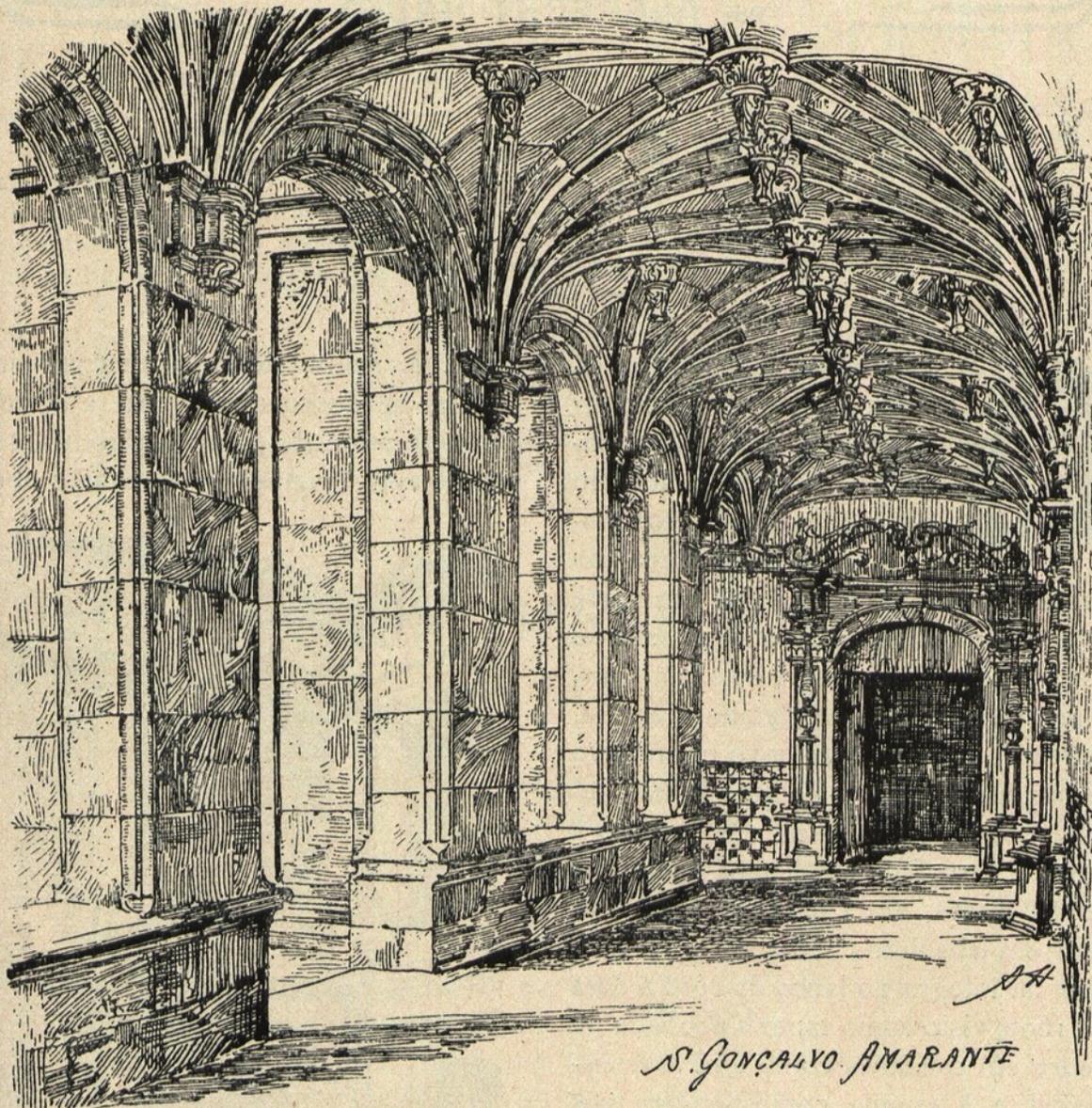
Tamega, acima de cujas margens ingremes se debruça em parte a abside coral. A torre da igreja apresenta um coroamento original de volutas e obe-



UM CLAUSTRO DE S. GONÇALO DE AMARANTE

liscos de pedra. A' porta da igreja, contigua á sacristia, é attribuida a data de 1590. Esta circumstancia concorre a confirmar as vistas atraz expendidas com respeito á época de edificação da

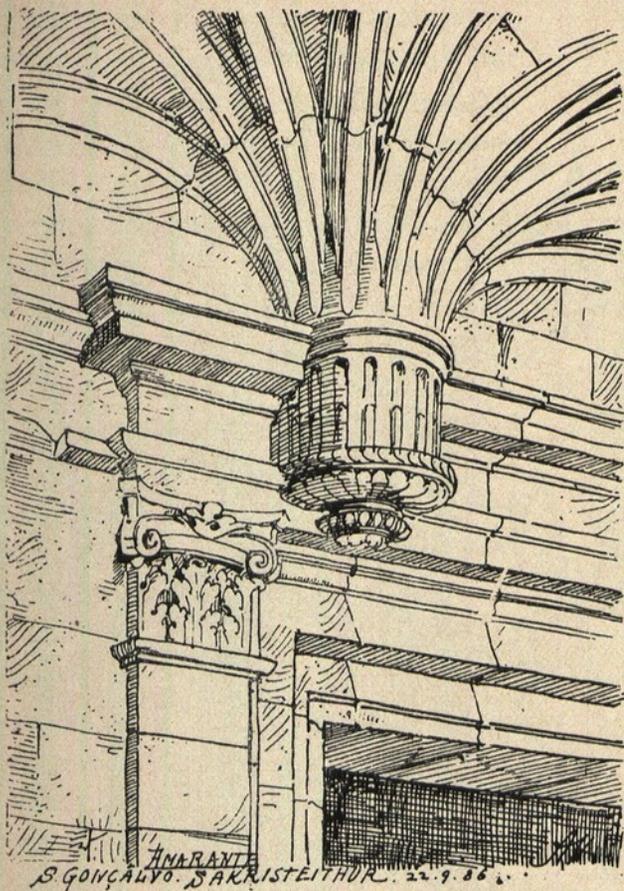
superiormente com duplo numero de columnas do mesmo estylo. O melhor trêcho da construcção é a sumptuosa abobada do lanço inferior. E sem embargo, o conjuncto, com o caracter da



PRIMEIRO CLAUSTRO DE S. GONÇALO DE AMARANTE

egreja. São mais antigos os dois claustros, conforme já ficou exposto, o primeiro dos quaes encosta á igreja, e se acha reproduzido na estampa adjunta. A singela architectura interior incide com o periodo que vae de 1540 a 50, com maçudos pilares jonicos, inferiormente, entre arcos de volta inteira, e

época anterior, com tal qual inclinação para a Renascença franceza representa um commettimento admiravel, já pela composição já pela individuação das minudencias. A pedra é trabalhada e lavrada com mestria. A estampa dá idéa da ligeireza de mão e do frescor do trabalho.



DO PRIMEIRO CLAUSTRO DE S. GONÇALO DE AMARANTE

A individuação dos pormenores manifesta-se com primor, por exemplo nas diversas portas facultando acesso á igreja, tanto por dentro como por fóra; aos cantos profundam uns recésos á feição de capellas, emoldurados por não menos sumptuosa architectura. Em uma das paredes, uma pia de agua benta, oblonga, com um friso de serafins, circumdada por um bom motivo architectonico de columnas nichadas e pilastras.

O segundo claustro, conservando apenas três lados, apresenta no piso terreo uma formosa arcaria de arcos duplos com columnas medianas e columnas nichadas nos pilares.

O saimel da archivolta encimando o

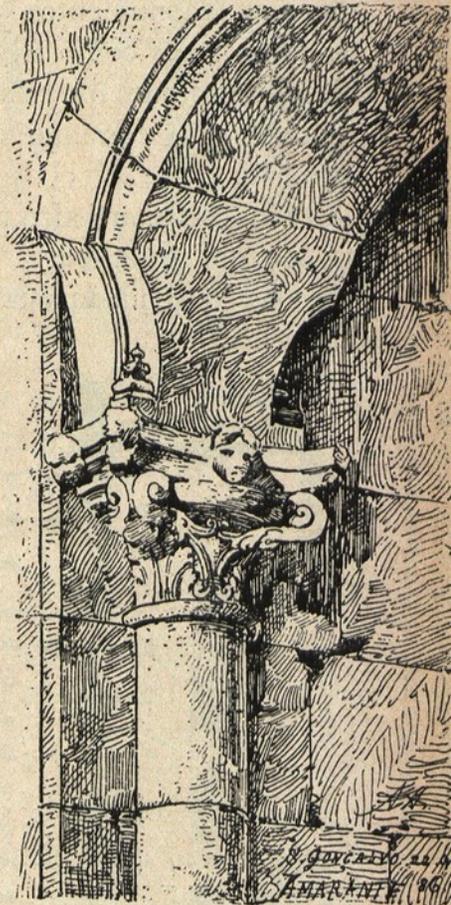
tão enfeitado capitel offerece uma solução original.

Na face principal foi accrescentada mais tarde uma arcaria dorica; nos outros lados, fechados, no pavimento inferior, vêem-se umas finissimas janelas, a do meio com pilastras sobre cabeças em vez de consolas.

\*  
\* \*

A Sé de Miranda do Douro é também um edificio devendo attribuir-se ao tempo de D. João III, principiado em 1552 por Gonçalo de Torralva (irmão do architecto do côro de Belem), de architectura em extremo pesada.

Passa por ser um tanto mais aprimorada e mais pequena, posto que do mesmo genero, a igreja de Moncorvo; e ainda a de Almendra do Douro, que gosa da fama de ser uma boa producção da Renascença e datando de 1563.



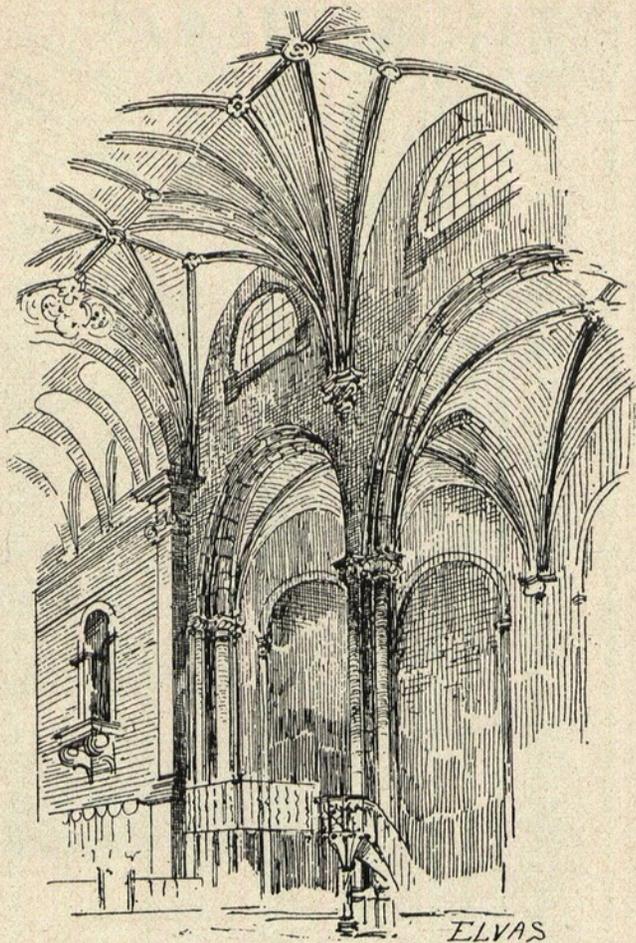
DO SEGUNDO CLAUSTRO DE S. GONÇALO DE AMARANTE

## ALEMTEJO

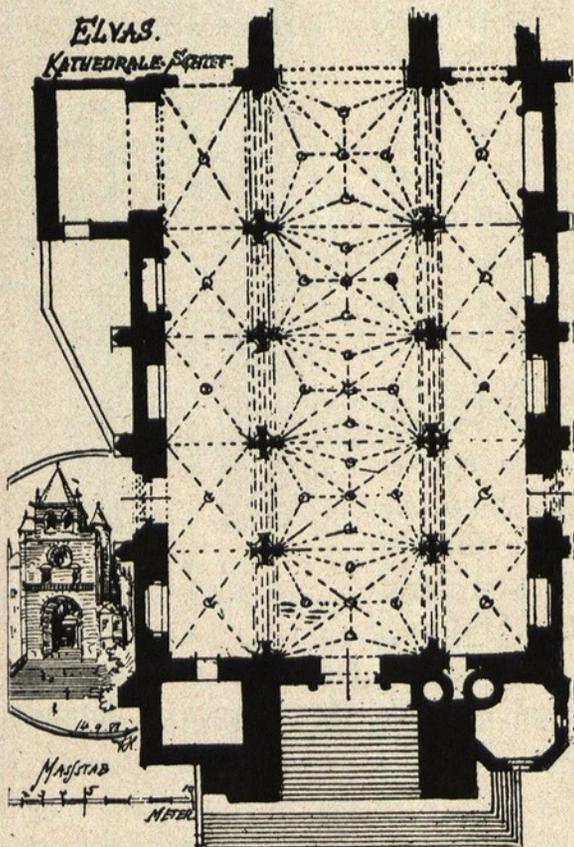
Na região sul e sueste do reino a architectura apresenta-nos um caracter absolutamente desviado da nossa época. A differença de clima, a diversidade da raça, na qual prepondera ainda, em grande parte, o sangue mourisco, concorrem para semelhante resultado; além de que, os materiaes, as tradições technicas e a vizinhança imprimiram-lhe um caracter proprio.

Relativamente independentes e alheios a estas divergencias encontram-se monumentos em localidades situadas, taes como Elvas, baluarte de defesa erguido na raia, em frente de Badajoz, no caminho de Lisboa para Madrid.

O interesse artistico restringe-se aqui quasi que á cathedral, uma das raras igrejas abobadadas da éra de D. Ma-



INTERIOR DA SÉ DE ELVAS



PLANTA DA SÉ DE ELVAS

nuel. A nave, apenas, é ainda d'esse tempo, um tanto mais nova a frontaria da maçada torre, a qual, a despeito da excessiva simplicidade, frenteando a extravagante praça principal, produz, ainda assim, boa impressão.

A nave, com os seus botareus e arcobatantes, diadema de ameias e porticos singelos, accusa-se bem, externamente, apresentando espaço no interior, as formas, rigidas e baseadas no Gothico tardio.

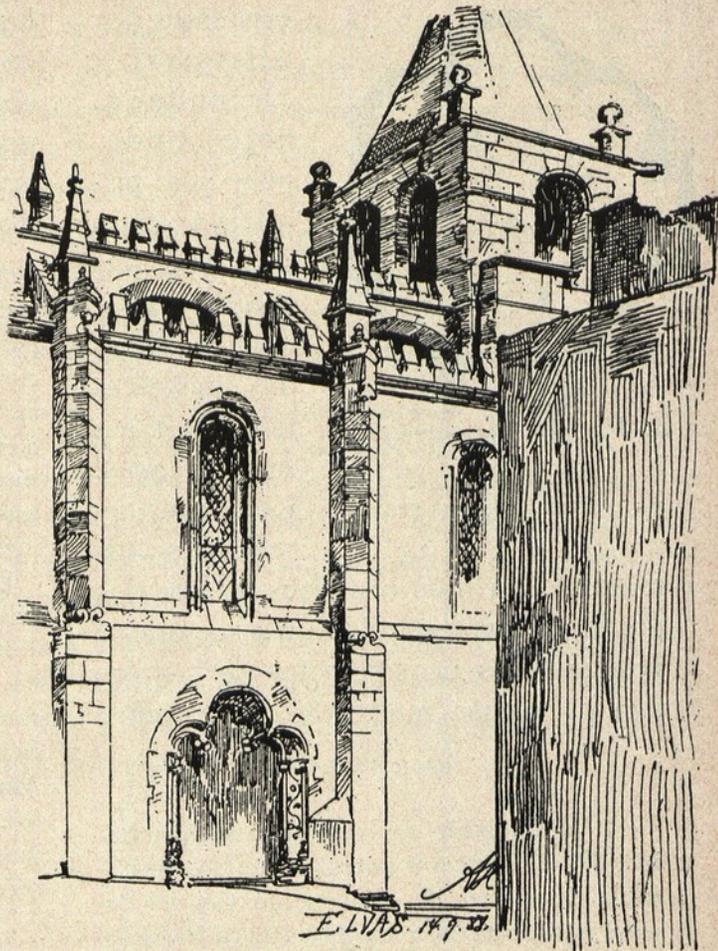
Cumpre ainda mencionar aqui outro edificio eclésico, a igreja do convento das Dominicás, fundação de D. João III, cerca de 1550. E' um edificio octogonal, de reduzidas proporções, central, com varias capellas, attrahente por motivo da sumptuosidade da decoração. As oito columnas aguentando a abo-

bada, com a respectiva architrave, os moldurados e as abobadas das capellas, e designadamente os trechos architectonicos, são de marmore branco, em parte sumptuosamente ornamentados, como na capella-mór. Os lanços intermedios são forrados de padrões de azulejos, em que predominam o amarello e o azul sobre fundo branco. O marmore é profusamente dourado, as proprias superficies lisas realçadas com ornato a oiro; em summa, um recinto não muito espaçoso, enfeitado com profusão luxuosa, algo confusa. O pulpito ostenta um formoso peitoril de ferro forjado.

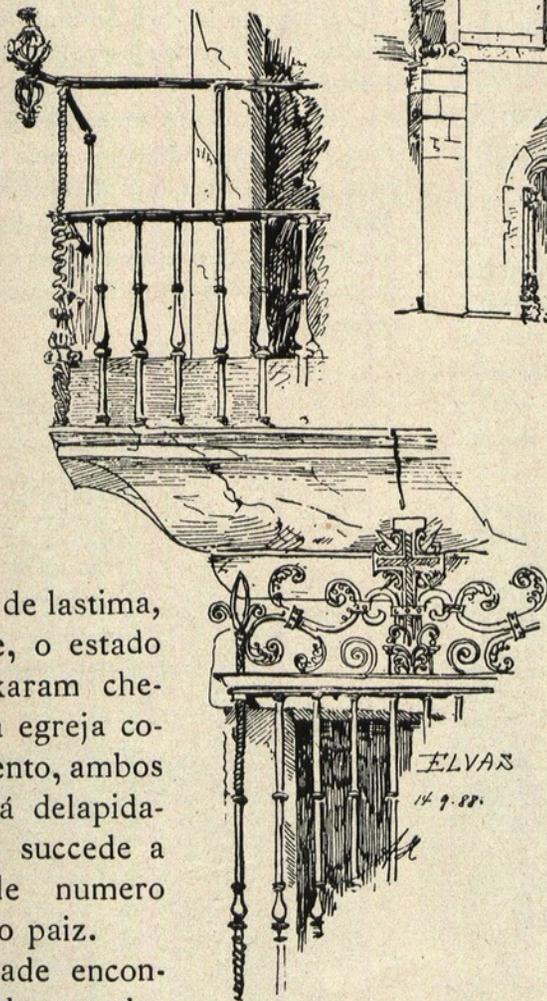
E' digno de lastima, na verdade, o estado a que deixaram chegar tanto a igreja como o convento, ambos entregues á delapidação, como succede a um grande numero d'elles, pelo paiz.

Pela cidade encontram-se lindas sacadas e grades em janellas, conforme mostra a estampa annexa.

O aqueducto, cuja construcção se deve a D. Manuel, é o mais grandioso em todo o paiz, só encontrando parçeiro em obras dos romanos.



SE DE ELVAS

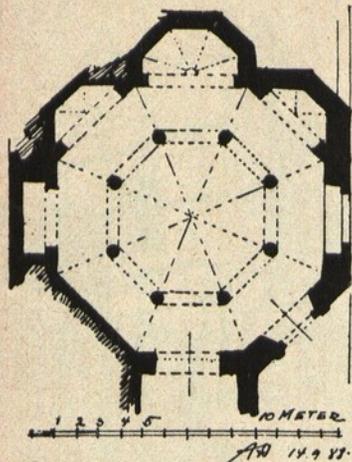


GRADE EM ELVAS

A sudoeste fica a ultima cidade de primeira classe do reino, antiga colonia romana e mais tarde a segunda capital do paiz (1).

Cidade antiga e espaçosa, encerrando em seu perimetro o grandioso templo de Diana, e uma parte da sua vetusta cerca de muralhas, bem como o seu aqueducto, constituindo as mais imponentes reliquias da éra romana

(1) Vidè André de Resende, de Antiquitibus Lusitaniæ, libr. IV. Do mesmo, Historia da antiguidade da cidade de Evora.



PLANTA DA EGREJA  
DOS DOMINICANOS, EM ELVAS

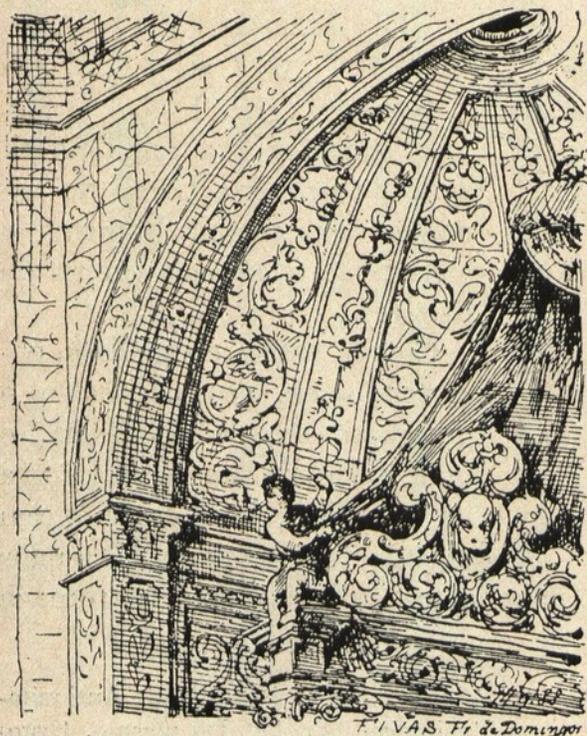
existentes por todo o paiz (1); circundada, hoje ainda, pela sua primitiva cinta de muralhas mouriscas e medievas, todas ellas escalonadas e em ziguezagues. Com ruas irregulares, ostentando arcarias nos pisos tetreos dos predios, manifestando reminiscencias e vestigios dos usos remotos da sua antiga população mourisca. Já em outro

(1) Com relação a Evora, foram consultados, de preferencia a quaesquer outros, os Estudos Eborenses do meu amigo Gabriel Pereira, actual director da Bibliotheca Nacional de Lisboa. O amor á sua cidade nativa reuniu n'estes preciosos folhetos um material incom-

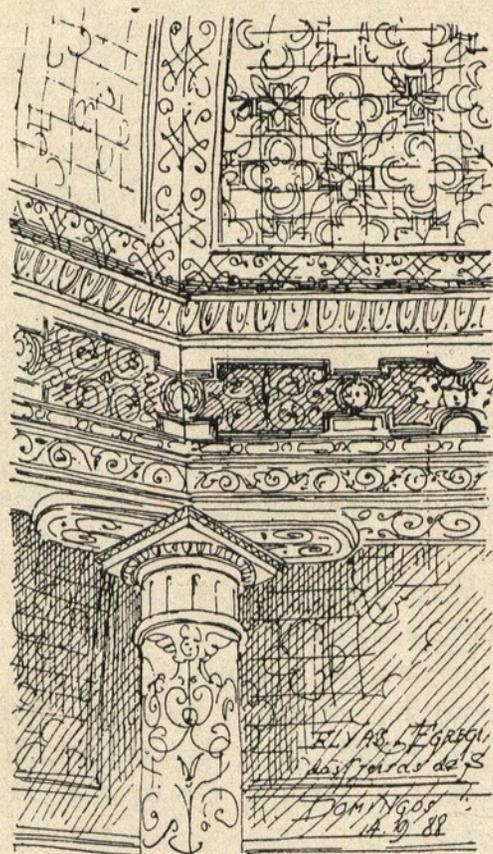
logar chamei a attenção do leitor para os effeitos aliás tão conspicuos de semelhante influencia. Transluz isto mais no aspecto interior das residencias particulares. Arcarias mais ou menos amplas, torreões com telhados conicos,

paravel de informações, e bem assim de documentos historicos ácerca da cidade de Evora, etc.; modelos de execução rigorosa e de copia de esclarecimentos, evocando-nos vivissimos quadros, já do viver dos romanos na vetusta capital, já d'esses dias do esplendor da moirisma, ou do regimen jesuitico.

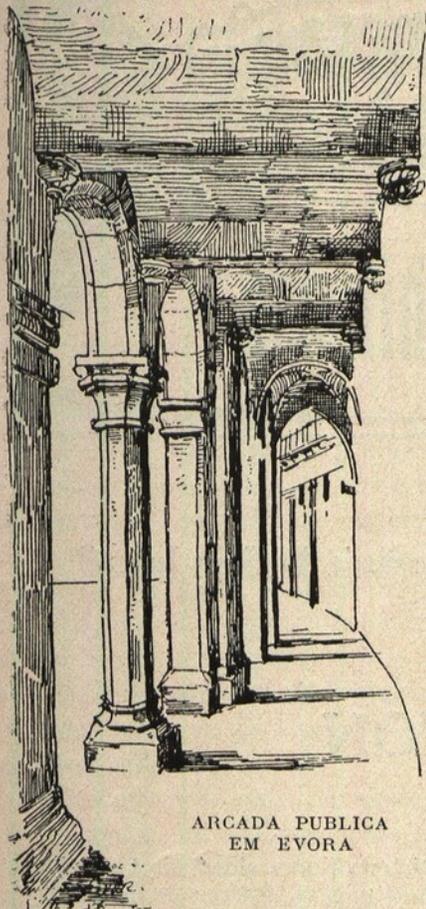
E ainda me lembro com gratidão das caminhadas e peregrinações pela veneranda Evora e logares circumjacentes, tendo por guia este tão erudito quanto amavel e obsequioso cicerone, a encetar dialogos pelo caminho, com cada pedra antiga, que aliás o entendiam a elle. Ainda agora mesmo, n'estes dias mais recentes, d'ali me tem ajudado, por mais d'uma vez, já com os seus conselhos, já com seus esclarecimentos.



DA EGREJA DOS DOMINICANOS EM ELVAS



ELIAS L. EGREJA  
da Evora de S.  
DOMINGOS  
14. 10. 88

ARCADA PUBLICA  
EM EVORA

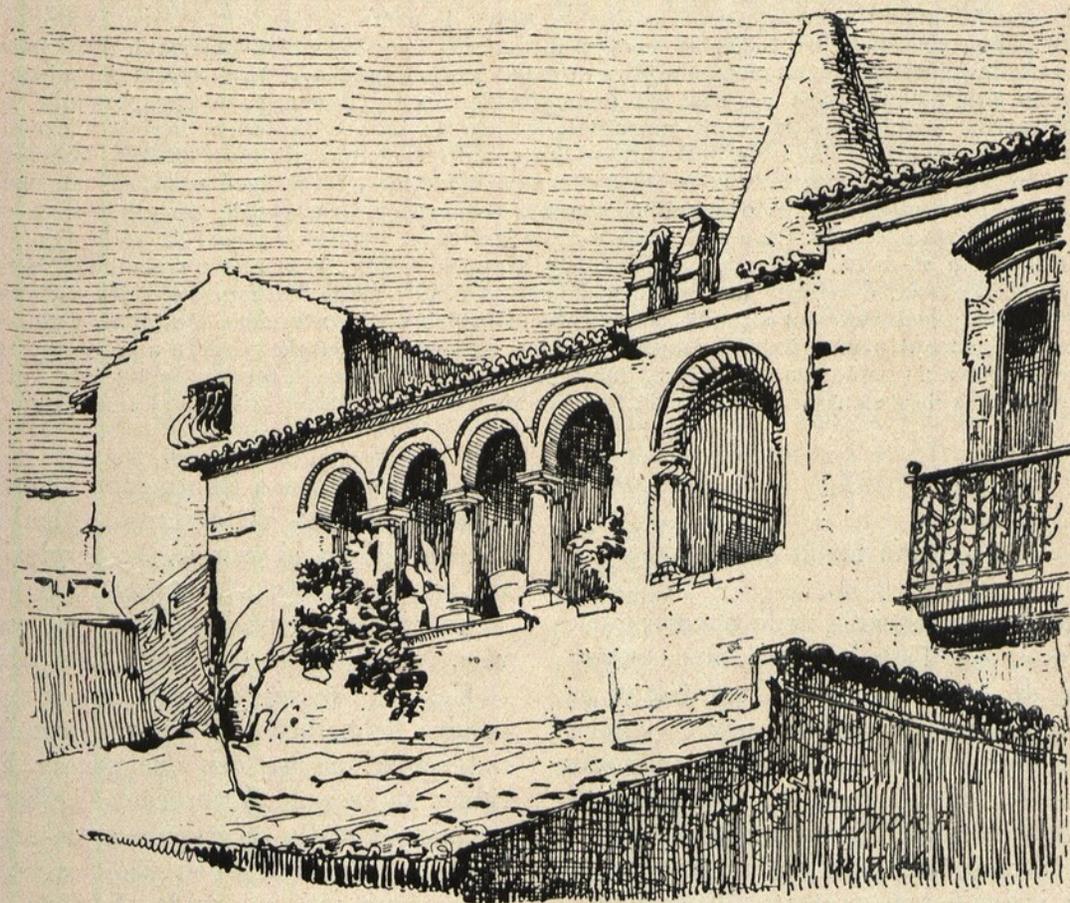
arcos de ferradura e angreados concorrem a imprimir-lhe ao respectivo aspecto caracter especial, accentuado ainda pelo insistente revestimento de cal tanto nas paredes lisas como nos membros da architectura.

Apenas lançam mão do granito, do calcario, e, por mais de uma vez, do marmore branco de Estremoz, tratando-se de construcções importantes, e em alguns pontos os edificios são meramente de tijolo.

E' verosimil, aliás, o facto de ter sido aqui o principal centro portuguez do fabrico de azulejos, que durou pelo seculo XVIII adiante, existindo memoria da permanencia aqui de oleiros e ladrilhadores mouriscos.

Até para a construcção das egrejas se applicava amiude esta technica. O proprio esgrafito, em decorações de frisos e quejandas applicações, foi empregado por aqui desde éra remota.

(*Continúa.*)



CASA EM EVORA



# Os bastidores do nihilismo

Historia de um assassino, contada segundo os jornaes  
e a narrativa pessoal do seu secretario, Mr. Bruce Ingersoll

POR

MAX PEMBERTON

SYNOPSIS. — Capítulos I a VIII: Bruce Ingersoll, no momento de sahir da Universidade de Cambridge, precisa arranjar um modo de vida e pagar as suas dividas de estudante. Offerece-se para secretario e é contractado por Jean Cavanagh, grande magnate dos caminhos de ferro canadianos, cujo pae foi morto pelos nihilistas em Baku. Antes de sahir de Cambridge reconhece que Cavanagh pagou secretamente todos os seus compromissos. Avista-se com Cavanagh n'um hotel londrino e fica intrigado com a excitação que causa no magnate a leitura de um jornal da tarde. Partem subitamente para «A casa do Fen», residencia de Cavanagh, mysteriosamente vedada, construcção erguida no meio de muralhas, isolada de tudo e de todos. Ingersoll examina no seu quarto o jornal da noite e depara-se-lhe a noticia de um nihilista allemão que foi pelos ares no seu laboratorio, bem como tres dos seus cumplices. De noite é acordado por um grito afflictivo e ao alvorecer vê o argelino, um dos serviçaes de Cavanagh, dirigindo-se a cavallo do parque para casa. Mr. Cavanagh espera-o no jardim, e, tirando o jornal da noite da algibeira, bate-lhe com as mãos, endireita-o e convida o argelino a lê-lo. O primeiro trabalho de Ingersoll, como empregado, é redigir um relatorio de certas ruas e casas d'algumas cidades estrangeiras, muitas das quaes estavam situadas em viellas sórdidas e mal afamadas. De tarde, n'um passeio a cavallo, encontra uma formosa mulher e uma creança. A mulher perdera a razão e o homem que a vigiava de perto era o argelino. Subitamente Jehan Cavanagh resolve partir para Antuerpia na esperança de encontrar vestigios de Paulina Mamavieff, a mulher que matou seu pae em Baku.

IX

PROSPERO DE BLONDEL

Não me surprehendia nada encontrar-me em Antuerpia. Tudo quanto lera ou ouvira acerca de Jehan Cavanagh me falava na sua extraordinaria paixão pelas viagens. Não dormir nunca mais de quatro noites na mesma cama, tornara-se a maxima da sua vida nómada. Contaram-me que elle corria de um lado para outro aproveitando o mais insignificante pretexto. Vinha a Londres e partia no outro dia para a America.

Quando me levou a Huntingdon e conversou commigo ácerca de descanso, calculei que se enganava a si proprio. As perplexidades da minha posição não consentiram que fixasse os sentimentos que então me assaltaram. Não me lembro bem das suas palavras.

Mas se não me surprehendia a sua repentina deliberação de viajar, a maneira de o fazer é que me deu que pensar. Entráramos na casa de Waterbeach ás escondidas e sahiamos d'ella secretamente, de noite. E' verdade que o argelino não nos acompanhava, que foi o creado, Edward, quem examinou a estrada antes de nos mettermos

a ella e que só accendemos as grandes lanternas quasi na cidade de Cambridge. N'esse sitio, reconsiderando, Mr. Cavanagh ordenou que nos dirigissemos a Harwich pelo caminho de Newmarket e estrada de Bury. Não passamos assim por Londres, e fomos de saltada, de modo que chegamos ao rio Scheldt antes da meia noite. Parecia-me desnecessario fretar um navio para a travessia, mas como elle proprio me explicou, o seu yacht estava em Solento, não appareceria a tempo e nunca puzera o pé n'um navio de passageiros.

— Porque não? — perguntou-me — Se o dinheiro compra tudo, porque não hei de comprar as minhas commodidades? Para que hei de acordar de noite aos gritos de qualquer senhora enjoada? Ah! isso não, quando alguns discos com a effigie do rei me podem poupar a sua companhia. E' o melhor emprego do dinheiro, Ingersoll — viver sem que os visinhos seintromettam na nossa vida.

Concordei. Foi uma novidade para mim viajar com tanto luxo, e, para ser franco, deliciou-me. Quando chegamos a Antuerpia, esperava-nos uma carruagem particular que nos conduziu através d'aquellas lindas e velhas ruas, não a um hotel como eu esperava, mas a uma serie de aposentos quasi defronte da cathedral. Estes pareciam ter sido mobilados muito á pressa, mas era tudo do melhor, e Mr. Cavanagh occupou-os immediatamente como se tencionasse demorar-se largo tempo.

Esqueceu-me dizer que chegáramos á cidade um pouco antes de principiar ali a labuta da manhan. Via-se pouca gente nas ruas e as portas da cathedral ainda permaneciam fechadas. Nem por isso deixamos de encontrar um esplendido almoço, preparado para nós nos aposentos de Mr. Cavanagh, e dois creados francezes a quem elle se dirigiu quasi com familiaridade. A voz de um d'elles recordou-me singularmente a conversação que ouvira em Claridge Hotel, em Londres, dois dias antes, quando eu esperava na antesala. Conclui que os creados tinham vindo d'ali quando nós partimos para Cambridge. Era uma hypothese e não um facto. O que se me afigurou essencial, é que nos apresentaram magnifico café, quente, e um optimo almoço. Quando acabamos a agradável refeição, Mr. Cavanagh propoz-me para descansarmos uma hora.

— Não tenho nada que fazer hoje em Antuerpia — accentuou elle significativamente; — a minha tarefa começa ámanhan. Deite-se e durma, Ingersoll, e deixe que os servos façam a limpeza. Ha um costume n'esta terra que eu acho deprimente, é o espectáculo das creadas sacudindo os capachos das janellas. Deite-se, durma, meu amigo, e acorde com appetite.

Prometti que o faria e dirigi-me para uma alcova que ficava proximo da sua. Apesar de não ter pregado olho durante a noite foi-me impossivel conciliar o somno. Decorrida uma hora, quando os sinos da cathedral ainda por cima pareciam mofar de mim, resolvi tomar um banho e sahir sósinho. Foi um desapontamento para mim quando descobri que Mr. Cavanagh não tomava para si os sensatos conselhos que me dera. Quando entrei na sala encontrei-o em animada discussão com um dos typos mais originaes que tenho encontrado na minha existencia.

Calvo como um ovo, com o rosto como o focinho de um furão, com a bocca ao lado e sem dentes; com enormes orelhas, com as mãos compridas, delgadas e tisanadas pelo sol de muitas terras, vestia como um francez com pretensões a janota. Tal era o cavalleiro Charles Blondel a quem Mr. Cavanagh me apresentou.

— Devem entabolar relações — disse elle quando eu estendia a mão ao francez — o cavalleiro Blondel trabalhará comsigo, Ingersoll, quando tudo ficar combinado. Fale-lhe o seu peor francez e verá como o comprehende. E' um dos meus amigos, é o bastante.

— E um dos amigos de Mr. Ingersoll tambem — acrescentou o cavalleiro n'uma voz deliciosamente musical e meiga.

Não posso explicar o motivo, mas quando eu apertei a mão d'este homem pareceu-me que todo o sangue das minhas veias corria á desfilada. Nunca experimentara coisa semelhante. Os seus olhos fixavam-se, na direcção da minha cabeça, na parede que se erguia por traz de mim, exactamente como se o meu corpo não interceptasse o seu raio visual.

— Estarei sempre ao serviço do cavalleiro Blondel — declarei — e certamente as minhas intenções são melhores que o meu francez. Em que lhe posso ser util?

Riu e trocou um rapido olhar com Mr. Cavanagh.

— Amanhan — disse para Mr. Cavanagh em tom interrogativo e accrescentou muito baixinho — os olhos são juvenis, hão de nos servir.

Creio que a suggestão não agradou a Mr. Cavanagh, pois reprovou-a com um movimento de cabeça. Quando o velho cavalleiro se despediu de nós não se tornou a falar n'elle. Promptamente ficou assente que o meu chefe me serviria de guia durante uma hora ou duas e me mostraria alguma coisa de Antuerpia. Foi um soberbo passeio, na verdade. Envergonhei-me dos meus conhecimentos ao ouvir como este maravilhoso cicerone expunha o papel que os hollandeses tinham desempenhado na historia da Europa moderna e como a sua arte ganhara as mais decisivas victorias.

— Teria sido impossivel — commentou — divulgar a arte pela humanidade sem a fé que a inspira. Queixamo-nos de que a religião domina a arte, mas essas queixas não são logicas. A inspiração que se manifesta nas telas de Rubens é a mesma que se patenteia no mais humilde operario que construiu esta casa para ellas. A perfeição da forma attingida pelos gregos não tem a alma que estas coisas possuem. Eu queimaria alegremente um grandè inquisidor, mas a arte não o deve odiar. Compelliu os homens a fixarem os seus ideaes n'uma fé em que acreditavam. Ha poucas crenças hoje e é por isso que temos retratos á moda por alguns milhares de guinéos cada um e bastante insensatez para escrever sobre o impressionismo o bastante para encher uma livraria. Olhe, além, para aquella face do Christo na descida da cruz. Ha impressionismo ali ou no semblante da Virgem que fica ao lado de Jesus? Uma época que trata de mascarar as suas defficiencias, a actual. Só temos uma realidade, dinheiro; a fé é posta de parte.

A nossa primeira visita foi para a esplendida cathedral que sempre me pareceu uma das mais imponentes construcções gothicás da Europa. Escusado será dizer que, a um homem tal como Mr. Cavanagh, não lhe importava o aspecto commum das cidades. Passamos pela cathedral, no nosso caminho para a Praça Verde, em direcção das muralhas e lembrou-se de ver os fa-

mosos quadros de Rubens: «A subida e a descida da cruz». Depois recordo-me que visitamos os velhos bairros de Antuerpia, especialmente o designado pela policia: «Bairro hespanhol», onde existem descendentes dos soldados que foram a Hollanda com o duque de Alva. Estas temerosas viellas e pateos pareciam interessar profundamente o meu companheiro. Examinava o rosto de quem passava com uma avidéz impossivel de explicar.

— Se estudar a vida da cidade — disse-me — analise primeiro os seus criminosos. Não hão de ser os nossos amos de amanha, os assassinos, ladrões e malfeitores que nos hão de governar em nome da humanidade e que principiam por sacrificar as nossas esposas e filhos? Repare n'essas velhas casas, Ingersoll, e rememore que os hespanhoes andaram de porta em porta durante mais de trezentos annos torturando e queimando. Não pouparam nem homens, nem mulheres, nem creanças. Progredimos de então para cá? Temos-lhes chamado todos os nomes que podem decentemente figurar nas nossas historias. Transportou-nos a civilização para longe d'essas scenas? Olhe para aquella janella, onde a vidraça está quebrada, para aquella hobreira. Ali viveu Morivert durante um anno, o Morivert que arremessou um explosivo para debaixo das rodas do expresso de Vienna e matou vinte dos passageiros. Dirá que é um louco, pois é a unica desculpa para taes crimes, mas confesse que, na pratica, nos conservamos no mesmo estado que ha quatro seculos. Tire a guarnição militar d'esta cidade durante um só dia e antes de amanha os mortos contar-se-hão por milhares. O hespanhol existe aqui como em todas as cidades, e as creanças estão á sua mercê. E' por isso que lhe digo, estude primeiro os criminosos, porque não vem longe o dia em que elles serão os nossos senhores.

Era uma affirmativa exaggerada e eu não a podia tomar a serio. O grande deus Nihilismo nunca me atemorizou, porque sempre acreditei na sensatez do povo britannico, e declaro que o que tem succedido nos outros paizes pouco me tem impressionado o espirto. Ao mesmo tempo, é impossivel esquecer que o pae de Mr. Cavanagh foi assassinado pelos nihilistas de Baku, e lembrei-me subitamente que sua esposa perdera a

razão nas terríveis horas d'aquella medonha revolta. Sendo assim, comprehendia muito bem a morbida curiosidade que o impellia a elle a visitar os mais perigosos bairros da cidade.

— Mr. Cavanagh — retorqui — não se refere com certeza ao nosso tempo?

Não se imagina o tom e o calor com que elle me respondeu.

— Provar-lh'o-hei — declarou. — Amanhan, aqui, em Antuerpia, realiza-se a procissão com que este povo celebra a festa do Corpo de Deus. Encorporam-se no prestito os ministros e os principes. Os quarteis da cidade regorgitam de tropas; não ha um gendarme que tenha uma hora de descanso. Pensa que as creanças estejam a salvo com essas providencias? Estaria tranquillo se alguns dos seus filhos assistisse á cerimonia nas janellas da Praça Verde? Oh, uma bella garantia essa a da auctoridade, da ordem e do juizo do povo! Diga-me, Ingersoll, estaria completamente socegado? Não acredito. O senhor é um homem sensato, conhece muito bem o que os senhores assassinos estão hoje fazendo na Europa.

Não podia responder a isto, e, na verdade, não sabia como discutir. Ao meu argumento de que nunca ouvira que houvesse grandes descontentes entre os operarios de Antuerpia, replicou, quasi impacientemente, que os operarios não tinham nada que ver com isto.

— Não ha nada mais nobre n'este mundo de Deus — accentuou — que o homem que trabalha pacientemente e sem queixa para ganhar o pão de cada dia. Deixemol-os em paz pois estão fora do nosso caso. Refiro-me a uma nova raça de criminosos, dez vezes mais poderosos e dez vezes mais numerosos que os sicarios do Velho da Montanha, que se alimentavam comervas em Almut. Peço-lhe para se lembrar que esta gente floresce a despeito dos governos da Europa, que são tão covardes que pactuam com elles. Esses monstros matam e trucidam á sua vontade. Nenhuma razão ou piedade os detem. Não se compadecem das mulheres nem das creancinhas. O melhor d'elles não sabe o que precisa nem o meio de o obter. Somos levados a crêr que a liberdade que se lhes concede quasi os desculpa. Os ministros e o Parlamento falam d'elles em voz baixa. Não ha um homem sufficientemente

corajoso que se erga e diga que devem ser exterminados como vermes, pisados aos pés, fuzilados summariamente, perseguidos sem remorso, sem descanso, até final. Conceder-lhe treguas é uma inconfessavel pusillaniedade. Os ministros temem-nos, a policia receia-os. Um homem forte salvaria o universo da sua presença. Mas ainda não nasceu e até lá as mulheres soffrem e as creanças morrem nos seus braços.

Nunca o ouvira falar com tal vehemencia; e é facil de imaginar em que estado de espirito ouvi esta objurgatoria. Pela primeira vez desde que sahira de Londres acudiu-me ao espirito o episodio do jornal da noite ácerca dos suppostos nihilistas de Paris, e não pude deixar de associar isso com esta quasi incoherente confissão. Sofrera enormemente, mais que os seus mais intimos amigos sabiam, e d'este soffrimento nascera um desejo de exterminio. Foi o que percebi a principio, mas o que se seguiu depois, ninguém, atrevo-me a dizel-o, o previria, fosse qual fosse o seu poder de concepção.

— Não se pode lutar com loucos, Mr. Cavanagh — commentei eu por fim — não se pode matar um doido, oppõe-se a isso o nosso humanitarismo. Não será este motivo mais verdadeiro que a sua accusação de covardia feita aos homens? Ainda ha algumas cabeças sensatas... mesmo nos governos.

— Ingersoll — bradou elle apertando-me o braço como n'um tórno — se a mulher que o senhor amasse tivesse abandonado o filho que gerou, prégaria essa doutrina?

Não lhe pude responder. Desemboccavamos n'esse momento de um estreitissimo beco. Chamou um carro que passava e ordenou ao cocheiro que nos conduzisse aos jardins.

— O velho Prospero está ali — informou, mudando instantaneamente de maneiras apenas o sol o inundou de claridade. — Oh! eu estimo o velho Prospero; tem uma excellente cabeça em cima d'aquelles feios e velhos hombros. Vamos e vel-o-hemos comer, o que é um dos mais horrendos espectaculos da Europa.

## X

### A FESTA DO CORPO DE DEUS

Como toda a gente sabe, a festa do Corpo de Deus é celebrada com muita pompa e riqueza em Antuerpia. Se eu ignorasse o

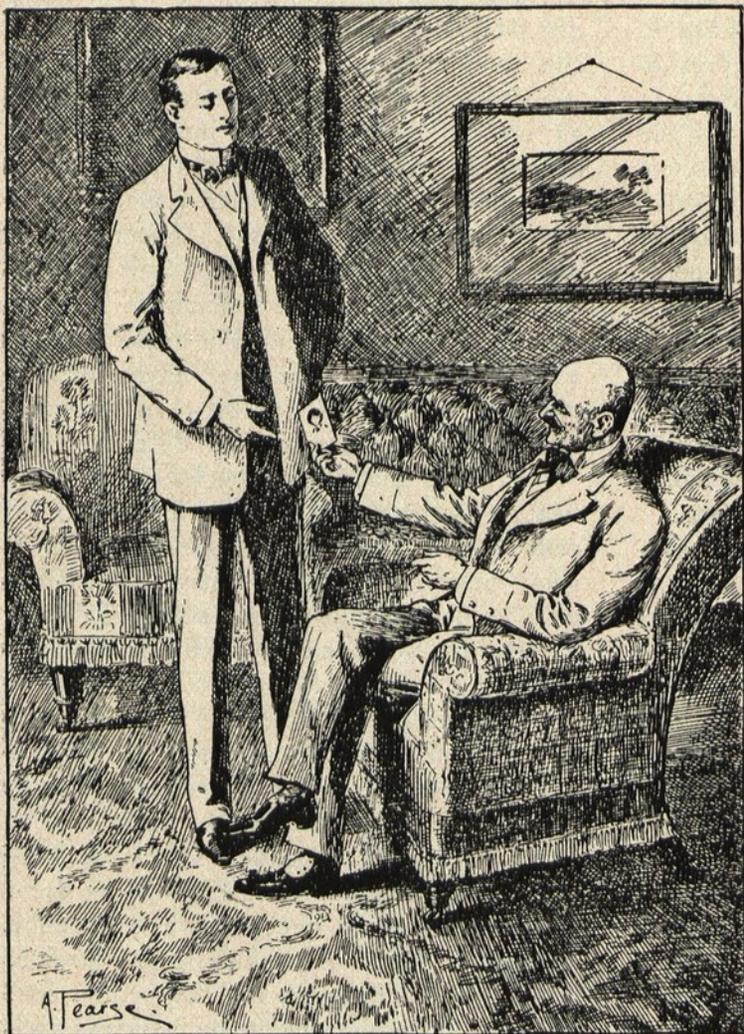
facto, o incessante martelar debaixo das janellas, quando eu pretendia dormir, era convincente e desagradavel argumento. Quando me assomei á varanda, ás onze horas, deparou-se-me um verdadeiro exercito de blusas azues que trabalhava á luz de monstruosos reflectores. Os operarios arranjavam palanques e dispunham tapeçarias como succede em toda a parte, ao

randas resplendeciam de balões e de luminarias. A densa turba movia-se de um para outro lado em busca de sitio mais commodo. Mr. Cavanagh, já prompto, falou-me da procissão e excitou em mim uma certa curiosidade. Confesso, porém, que me esquecera completamente das suas sinistras profecias e observava o espectáculo com aquelle attrahente interesse que raras vezes deixa de despertar. O que me prendia a vista era exactamente a procissão, celebre em todo o mundo; nem o apparecimento no meu quarto do moreno cavalleiro me desviou a attenção de lá.

Vestia irreprehensivelmente, recordo-me, um fraque cinzento e calçava botas de polimento tão lustroso que poderiam servir de espelho para fazer a barba. Pareceu-me trigueiro como na vespera, quando o vira nas meias sombras da minha alcova, e achei-lhe a voz não menos musical e o contacto da mão não menos repulsivo. Vinha, como declarou, pedir um favor e, por consideração para com Mr. Cavanagh, ouvi-o pacientemente.

— O nosso amigo não se encontra muito bem esta manhan — principiou o recémvindo, em admiravel inglez — devemos cuidar d'elle, Mr. Ingersoll. E' essa a nossa obrigação e o nosso privilegio. Estamos ao seu serviço, não é verdade? De aqui em diante trabalharemos os dois por uma causa, aventure-me a dizer, nobre, a todos os respeitos. Não é isto, não intrepreto bem as suas convicções?

Tirou um cigarro da algibeira enquanto falava e offereceu-me outro da sua cigareira. Fazia mal contemplar os seus olhos de fuinha, n'um continuo piscar, e que tanto podiam ser indicio de um homem genial como de um doudo. Não me causava medo... como me succedeu ao principio, mas encontrara pouca gente cuja companhia me desagradasse tanto, e por motivos que não era capaz de definir.



...RECONHECERIA ESTA DAMA?...

passo que os gendarmes e a cavallaria os contemplava n'uma ociosidade beatifica. Ouvi, a distancia, n'aquella noite o riso e as canções ribaldas da multidão, e quando Edward me trouxe o café na manhan seguinte, no dia da festa, não era facil conhecer a praça.

Milhares de ridiculas bandeiras fluctuavam á vontade ao sabor de uma brisa ligeira. Havia tribunas por toda a parte; das janellas pendiam colchas escarlates; as va-

— Cavalleiro Blondel — interpellei — encaminhando-me da janella para a cadeira onde se assentava, — que causa é essa, e como posso eu auxiliar-a?

Encolheu os hombros de tal modo que quasi tocaram nas suas enormes orelhas.

— Está aqui para coadjuvar o nosso amigo, não é verdade?

Concordei com o asserto.

— Pois não sabe, os seus ouvidos não lhe teem dito nada? . . .

— Quê! — bradei — isso não é honesto. Tenho ouvido muitas coisas vagas, que não são nada agradaveis. O pae de Mr. Cavanagh foi assassinado em Baku e os incendiarios torturaram sua esposa até que ella enlouquecesse. E verdade ou mentira cavalleiro Blondel?

— Absolutamente verdade — affirmou, ainda menos commovido que se relatasse um desastre da rua.

— E sendo verdade, Mr. Cavanagh deseja que eu o auxilie. Em que o posso auxiliar? Enuncie-o e começaremos a entender-nos.

Abanou a cabeça como se significasse: tratar do caso de uma forma muito generica.

— Mr. Ingersoll — espoz tirando um maço de papeis da algibeira e escolhendo de entre elles uma photographia, — reconheceria esta dama se a encontrasse na rua, no theatro ou na egreja? Se passasse por baixo das janellas hoje, distingui-a-hia e seria capaz de nos prevenir?

Peguei no retrato que me apresentava e contemplei-o como se fôra uma bella pintura. Para mim representava uma simples creança, uma rapariga de escola ahi dos seus dez annos, mas com uns olhos tão maravilhosos que a machina nada lhe tirara do seu brilho. Profundos, n'um rosto meigo e oval, amplamente rasgados, quasi fixos, eram uns olhos que nunca mais fogem da memoria e que nos podem causar a morte. Era esta a minha creança quando os vi pela primeira vez n'essa casa da Praça Verde em Antuerpia. E ainda é hoje a minha convicção inabalavel.

— Conhece o nome d'esta senhora? — inquiriu cahindo n'uma banalidade.

O cavalleiro Blondel riu-se de modo que eu lhe contei quantos dentes havia na sua bocca cavernosa.

— Certamente. E' Paulina Mamavieff, que

matou o pae de Mr. Cavanagh em Baku, a mulher a quem procuramos.

Não lhe deixei perceber a minha indifferença por essa historia. Não ha duvida que se convenceu que a intensidade dramatica do caso me impellia a interrogal-o, porque abanou a cabeça e riu-se como se ambos soubessemos algum grande segredo que não deviamos confiar a mais ninguem.

— Que matou o pae de Mr. Cavanagh em Baku — repetiu, repisando cada palavra como se a lingua não tivesse a precisa flexibilidade para a pronunciar. — Eis a razão porque a buscamos. Mr. Ingersoll. E' esse o motivo porque lhe lançaremos a mão se pudermos. Apanhal-a, enforcal-a, fuzilal-a, ou, melhor ainda, entregal-a á policia da sua cidade natal, que tem chicotes e ferros para marcar os criminosos, é o nosso dever. Quer examinar a multidão para ver se a encontra? Com certeza o fará. Não somos amigos do nosso amigo? Principia a trabalhar hoje para elle; não era possivel começarmos mais cedo, não é verdade? Trabalharemos para elle agora e emquanto nos demorarmos aqui. Posso comunicar-lhe que o acho excellentemente disposto?

Redargui-lhe que sim, que envidaria todos os esforços para isso. Lançando uma vista de olhos retrospectiva ao que succedera, surprehendia-me o não ter advinhado já qual era a singular missão de que me queria encarregar Mr. Cavanagh. Todavia não me censurava a mim proprio. O palacio dos seus loucos sonhos erguia-se presentemente deante de mim, pedra a pedra. A sua logica fôra dia a dia suggestionando a minha imaginação e obrigara-a a sobrecarregar-se de hypotheses. Em Antuerpia, n'aquella manhan, adquiri o conhecimento de um facto: que elle sahira de Inglaterra na esperança de apanhar uma simples creança que lhe matara o pae nos tumultos de Baku. O facto, e nada mais! No entanto eu devia descobrir uma folha da arvore da sciencia! um grão de areia n'um valle e arido deserto!

— Eu estou perfectamente disposto a fazer o que Mr. Cavanagh decida — affirmi, — se essa creança na verdade lhe matou o pae. . .

Blondel interrompeu-me logo, roendo as palavras, como um rato roe uma palha.

— Não resta a menor duvida. Foi vista

por vinte e cinco pessoas, com um revólver, Mr. Ingersoll. Acostumam as raparigas a usar armas, e depois gritam: «Tenham piedade das nossas filhas!» Mademoiselle Paulina Mamavieff é muito habil. Anda atrás d'ella a policia de cinco cidades e escapa-se-lhe por entre os dedos. Talvez não esteja hoje em Antuerpia. E' uma mera suspeita. Ha de haver qualquer accidente quando a procissão desfile. . .

— Que especie de acidente?

— Oh! não conserve illusões a esse respeito. Cavallos cahidos banhados em sangue, o povo a correr, fumo e barulho por toda a parte. Sim, sim, o senhor tem lido isso tudo; se tal succeder hoje, mademoiselle Mamavieff não andará longe, sabemol-o. Sabemos que seu primo Jorge desembarcou em Antuerpia a noite passada. São francezes, nascidos de paes francezes, no Caucaso, Mr. Ingersoll; o pae esteve vinte annos em Saghalien, a mãe, se não me engano, foi açoutada até morrer por não se deixar cortejar por um general. Não é uma familia sympathica, como vê, pois chegou até este ponto. Mas apanhal-a-hemos; não nos escapará. Não servi o meu amigo Lépine durante quinze annos para nada. Não sabia que eu era policia? Ah! então principiarei por lhe declarar que tenho prestado alguns serviços, acredite.

Palavra, era medonho ouvil-o tagarelar como um macaco zangado e conservar-se tão quedo como as figuras de pedra da cathedral fronteira! Deprehendi do seu arrazoado, que presumia que se dêsse na faustuosa procissão alguns d'esses loucos e terribes attentados, vulgares na Europa, n'estes ultimos annos. E insinuava, sem ambages, que a pequena escolar, cujos maravilhosos olhos se tinham fixado em mim ao contemplar o seu retrato, tomaria parte n'elle. Nunca se inventara mais monstruosa fabula. Eu, não acreditava uma palavra do que ouvira, e confessei-lh'o antes de Blondel sahir do meu quarto.

— Conte que farei o que me indicou, não o preciso repetir. Mas parece-me, caro senhor, que labora n'um erro. E' possivel que as suas informações não sejam verdadeiras, que a rapariga não fizesse fogo, e, que então. . .

Rangia os dentes colerico, quando me respondeu.

— Impossivel Mr. Ingersoll. Confessou-o. Não a tome por uma douda.

— Confessou-o. . . a quem?

— A mim.

Ergueu-se como se pensasse impressionar-me com a importancia tragica da sua declaração, e, na verdade conseguiu-o. O melhor advogado talvez não encontrasse um argumento para a defender depois d'isso e eu não o tentei. A rapariga confessara o assassinio, nada mais havia a acrescentar. Nem suppliquei piedade para ella, nem a mostrei. O meu interlocutor, convencido da sua criminalidade, observava-me com a auctoridade que tinha direito a exercer, e comprehendi que se os meus olhos a descobrissem e lh'a indicassem seria o ultimo dia da sua liberdade.

Chegara o momento de desfilar a força que precedia a procissão e fomos todos para a varanda que se nos preparara. Havia um toldo que nos guardava do sol, e, com as cadeiras que ali tinham sido collocadas encontravamos-nos tão bem como em qualquer das tribunas armadas para o effeito. Podiamos, notei-o, ver a procissão sem sermos vistos. A prodiga hospitalidade que tornara celebre Mr. Cavanagh enchera o espaço devoluto de garrafas de vinho e de caixas de charutos. Havia uma porção de cadeiras enfileiradas, á frente, e uma verdadeira sebe de flores a encobrir as grades. Percebi que Mr. Cavanagh estava pensativo e inquieto. Mal reparava em mim, mas conversava, de quando em quando, n'um idioma que eu não entendia, com o moreno policia em que depositava toda a confiança. Quando um distante som de corneta annunciou a aproximação da procissão, perdeu a côr repentinamente, correu a cortina e mergulhou a vista no ajuntamento com um olhar tão penetrante e observador que nada poderia escapar ao seu exame.

Estas festividades realizam-se no continente com bom gosto e cunho pittoresco e raras vezes o seu apurado sentimento artistico se deixa invadir pelo ridiculo. Assisti a ceremonias no meu paiz — o inglez é aturdido, desastrado; a sua tez, a sua apparencia são tão pesadas como a sua carne —, mas este espectáculo religioso nas ruas de Antuerpia é com certeza um dos melhores do seu genero que tenho visto. Medievo talvez, capuzes e opas sem numero, soldados an-

dando á frente, cavallaria dos lados, frades e freiras, padres e bispos, todas as dignidades clericas, a municipalidade, os grandes magnates com uma apparencia tão devota que pareciam não ter feito outra coisa toda a sua vida — um agrupamento heterogeneo com especimens de todos os seculos. Tudo isso desfilava lentamente pelas ruas n'uma intensa explosão de côres vivas, radiantes; côres arrancadas ás mais fundas entranhas do sol; um céu e uma terra pintalgadas, intimamente unidas e em apothese. Nem uma só casa deixava de contribuir com o seu contingente de bandeiras, de colchas de sumptuosas matizes; não existia uma janella que não resplandecesse de ornamentações; era tudo como uma immensa parede revestida de custosas tapeçarias com um cunho antigo e absolutamente dignas da cerimonia. Sobre o aspecto das ruas havia alguma razão de queixa. Muitas mulheres cobriam-se de véos negros; os tons eram mais sombrios, a nota religiosa mais pronunciada. Apesar d'este senão, tornava-se evidente que presenceávamos um acto de devoção, não um divertimento. Essa gente conservava a sua fé; nem os cynicos o poderiam negar.

A procissão era precedida, após os soldados, por algumas centenas de creanças, immaculadamente vestidas de branco que espalhavam rosas pelo caminho. Atraz d'ellas caminhava um religioso com uma enorme bandeira, que symbolisava os céos com o seu glorioso azul. Seguiam-se-lhe varias irmans de caridade empunhando cirios accesos, um turibulario, monjes com capuzes arvorando lampadas com cabos de prata, mais turibularios e acolytos, padres com solidéos, bispos com mitras, uma longa cobra dourada que colleava pelas ruas da cidade até a cathedral, cujas portas estavam escancaradas para a receber. Ouviam-se musicas solemnes, doces e plangentes, laldainhas á moda gregoriana, canticos arrastados como os benedictinos entôam na Italia, sons de trombetas, de cornetins e de trombones. Os tambores rufavam magestosamente; as vozes vibravam em compasso harmonioso como se a melancolia campeasse em plena luz e o firmamento se quizesse occultar d'ella. Esses cantos liturgicos dos frades impressionavam-me muito o espirito; acho-os superiores ás antiphonas anglicanas.

Caminhavam com toda a lentidão, os bons dos padres e clérigos; bem comprehendiam que a pressa e a dignidade raras vezes se dão bem. Para mim a novidade do espectáculo e a attitude do povo valiam mais que todo o resto. Confesso com toda a franqueza que me esqueci completamente n'aquelle momento das recommendações de Blondel e das mal definidas anciedades de Mr. Cavanagh. O que se passava na rua, a reverente unção da humilissima turba, os reparos dos gracejadores, os pequeninos seres entre a familia e as creadas, os desvellos maternas agora esquecidos pela devoção, os naturaes cuidados para que as creanças não manchassem os fatos novos, tudo isso, dizia, me absorvia inteiramente.

Quando olhei para cima, chamou-me a attenção um brado de Mr. Cavanagh. Não affirmo se os nossos olhos se encontraram; n'esse instante fui arremessado de encontro á parede como se um furacão me derrubasse e fez-se em volta de mim uma noite escurissima. E' tudo quanto posso narrar da conjuntura. Talvez o terror me tivesse desvairado completamente. Julguei-me no limiar da morte, mutilado, cego, exterminado. Não descrevo o que senti porque não me lembro de nada mais que da impressão de uma estupenda força, de um tufão que passou e das trevas mais absolutas.

Com certeza ninguem assiste a tal tragedia, sem se recordar da phase que se lhe seguiu. De penna na mão, reproduz-se-me o quadro no papel e vejo mais uma vez a Praça Verde surgindo da escuridão para a realidade da luz do sol. Uma caverna vomitando fumo e gritos de agonia; depois as casas acima do pavimento, os toldos, as colchas e as varandas com flores. Em baixo no solo, quando a escura nuvem se dissipou e os vultos do ajuntamento se divisaram, distinguam-se soldados com vistosos capacetes, hussares e gendarmes, mas nenhuns mortos, como esperava ver, nem qualquer signal de desgraças humanas como plangentes vozes apregoavam.

Appareceram mais tarde, quando a turba recuou, os officiaes se desmontaram e se formaram pequenos grupos. Deparou-se-me então um homem, ferido ou morto, sobre o qual um sargento deitou o capote, e uma creança, que transportada por dois braços fortes, era conduzida por alguém, que soluçava, á proxima casa de um amigo.

O louco attentado praticara-se em plena luz de um dia de verão. O povo é como os animaes medrosos que se humilham ante o estralejar da tempestade. Muitas mulheres tinham desmaiado; as creanças puxavam-lhes pelo fato e admiravam-se que ellas não respondessem. Corriam de um lado para o outro os officiaes a cavallo no cumprimento dos seus deveres, os magnates que desfilavam a pé, damas de corpos rotundos e porte magestoso, anjos e demonios cujas faces tinham sido esbofeteadas pelas chammas da explosão. Ainda ouço agora, quando escrevo, os seus phreneticos gritos. Acudiram retumbantes os bombeiros; desenrolaram as mangueiras e prepararam as bombas. Mas não havia fogo. O proprio fumo desvanecera-se. A parede do restaurante proximo apresentava uma profunda brecha. Qualquer pessoa teria rido se ouvisse dizer que por cima da bandeira da porta fôra arremessada uma bomba.

Comtudo alguma coisa fizera esse destroço. Se eu não raciocinasse ácerca do assumpto, o observador olhar de Mr. Cavanagh fixado no interior do restaurante, as palavras que trocou com Blondel, d'esta vez em inglez, bastariam para me elucidar. O assassino arremessara a bomba; o engenho batera no ferro do toldo collocado sobre a porta e deflagrara immediatamente, a seis pés da calçada.

Local como é acção d'estes explosivos, todo o damno fôra causado dentro de um circulo de não mais de vinte pés de circumferencia. N'este perimetro, os mortos e feridos cahiram horrivelmente mutilados; em redor agruparam-se os soldados. Do assassino ninguem parecia occupar-se, isto é, ninguem na multidão. Mr. Cavanagh pensava n'elle. A missão da justiça existia, no instante, nas mãos d'esse frio e impassivel homem que estava a meu lado, n'elle e no seu activo e perspicaz ajudante. Nenhum general no campo é mais fleugmatico que Jehan Cavanagh quando disse a Prospero de Blondel, um pouco antes da fumo desaparecer de cima do toldo:

— Dubarrac chegou. Que faziam em Madrid?

— Não o posso explicar, se é obra d'elle.

— Estou convencido d'isso. Esse fumo não lhe demonstra nada? E' de Dubarrac e veiu de Madrid. Que responde?

— Pesquisaram a casa. Foi no terceiro andar e no pequeno quarto da frente, que tem a cama. Não esteve ali a noite passada, nem ás oito d'esta manhan. Mas Dubarrac. . . é um milagre!

Não accrescentou mais nada, mas examinou o quarto alludido com o olhar curioso de um homem convencido que se representara ali uma tragedia. Custava-me a acreditar que esperassem este attentado e que andassem atrás do seu auctor. Quando Blondel declarou que a casa já tinha sido rebuscada, pareceu-me que não falava verdade. Rebuscada, e por quem? Não vira ninguem ali entrar desde o medonho instante do estrépito. Talvez houvesse outra entrada. Quem se encontrava lá dentro viera para a rua aos trambolhões como se fugisse a um incendio. Hospedes e creados, mulheres e homens, em balburdia, corriam lamentando-se, supplicando aos soldados que os salvassem. E Blondel falava de buscas. Feitas por quem? Repetia a mim proprio. Devia suppor que os dois fossem os chefes de uma organização já em actividade nas cidades da Europa? A magnitude da idéa impedia-me acreditar n'ella.

Crer que os agentes de Jehan Cavanagh tinham pesquisado a casa, não se me afigurava natural. Para o suppor só tinha algumas palavras sôltas. E, presentemente, para acabar com quaesquer hypotheses, a policia entrou e depressa foi vista a todas as janelas. E não só na casa avariada, mas ainda na do lado, e tambem na nossa. Ouvi os sabres retinirem na escada, a bulha de pesadas botas a andarem para baixo e para cima; chegaram até a entrar, mas não se demoraram. Blondel apenas disse uma simples palavra ao official que commandava, este fez-lhe a continencia e retirou-se.

Seria por causa do nome de Mr. Cavanagh, ou da primitiva profissão do homem trigueiro? Não o podia dizer então; não sabia n'aquelle tempo que não havia individualidade mais cordealmente recebida em todas as repartições de policia que Prospero Blondel.

Pela nossa parte, não tomávamos parte, pelo menos ostensivamente, nas pesquisas. As poucas palavras trocadas entre Mr. Cavanagh e o seu amigo eram frequentemente incompreensiveis para um estranho tão excitado como eu. E o seu demorado silencio,

imagina-se bem, uma verdadeira tortura para um rapaz.

Porque não repetiam de novo todas as circumstancias, porque não discutiam o caso alto e bom som, porque não se precipitavam para a rua para observar os estragos feitos e ouvir os commentarios dos soldados? E' facil adivinhar o que é uma creança em frente de uma tragedia. Morte! Que medo inspiras! Como alquebras o espirito! Todas as terriveis visões, todas essas scenas medonhas todas essas perguntas anciosas, onde estavam? Dirigi-me á janella e debrucei-me da varanda. Lá jazia o desventurado, com a cara tapada pelo capote do sargento e que nunca mais tornaria a ver a luz. Passara do goso da existencia para o vacuo tenebroso, para o desconhecido da eternidade. Que experimentara no instante do passamento? Soffrera? Conhecera-o. Que mão o derubara? Não uma conjectura ou supposição, mas a verdade. Estaria o louco contemplando a sua obra de alguma trapeira?

(Continúa.)

Estes raciocinios aturdiram-me. Quedei-me abstracto no parapeito, contemplando a turba lá em baixo, mas não pensava em nada. Quando ergui o rosto decorreriam muitos minutos antes de eu poder dizer o motivo porque me conservava ali, ou o que é que me fascinava. Porfim consegui emancipar-me e, afastando-me resolutamente, peguei no braço de Blondel e obriguei-o a olhar para um determinado ponto.

— A mulher — exclamei — a tal mademoiselle Mamavieff. Está ali em baixo exactamente por traz de um official de husares, á esquina. Não a vê Mr. Blondel?

Assestaram ambos os binoculos e demoraram-se muito tempo a examinar aquelle sitio. Blondel, penso eu, fez um signal a alguém que se encontrava defronte, mas não o juraria.

— Oh! não ha duvida que os olhos dos rapazes novos são magnificos! — exclamou porfim. — Mas meus amigos, iamo-nos esquecendo do almoço.

Traducção de EDUARDO DE NORONHA.

## NOTICIAS DE ULYSSES



PRETENDENTE — *Porque está hoje tão contente, sr.<sup>a</sup> Penelope?*  
 PENELOPE — *E' que recebi agora mesmo um marconigrama de Ulysses. Participa-me que passou a salvamento entre Scylla e Cherybdis.*

# CENTENARIO DA GUERRA PENINSULAR

**JUNHO DE 1808**

**Dia 21**

Estabelece-se em **Bragança** uma junta de governo presidida pelo general Sepulveda, e é para ella transferida toda a administração da provincia de Traz-os-Montes. Chama-se a principio *suprema*, nome que veio a trocar-se pelo de *provincial*, em razão de se denominar d'aquelle modo a junta do Porto, fundada no dia 19.

Um edital de Sepulveda chama ás armas todos os transmontanos contra o inimigo commum e lembra-lhes o exemplo dado pela Hespanha.

Loison, o detestado e sanguinario general francez conhecido em Portugal pela alcunha de *O Maneta*, tendo sahido, na vespera, de Almeida com 1:800 homens, a fim de ir submeter o Porto, é detido por paisanos armados na estrada de Regoa para Amarante, no sitio dos **Padrões do Teixeira**. Estava o Maneta jantando em Mezão Frio, tendo ficado atraz as bagagens, quando uma ordenança vem participar-lhe que os paisanos da serra disputam a passagem dos Padrões.

— Tencionava dormir aqui, agora mudei

de tenção, exclama Loison. A's quatro da tarde vou castigar os rebeldes.

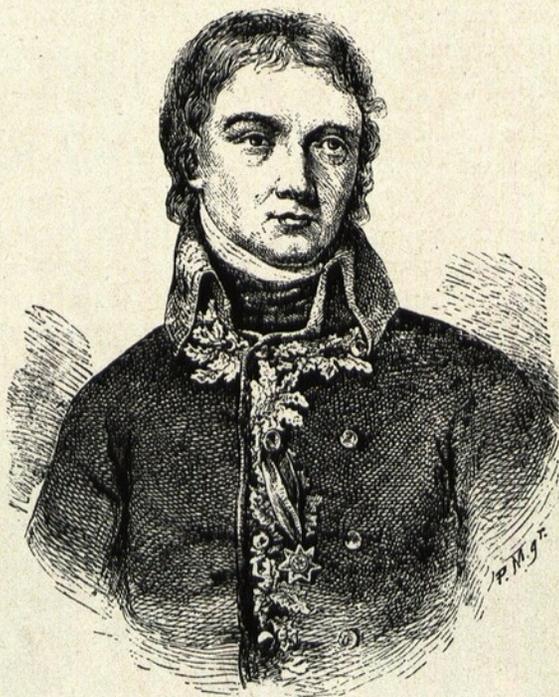
Quando vae continuar a jantar, chega-lhe aviso de que lhe estavam atacando as bagagens, na Regoa. Mettido entre os elevados contrafortes do Marão e a corrente do Douro, Loison abandona, em Mezão Frio, jantar e malas, e corre para as margens do Douro, soffrendo o tiroteio de trinta homens emboscados no lugar de Santinho, e sendo por fim corrido á pedra. Os paisanos teem afinal de retirar para as alturas, e os francezes acampam no Olival Escuro.

A proposito d'aquelle desastre, Rodrigo da Fonseca Magalhães, que era então estudante da universidade de Coimbra, fez o seguinte soneto, em que já se evidencia o espirito satyrico de quem tão notavel se

tornou, decorridos annos, na politica e no parlamento portuguez :

«Quiz o fero Loison, esse insolente,  
Reduzir Portugal a negro estado;  
E apesar do seu braço decepado  
Tentou, tentou a empreza infelizmente.

Eis, quatro, ou seis paisanos, tão sómente  
Lançam fóra, á pedrada, o vil malvado,  
E, vendo então o fato mal parado,  
*Marchez, marchez!* dizia o tal valente :



O GENERAL JUNOT

Raivoso range os dentes, ruge e brama,  
Mas de balde, franzindo o rosto feio,  
*Que diables portugais!* furioso exclama.

Ora vejam o tonto aonde veio!  
Para guerreiros taes só basta a fama,  
Do luso imperio, perennal esteio.»

**Juromenha** cae em poder das forças do sargento mór Antonio Lobo Infante de Lacerda e de duzentos hespanhoes commandados pelo brigadeiro D. Frederico Moretti.

**Tavira** proclama a restauração do governo legitimo.

### Dia 22

O general Loison, desfeito no dia anterior pelos paisanos armados, torna a passar o Douro, encaminha-se para **Lamego** e **Castro Daire**, onde causa grandes estragos.

O **Algarve** fica totalmente limpo de invasores, os quaes retiraram para o Alemtejo.

### Dia 23

Ao anoitecer, quando vão começar as festas de S. João, chegam a **Coimbra** alguns voluntarios vindos do Porto e de outras terras do norte e, depois de prenderem diversos soldados francezes que estavam na cidade, percorrem as ruas, acompanhados por muito povo, acclamando com doido entusiasmo o principe regente.

### Dia 24

O movimento iniciado em **Coimbra** no dia anterior é secundado pelos lentes e estudantes da Universidade. Fica eleito governador da cidade o vice-reitor dr. Manuel Paes de Aragão Trigoso.

**Beja** mostra uma tal animadversão contra uns francezes fugidos do Algarve que iam ali pedir quartéis e viveres, que o commandante da força julga mais prudente retirar, sem que as requisições sejam satisfeitas

### Dia 25

Os francezes, que tinham sido obrigados no dia anterior a sahir de **Beja**, juntam-se

a outros, tambem chegados do Algarve, que estavam em Mertola, e tomam a cidade, onde praticam muitos roubos e atrocidades.

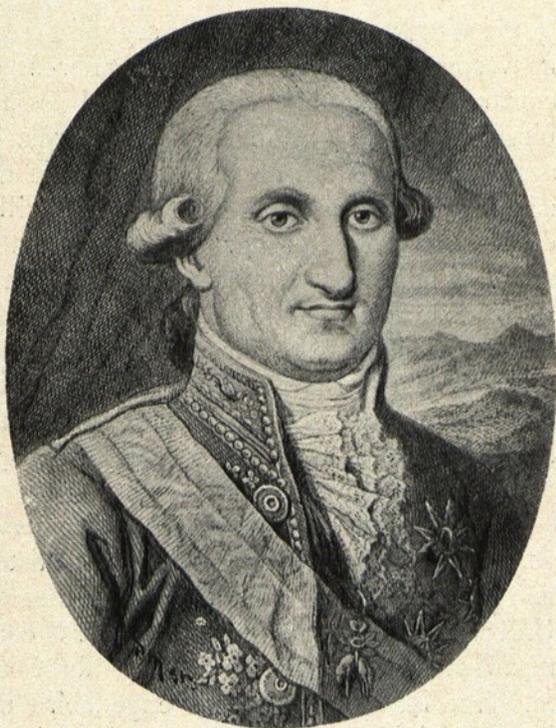
Em **Torre de Moncorvo**, segundo o que na vespera resolvera o clero e a nobreza da comarca, faz-se um congresso geral dos habitantes, para se estabelecer uma fôrma de administração, que, na falta e ausencia dos ministros, promova a união das restantes villas da comarca, onde era grande o odio contra aquelles ministros. O ajuntamento effectuouse perante a camara e erigiu-se uma junta de segurança e administração publica, composta de um presidente e quatro deputados. Esta junta submetteu-se á do Porto, mas nunca reconheceu a supremacia da de Bragança.

Organisa-se em **Coimbra** um *corpo de voluntarios academicos* em que se alistam não só estudantes mas tambem lentes da Universidade, sendo escolhido para commandante o dr. Tristão Moraes da Costa Silveira, lente de calculo e engenheiro militar. Dividido em seis companhias, abrangia forças de artilharia, cavallaria e caçadores. As suas praças usavam um uniforme especial, por ser a capa e a batina trajo improprio para o serviço de campanha. Na data da organização, já muitos alumnos da Universidade se haviam retirado para as suas terras, por terem feito acto; ainda assim alistam-se muitos academicos impellidos pelo desejo de servirem a patria contra o invasor.

### Dia 26

O duque de Abrantes (Junot), n'uma proclamação redigida em francez e em portuguez, incita os habitantes de Portugal a se manterem socegados, para que o rei, que elles pediam com insistencia a Napoleão o Grande e que n'este momento pensa em approximar-se, encontre vassallos fieis e não rebeldes; um reino socegado e cidades florescentes, em vez de ruinas, montões de cinzas e cadaveres. Censura acremente a Inglaterra. Diz que Napoleão faz concessões aos portuguezes e comina a pena de arcabuzamento a todo o individuo que fôr detido com as armas na mão. A povoação que haja tomado as armas contra os francezes, ou fizer fogo sobre estes, será entregue á

pilhagem, inteiramente destruída e passados á espada os seus habitantes.



CARLOS IV, REI DE HESPAHHA

Uma expedição de 40 voluntarios, dos quaes 25 são estudantes, sahida na vespera de Coimbra, chega de manhã á **Figueira da Foz** com a missão de tomar o forte de Santa Catharina, que domina a entrada do Mondego, o que dará em resultado poder estabelecer-se comunicação com a esquadra britannica que navega perto da costa. O commandante da expedição é o sargento de artilheria Bernardo Antonio Zagallo, estudante da Universidade. Recebida entusiasmaticamente em Montemor-o-Velho, Tentugal e outras povoações que atravessa, a expedição que já levava perto de 3:000 homens armados de piques, lanças, foutes e outras armas, entra sem resistencia na Figueira e cerca o forte, intimando a render-se a guarnição composta de cem soldados bem armados, muitos dos quaes são francezes, e commandados pelo tenente de engenheiros Cibrão, official que serve com os invasores. A guarnição faz fogo contra os sitiados, que nada soffrem porque se deitam a tempo no chão, aconselhados por Zagallo.

E' interceptada por estes a passagem para o Cabedello, ficando isolados os defensores do forte.

### Dia 27

Cae em poder dos voluntarios commandados pelo sargento Zagallo o forte de Santa Catharina, na **Figueira da Foz**, ficando prisioneiros bastantes francezes. Iça-se no forte a bandeira e dá-se uma salva, depois do que a expedição regressa a Coimbra.

### Dia 28

Organisada em **Coimbra** uma expedição para ir a Pombal e Leiria restabelecer o governo legitimo e aprisionar francezes, parte sob o commando do furriel Victorino de Barros Carvalhaes. Os quinze estudantes que, por ordem do governador, n'ella se incorporaram, foram avisados em segredo, a fim de evitar que outros tambem quizessem marchar, tal era o aneio em que todos estavam de ir combater em defesa da patria.

### Dia 30

Chega a **Leiria** a expedição de Victorino Carvalhaes, tendo restabelecido o governo legitimo em Condeixa, Soure, Ega e Pombal. Engrossou tanto que leva já perto de duzentos homens. Os leirienses juntam os seus gritos de entusiasmo patriotico aos



MANUEL GODOY, PRINCIPE DE PAZ

dos paisanos armados que se espalham pelas ruas da cidade.

Um frade arrabido, que andava no meio dos academicos montado em um macho, de jaqueta branca, espada na mão e pistolas nos coldres, apanha um capote deixado por um dos soldados francezes que tinham fugido pouco antes, atira-o aos ares, dá-lhe mil tratos e deixa-o afinal reduzido a frangalhos, fazendo isto um reboliço tamanho que levou ao auge o entusiasmo e a alegria do povo.

Tendo ido oito officiaes da corregedoria de Abrantes a **Thomar** com o fim de prenderem um frade franciscano, que tinha criticado um artigo da *Gazeta de Lisboa* favoravel ao governo de Junot, o povo revolta-se e obriga-os a retirarem-se a toda a pressa. Principia depois a soltar vivas ao governo legitimo e morras aos *judeus*, nome por que eram designados os partidarios dos francezes. Os magistrados da villa, a principio, não se intromettem no movimento, por lhe preverem mau resultado, visto que as forças inimigas, que andam perto de Lisboa, podem sobrevir inopinadamente e exercer represalias.

E' restabelecido em **Vizeu** o governo nacional, ficando a parte civil confiada ao bispo e a militar ao general que antes servia de governador das armas da provincia.

## JULHO DE 1808

### Dia 1

Reunem-se em **Leiria** a camara municipal, a nobreza e o povo e offerecem ao bispo da diocese o governo da cidade. Como o prelado pede escusa de mandar, embora como bom patriota esteja prompto para fazer tudo quanto puder a bem da causa publica, é escolhido outro individuo, que vae logo para Coimbra entender-se com o governador d'esta cidade, emquanto o coronel das milicias e o capitão-mór das ordenanças combinam tudo para a defeza, entendendo-se com os povos de Pombal, Redinha, etc.

O juiz do povo eleito pelos habitantes de **Vizeu** vae ao palacio de Fontello e consegue impôr-se ao bispo, general, corregedor

e outras auctoridades que se acham ali reunidas, ficando com mais força que todas ellas reunidas.

### Dia 2

O boticario Francisco Cesario Rodrigues Moacho e o negociante Luiz José Xara, tendo alcançado o auxilio da junta de Badajoz, promovem a restauração da praça de **Campo Maior**, que é occupada por tropas hespanholas. Organiza-se a defesa, reparando-se as brechas que havia na muralha, para o que o povo trabalha com a maior dedicação,

Indignados com o saque de que eram victimas desde a vespera, em razão de não ter podido o juiz de **Pederneira** satisfazer uma requisição de viveres para os francezes que guarnecem os fortes da Nazareth, S. Gião e S. Martinho, os povos d'aquella localidade, ajudados pelos academicos e paisanos vindos de Coimbra, etc., sublevam-se e matam dois soldados inimigos, um dos quaes estava de sentinella ao mastro em que se faziam os signaes telegraphicos. Arranja-se alguma polvora, chuços, espingardas, fouces, e os paisanos assim armados dispõem-se a atacar os fortes. As guarnições de S. Gião e a de S. Martinho fogem e vão juntar-se ao exercito do general Thomières, que anda entre Caldas, Obidos e Peniche. Estabelece-se cerco ao forte da Nazareth, que é batido por duas peças trazidas do forte de S. Gião.

N'uma carta pastoral, que deverá ler-se em todas as egrejas do patriarchado de **Lisboa**, os principaes Silva, Castro e o decano que o regiam, lamentam os «exemplos inauditos de crueza e de perfidia recentemente praticados em diversas provincias d'este reino contra as tropas francezas, que pacificamente o occupavam e que o guardam e defendem debaixo da Direcção Sabia e Vigilante de um Chefe guerreiro experimentado e nosso Amigo, que o possui, e o governa em Nome do Grande Imperador, do Invençivel **Napoleon**». Censuram os ecclesiasticos que tomaram parte nos acontecimentos e ameaçam com promptos e temerosos castigos os que se deixarem arrastar a eguaes excessos. Dizem que a doutrina que a pastoral defende é de Jesus Christo e cominam a pena de excommunhão maior e perdimento

de seus cargos e officios aos ecclesiasticos que se afastarem d'aquellas regras, e aconselham-n'os a manterem-se «no Silencio, na Oração, no Retiro e na pratica de todas as Virtudes».

Esqueceu a estes principaes que é virtude o amor á nossa terra natal.

### Dia 3

Loison chega de tarde com a divisão do seu commando á **Guarda**, onde na vespera se formara um governo patriótico, presidido pelo bispo da diocese. Como é domingo e dia de feira, as estradas da cidade regorgitam de povo, armado na maior parte. Depois de um rapido reconhecimento, os francezes avançam e começam a praticar mortes e roubos.

### Dia 4

E' tomado o forte da **Nazareth** pelos patriotas que o atacavam, e cahem prisioneiros os cincoenta e tantos homens que o guarnecem. Apressa este deslance um artilheiro portuguez que, tendo desertado do forte, veio juntar-se aos nossos. Fez tão boas pontarias que a primeira bala arruinou a porta da fortificação, do que resultou ser içada n'esta a bandeira parlamentar.

(Quando se retiravam, tiveram noticia de que o inimigo retomara Leiria. Embrenhando-se por pinhaes, mattas e silvados, chegaram á Figueira da Foz, depois de uma

noite e um dia de trabalhosa marcha. Os prisioneiros acompanharam-n'os e foram d'ali levados para o Porto.)

A villa da **Covilhã**, que se tinha sublevado no dia anterior, seguindo o exemplo da Guarda, prepara-se para celebrar um *Te-Deum*, quando, ás 7 horas da manhã, se divulga a noticia dos attentados que a divisão de Loison praticara n'aquella cidade, e de que não tardará a passar por ali. Organiza-

se com grande entusiasmo a defeza, havendo tumultos, de que por pouco não é victima o irlandez Reynolds e outro estrangeiro. A' tarde passam as forças de Loison a duas leguas da Covilhã, para os lados de Belmonte, do outro lado do Zezere, mas não atacam aquella localidade.

Gregorio Tavares, tenente coronel do 1.º regimento de milicias da comarca, vae arrojadamente observar o inimigo e colhe um extraviado.

Vendo isto o

franciscano Frei João da Madre de Deus, cheio de emulação exclama: «Pois eu não hei de ir tambem buscar alguns prisioneiros?» Sae acompanhado por outros homens valentes, passam o Zezere e juntos com quatro habitantes de Perabôa vão dar com sete francezes ao pé do lugar de Capinha, dos quaes matam um e aprisionam os restantes. (Ganhou tanta fama n'esta guerra como os dominicanos José Joaquim de Ascensão e Antonio Pacheco, cognominados *os frades do habito branco*.)



D. FREI MANUEL DO CENACULO, ARCEBISPO DE EVORA

**Dia 5**

Os francezes, sob o commando do general Margaron, retomam **Leiria**. Formados em arco, com a artilheria ao centro, vão-se approximando silenciosamente da cidade, caminhando curvados os soldados e com as armas baixas, a fim de não serem vistos. Como se demora muito um parlamentar que mandaram aos defensores da cidade, começam a fazer fogo tanto que o cerco se completa. Ainda lhes é disputado pelas milicias o passo da Portella. Tomado este, os atacantes espalham-se pela cidade e arrabaldes, matando, roubando e perpetrando outros attentados repugnantes. Um paisano que estava de guarda junto ás grades da cadeia foi atravessado á espada pelo general Margaron. Quando os inimigos se dispõem a profanar o convento das freiras de Sant'Anna, apparece á portaria a abbadessa, á frente da communitade, de cruz alçada, e assim lhes impõe respeito.

Depois de praticar innumerous morticinios, os francezes organizam um governo, para a cidade, ficando como corregedor mór o mesmo individuo que no dia 4 tinha publicado pelas ruas uma proclamação patriótica. — O medo sempre foi mau conselheiro em pontos de coherencia politica.

Organiza-se em **Campo Maior** uma junta de governo, presidida por D. Nicolas Moreno de Monroy, official hespanhol que governava a praça e que era muito querido dos habitantes. E' a primeira junta que se creou no Alemtejo.

**Dia 8**

N'este dia, ou em outro muito proximo, fazem-se de vela de **Olhão** para o Rio de Janeiro, n'um fragil cahique, acompanhados sómente das suas companhas, o mestre Manuel Martins Garrocho e o piloto Manuel de Oliveira, a fim de irem participar ao principe regente a restauração do Algarve. Abalançam-se a este audacioso commettimento apesar da sua pequena instrucção e de não terem pratica de viagens de longo curso.

(Tendo tomado na Madeira um piloto mais pratico, chegaram a salvamento á capital do Brazil, onde foram acolhidos com grande entusiasmo, recebendo generosa recompensa. Parece que ainda existe no Rio o

cahique onde se effectuou esta arriscadissima viagem. O lugar de Olhão foi erigido em villa, sob o nome de *Villa de Olhão da Restauração* e recebeu varias concessões, em memoria dos importantes serviços prestados pelo seu povo n'aquella quadra.)

**Dia 9**

O general francez Margaron chega a **Thomar** com a divisão do seu commando e impõe a contribuição de dez mil cruzados, para ser paga pelos conventos e restante clero.

**Dia 11**

Grandes tumultos em **Arcos de Val de Vez**. Tendo constado que 20:000 francezes haviam desembarcado em Espozende, os sinos tocam a rebate e junta-se muito povo dos Arcos e aldeias proximas, armado com toda a qualidade de armas e toma pela estrada de Ponte de Lima. Reconhecido o boato como falso, tornam os populares para a villa, mas como lhes dizem que esta se acha entregue á furia dos povos das freguezias do norte, debandam, fugindo uma parte para as montanhas. As gentes de fóra que se apinhavam nas ruas de Arcos de Val de Vez, fazendo grande celeuma, enfurecem-se contra o juiz de fóra, que acaba de ser preso nos montes. Conduzem-n'ó á cadeia e antes de o matarem mandam a um clerigo que o vá confessar. E como elle objecta que não tem jurisdicção para administrar aquelle sacramento, os sediciosos respondem:

— Nós lh'a damos!

Entra o ecclesiastico no carcere e aconselha o juiz de fóra a que se finja morto; volta á rua e diz com enfado para o povo:

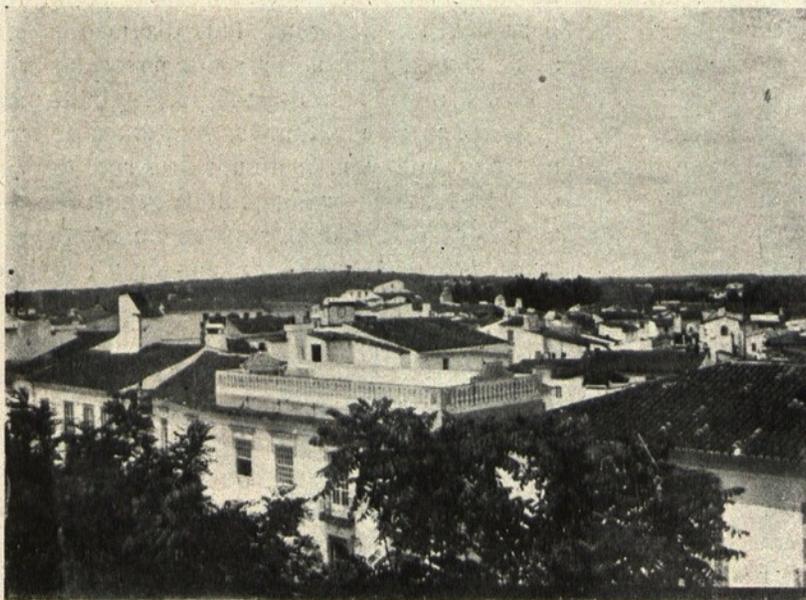
— Para que me mandastes confessar um homem que já está morto?

Os sinos tocam a defunto e o preso escapa com vida. Os membros da camara são insultados, e queimados os moveis e as portas dos paços do concelho e o archivo. Tambem são incendiadas e saqueadas algumas casas, com o pretexto de se averiguar se está algum francez lá escondido.

Os revoltosos, que são animados por um frade muito intrigante, nomeiam general um frade capucho, depois de deporem varias autoridades.

**Dia 12**

Parte de **Cork**, porto da Irlanda, uma expedição sob o commando de Sir Arthur Wellesley. Parece que o governo britannico, quando pensou em mandar estas tropas á Península, tinha principalmente em vista o apossar-se de Lisboa e socorrer Cadiz, afim de ter dois portos excellentes por onde os seus exercitos pudessem penetrar em Portugal e Hespanha. A expedição sahida de Cork é da força de 9:000 homens e pode dispôr, se fôr necessario, da divisão de Spencer, na força de 5:000 homens, destinada primitivamente a socorrer Cadiz. Foi o seu commandante avisado de que seria reforçado com 5:000 homens do general Ackland e 10:000 do general Sir John Moore. Se começar as operações por Portugal, deverá tentar o desembarque junto á foz do Tejo, secundado pela esquadra do almirante Cotton, e esforçar-se para afugentar



UMA VISTA DE EVORA

os francezes de Lisboa e cortar-lhes a retirada para Hespanha, podendo, porém, executar outro plano que se lhe afigure mais proprio para assegurar o bem das duas nações da península hispanica.

**Dia 15**

As tropas do general Thomières, na força de 3:000 homens, entram em **Nazareth**, su-

jeitando a povoação, de que tinham fugido os habitantes, ao saque e ao incendio. O famoso templo de Nossa Senhora da Nazareth é roubado e profanado, perdendo-se muitas preciosidades. Só deixam de ficar em cinzas quatro das trezentas e tantas casas que havia junto da praia, e não escapa á destruição nem um barco nem uma réde de pescadores.

Restabelece-se o socego em **Arcos de Val de Vez** com a chegada das tropas de artilheria e infantaria mandadas de Vianna do Castello. Levanta-se uma devassa e fazem-se muitas prisões.

**Dia 20**

Constitue-se a junta de **Evora**, presidida pelo arcebispo D. Frei Manuel do Cenaculo Villas Boas e pelo general Francisco de Paula Leite, os quaes estavam de accordo com o brigadeiro hespanhol Frederico Moretti, que tomou grande parte na sublevação do Alemtejo. Dos outros membros da junta, tres tinham pertencido á junta de Extremoz, a qual, ainda que por poucos dias, possuirá as honras de suprema da provincia. Expede a junta de Evora circulars ás demais do Alemtejo, para que a considerem como suprema.

Sir Arthur Wellesley, commandante da expedição sahida de Cork, é acolhido entusiasticamente na **Corunha** e tem uma conferencia com a junta de governo, a qual lhe pede que antes de tudo expulse de Portugal os francezes.

**Dia 24**

Sir Arthur Wellesley avista-se com o bispo do **Porto** e com generaes portuguezes, achando-se a esquadra que traz a expedição deante da foz do Douro. O presidente governador promete-lhe que 5:000

homens de tropas portuguezas irão coadjuvar o exercito britannico, ao passo que outras se occuparão do bloqueio de Almeida e da defeza de Traz os Montes, contra uma possivel invasão de Bessiè-res, que vencera pouco antes em Rio Secco.

Um homem chamado Manoel Antonio, que tinha sido correio e que passava por mentecapto em razão de andar extravagantemente vestido, é encontrado ás 10 horas da manhã, ao pé da igreja de Santos, em **Lisboa**, trajando uma jaqueta branca toda cheia de boccadinhos de fita encarnada. Prendem-n'o e conduzem-n'o a casa do general Delaborde, governador da capital. Fazem-lhe um processo summario e fuzilam-no no Terreiro do Paço, junto da estatua equestre, ás 3 horas da tarde, considerando-o emissario dos insurgentes, e sendo as fitinhas julgadas como insignias revolucionarias.

### Dia 26

Sir Arthur Wellesley chega á **embocadura do Tejo** e conferencia com o almirante Cotton, cuja esquadra estava ali fundeada. D'esta entrevista, e das que elle tivera com as juntas da Corunha e do Porto, resulta que Wellesley assenta as bases do seu plano de campanha. Vae intentar a expulsão dos francezes de Portugal, aproveitando as forças de Spencer e effectuando o desembarque na bahia do Mondego, de onde marchará sobre Lisboa, a fim de apossar-se d'esta cidade e do Tejo.

### Dia 29

**Evora** é atacada pelas forças de Loison. Estava defendida por 700 portuguezes, quasi todos de tropa irregular, e 1:770 hespanhoes. Das 7 para as 8 horas da manhã

as vedetas dão parte de que se avista o inimigo. Os defensores postam-se a um quarto de legua da cidade, segundo o plano do general Francisco de Paula Leite. Rompe o



INVICTO WELLINGTON.

LUSITANIA GRATA

RETRATO DE WELLINGTON

Desenho de Pellegrini, gravura de Baltolozzi

fogo ás 11 da manhã e dura uma hora. Os francezes atacam em tres columnas. A cavallaria da defeza conserva-se inactiva, na retaguarda, e afinal retira. O regimento de *Maria Luiza*, da cavallaria hespanhola, debanda tão vergonhosamente, sem haver combatido, que os portuguezes lhe ficam desde então chamando o regimento da *Maria Foge*.

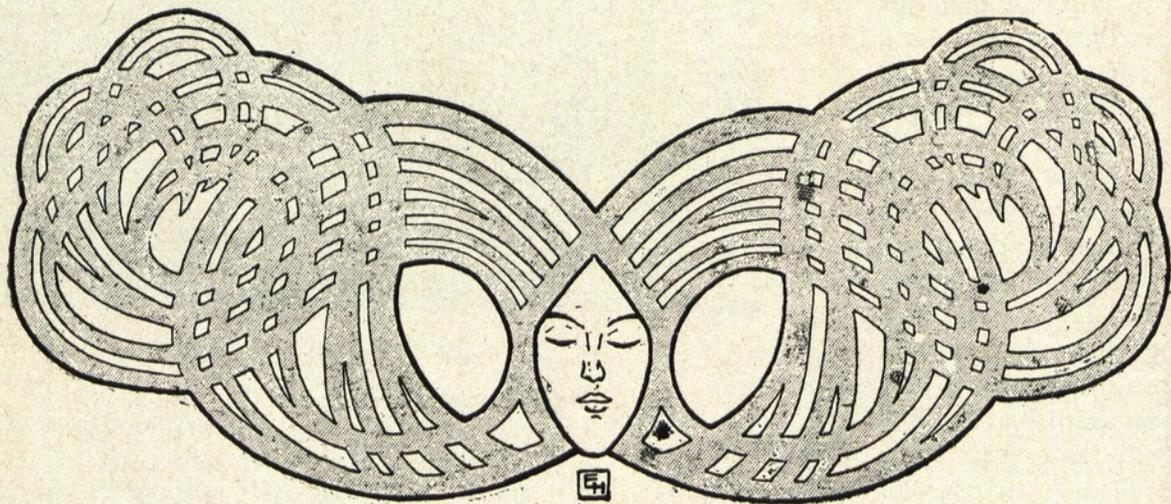
Tomam os inimigos a nossa posição da direita, e os defensores retiram, conseguindo os artilheiros do 3 salvar duas peças. O arcebispo D. Frei Manuel de Cenaculo Villas Boas, a quem um official hespanhol vae dizer que sem demora cuide em salvar a vida, responde-lhe serenamente que trate de salvar a sua, sem cuidar nos poucos e inuteis dias que a elle, prelado, podem restar. Os atacantes, depois de perderem alguns dos seus, que os defensores postados nas muralhas lhes matam, entram em Evora, tendo-a envolvido primeiramente com um cordão de cavallaria, para que ninguem possa fugir. No interior da cidade alemtejana vae um panico medonho. Uns tentam precipitar-se das muralhas, outros refugiam-se nas egrejas. Travam-se combates encarniçados nas ruas, sustentados da parte da defesa pela legião de voluntarios estrangeiros. A's 4 horas da tarde Loison manda tocar *á degola*. As barbaridades que então se praticam lembram as dos hunos acaudilhados por Attila, o famigerado *Flagelo de*

*Deus*. Assassinios, violações, saques preenchem as horas sem fim que decorrem até ás onze e meia da manhã seguinte. Na Sé agglomeram-se homens, mulheres, creanças, em choros e gritos clamorosos. Os assaltantes apontam para lá duas peças de artilheria. Vae ser uma hecatombe terrivel. N'isto o venerando arcebispo sae do templo e avança gravemente para o inimigo. Loison injuria-o a principio, mas é soldado e aquelle acto de heroismo cala-lhe no animo. Serena um pouco e promette mandar pôr termo ás atrocidades, que sem embargo continuam.

### Dia 30

Loison, depois do saque e dos morticínios de **Evora**, nomeia um corregedor e um juiz de fóra para a cidade, a fim de substituirem os ministros que occupavam estes cargos e que se tinham ausentado, e estabelece uma junta para ficar governando sob o dominio francez, dando-lhe como presidente o arcebispo D. Frei Manuel do Cenaculo.

M. A.





## Õ cavallinho de pedra

**H**A seculos uns rachadores fizeram umas choupanasinhas na orla do bosque onde trabalhavam, e lá ficaram vivendo com as mulheres e os filhos a quem ensinavam a crêr nas fadas e nos duendes, que n'aquelle tempo enxameavam no meio do arvoredo basto e cerrado, e que, sempre dispostos a ajudar os mortaes que n'elles acreditassem, não se cançavam de fazer pirraças aos que lhes negassem a existencia.

Ora n'um inverno muito frio morreu um dos taes rachadores e deixou á mulher e ao seu unico filho a choupana muito pobre, e os moveis, mais pobres ainda, que lá havia dentro e que elle tinha feito, por ser muito habilidoso, com madeira das arvores que cortava para lenha.

A viuva, coitada, chorou muito pelo marido, e disse mal á sua vida, porque via as faltas que ia passar com o filho, não esperando que os visinhos, tão pobres como ella, pudessem ajudal-os.

O pequenito chamava-se Diniz, e embora nunca tivesse visto nenhuma fada, gostava muito d'ellas, porque o pae o tinha aconselhado a isto bastantes vezes, e as fadas tambem gostavam muito do Diniz e tinham os maiores desejos de a ajudarem.

N'uma tarde dos fins do outono, o pequeno foi ao bosque apanhar castanhas, e cavacos para queimar durante o inverno. Era já tarde quando voltou para casa, porque as fadas o tinham levado aos sitios onde havia cahidas pelo chão castanhas maiores e mais gostosas. Ao mesmo tempo os duendes tinham partido muitos ramos seccos das arvores, de modo que o Diniz não encontrou difficuldade em arranjar uma grande carga, que o ajoujava e por isso o obrigou a andar muito devagarinho.

Quando vinha justamente a sahir do bosque, deu com os olhos n'uma pedrinha alva de neve. Levantou-a e pareceu-lhe que ella tinha o feitio de um cavallinho branco.

A mãe de Diniz coseu para a ceia uma mão-cheia de castanhas e fez umas sopas de leite. Enquanto a viuva estava tratando da comida, o filho

não se cançou de olhar para a pedrinha, e quanto mais olhava mais a achava parecida com um cavallo. Guardou-a na algibeira e papou a ceia. Só quando se ia metter na cama tornou a pensar na pedra. E' que sentiu uma coisa dura e pesada na algibeira, na occasião de despir o casaco. Tirou-a para fóra e viu com espanto que a pedrinha se tornara n'um cavallinho branco, que abanava muito a cabeça e mexia as pernas muito depressa como se quizesse correr. Se não fosse tão pequenino, todos o haviam de julgar um cavallo verdadeiro.

E o Diniz disse para elle:

— Vê se estás quietinho n'essa cadeira, porque tenho muito somno. A'manhã poderás crescer mais, se te appetecer.

Ao dizer estas palavras, o Diniz teve um grande abrimento de bocca, fechou os olhos e adormeceu.

Por volta de meia noite, acordou com um barulho que faziam no soalho, perto d'elle. Sentou-se na cama e á claridade da lua, que entrava pela janella, viu a andar pelo quarto um lindo cavallo branco, já tamanho que mal cabia entre aquellas quatro paredes.

Apenas o cavallo viu que o pequeno estava acordado, disse-lhe:

— Salta para cima de mim e vamos já por esses campos fóra!

O Diniz poz-se em pé sobre a cama e deu um salto para as costas do cavallo, que tratou logo de sahir da choupana, passando pela cozinha onde dormia a mãe do pequeno, porque a casa tinha muito poucos commodos. Apesar do barulho que o cavallo fez no chão com as ferraduras, a viuva não acordou.

Os campos estavam banhados pelo luar, e parecia fugirem para traz das costas do cavalleiro, tal era a corrida em que o cavallo branco o levava por montes e valles.

Afinal entraram n'um pinhal de arvores muito cerradas e de troncos altos e esguios. Quando chegou ao meio da matta, tão escura que mettia medo, viu ao longe umas luzes. Caminhou para ellas o cavallinho branco, aavez de uma grande clareira. D'ali a pouco apparecia um bonito castello, que tinha as janellas todas illuminadas e que parecia em festa, porque vinha de lá o som da musica e da vozeria de muita gente.

O cavallo branco parou á porta do castello, que logo se abriu de par em par, vindo dar as boas vindas ao Diniz muitos cavalleiros vestidos com brilhantes armaduras. Tiraram-no de cima do cavallo e levaram-no até á sala principal, onde estava uma grande mesa posta ricamente e carregada de pratos com os mais finos manjares e de garrafas cheias de vinhos velhos e preciosissimos. Todos o cavalleiros se sentaram á mesa, tendo offerecido primeiramente logar ao Diniz, que estava espantado com tudo o que via deante de si, mas que assim mesmo comeu e bebeu á farta de tudo o que lhe offereceram.

Depois do banquete, os cavalleiros formaram grupos e fizeram exercicios com espadas e lanças, mostrando todos ser optimos jogadores quer para atacar como para defender.

Um dos cavalleiros deu ao Diniz uma espada curta e ensinou-o a servir-se d'ella, e outro exercitou-o na esgrima de lança, de modo que a noite passou rapidamente.

Quando raiou a madrugada, o cavallo branco foi ter com o Diniz, que logo saltou para cima d'elle, tendo antes deixado as armas e a linda armadura, e abalaram pela porta fóra, a caminho de casa.

O Diniz começou logo a sentir muito somno, embora não tivesse tido um instante de fadiga enquanto estava no castello, e quando chegou ao pé da casa da mãe já ia quasi a dormir. Passou pela cozinha, onde a viuva continuava pegada no somno, e cahiu de cima do cavallo branco para a cama.

Quando abriu os olhos, o sol já ia alto.

— Levanta-te, Diniz, disse-lhe a mãe, e vae buscar uma cantara de agua.

Elle ergueu-se para cumprir a ordem e viu ao pé da cabeceira a pedrinha branca, que não tinha o feitio de um cavallo.

— Foi tudo um sonho, disse o rapaz consigo mesmo, e muito triste da sua vida, tratou de ir buscar a agua, tendo antes mettido a pedrinha na algibeira.

Pelo dia adeante foi outra vez para o bosque, e olhou para a pedrinha umas poucas de vezes sem nunca lhe notar differença.

— Foi um sonho, foi um sonho! repetia elle, quando á tardinha voltava para casa.

Já quasi ao pé da porta, olhou mais uma vez para a pedrinha e ficou de bocca aberta vendo-a mais parecida com um cavallo do que na vespera, quando a tinha encontrado.

E na occasião em que ia para a cama ficou certo de que era effectivamente um cavallinho branco e não uma pedra.

Succederam depois as mesmas coisas do que no dia anterior. Ao bater a meia noite, saltou para cima do cavallo e foi para o castello a grande galope. Sentou-se á mesa do banquete com os cavalleiros, exercitou-se depois com espada e lança, para aprender o que todo o valente deve saber muito bem, e de madrugada voltou para casa perdido de somno.

Noites e noites aconteceu isto mesmo sem tirar nem pôr, e o Diniz foi-se tornando o rapaz mais forte e agil d'aquellas cercanias. A mãe admirou-se por estar o filho tão robusto, alimentando-se apenas com a fraquissima comida que ella cozinhava, e os amigos tambem se espantavam de o ver tão desembaraçado em todos os exercicios, mas ninguem suspeitava coisa nenhuma a respeito do cavallo de pedra, dos cavalleiros nem do castello do bosque.

Uma noite, já o Diniz tinha dezeseis annos, quando estava para ir fazer a caminhada do costume, o cavallo branco disse-lhe :

— A'manhã tens de dizer a tua mãe que vamos pelo mundo tentar fortuna. Ella ha de querer tirar-te isso da cabeça, mas tu debes convencel-a a deixar-te ir, porque se fôres valente e fizeres o que eu te aconselhar, chegarás a ser muito rico e poderoso, e manterás tua mãe no meio do luxo e da abundancia. Has de livrar os cavalleiros e a mim tambem do encantamento



VIU UMA RAPARIGUITA  
A MAIS LINDA  
QUE DAR SE PODE

que nos arranjou um magico perverso, e obterás para esposa a princeza mais linda de quantas ha no mundo.

O Diniz ficou muito contente ao ouvir estas palavras e prometeu fazer

quanto lhe aconselhasse o cavallo branco.

No dia seguinte disse á mãe que tinha de ir correr mundo a procurar fortuna. A viuva chorou muito e pediu-lhe que não a deixasse, mas o rapaz respondeu-lhe que tinha de ir, e prometeu-lhe mandal-a buscar logo que pudesse. A' noite voltou ao castello do bosque e viu os cavalleiros muito tristes porque já sabiam que elle se ia embora. Deram-lhe uma armadura completa muito bonita e reluzente, uma espada comprida e muito cortante, uma lança, e puzeram no cavallo um arreio forrado de velludo carmezim e bordado a prata. A' despedida, disseram-lhe que se alguma vez elle precisasse de auxilio, não tinha mais que ordenar ao cavallo branco que voltasse para traz, pois logo lhe acudiriam.

O Diniz agradeceu-lhes muito e partiu no proprio instante em que o sol começava a atirar sobre a terra as suas setas de ouro. Caminhou todo aquelle dia, e, quando á tarde o sol se escondeu atraz do mundo para descansar, o cavalleiro e o cavallo descansaram tambem, para no dia seguinte continuarem a jornada logo que o sol se tornasse a levantar.

Dois annos andou o Diniz assim jornadeando e correndo muitas aventuras de que sempre se sahiu bem. Ao cabo d'este tempo, chegaram á mais bella cidade de quantas até ali tinham visto. As casas e os palacios eram todos de marmore branco, e em redor d'elles cresciam flores muito lindas, que espalhavam no ar um delicioso aroma. Fóra da cidade estendiam-se vastas campinas, onde as searas côr de ouro ondulavam ao sopro da viração. Arvores copadas cresciam aqui e ali, de ramos pendentes ao peso dos grandes fructos, e mais longe surgiam grandes bosques, envoltos nos seus mantos de esmeralda.

Não haveria nada mais encantador, se no meio de tantos esplendores apparecessem creaturas vivas. Mas por mais que o Diniz esquadrinhasse com a vista a cidade e os campos, não lobrigou nenhuma. Ao pé da estrada, sobre a relva, viu cahida uma boneca, mas nenhuma creança vinha brincar com ella. Os rios corriam povoados de peixes, mas nem um só pescador estacionava na margem. Não andavam mães passeando com os seus filhinhos no meio d'aquelle ambiente perfumado, nem um unico vivente erguia a voz para quebrar o silencio que envolvia a natureza.

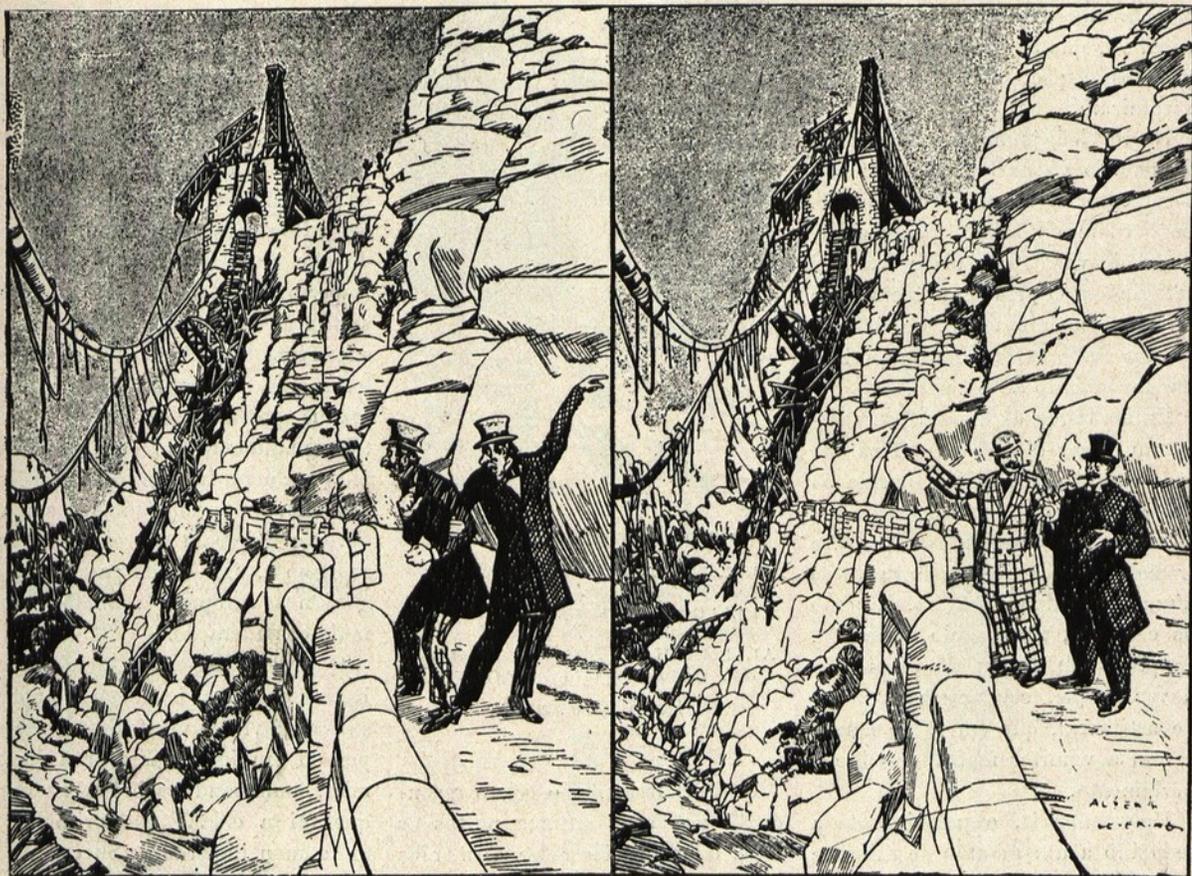
O Diniz apeou-se, deu busca a todas as casas mas não encontrou viv'alma. Não sabendo como explicar um tal mysterio, já ia para afastar-se d'ali, quando alguma coisa lhe chamou a attenção entre as arvores de um bosque.

Avançou para lá immediatamente e á porta de uma choupanasinha construida no meio das arvores viu uma rapariguita, o mais linda que dar se pode! As faces eram da côr das rosas do campo, e os olhos azues escuros lembravam o céu em noites limpidas e estrelladas. Tinha um vestido branco muito simples e estava descalça, mas o Diniz, vendo-lhe os pésinhos delicados, ficou certo de que os proprios cardos e as pedras dos caminhos se desviariam para não magoar aquella carne tão rosada e macia.

(Conclue no proximo numero.)



## Influencia do automobilismo

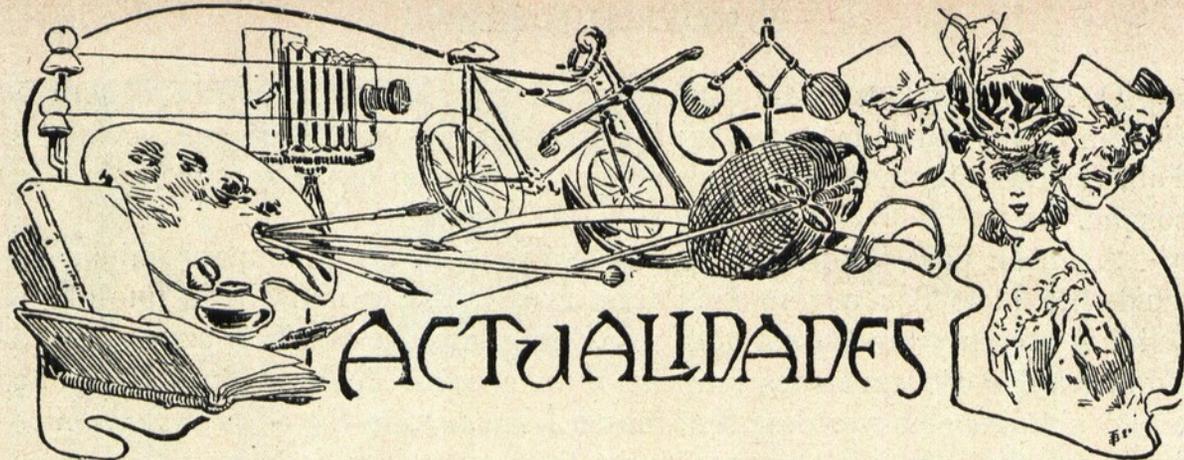


ANTES DOS TEMPOS DO AUTOMOVEL

— Que desgraça! Caiu a ponte! Depressa! Temos de deter o comboio e evitar uma perda formidavel de vidas!

PALAVRAS DE UM AUTOMOBILISTA

— Estamos com sorte! A ponte abateu, e deve haver uma catastrophe de primeira ordem quando o comboio chegar. D'aqui podemos ver tudo.



## Grandes topicos

A Revolução na Persia **N**o nosso ultimo numero expuzemos detalhadamente a situação em que se encontrava a Persia: a revolução latente e o schah em fuga, mas, apesar d'isso, enviando para Teheran, sucessivas ordens de repressão. Não calculavamos, nem decerto ninguém calculou, que as coisas tomassem o pavoroso aspecto que a breve trecho assumiram.

No dia 23 de junho appareceu junto do palacio do parlamento, um destacamento de cossacos, cujo chefe, por ordem do schah, pediu a entrega de varios constitucionaes ali refugiados. O presidente recusou-se terminantemente a isso, em vista do que os cossacos declararam que iam dar um assalto ao palacio.

Então todos os deputados resolveram jogar a vida na defeza das suas immuniidades. E, correndo ás portas e ás janellas, fizeram frente, a tiro, aos assaltantes. A breve trecho, a lucta transformava-se n'uma verdadeira batalha. E como os cossacos, n'um dado momento, fraquejassem, foram em seu auxilio novas forças, com algumas peças de artilharia, que em breve começaram a vomitar metralha sobre o parlamento.

Horas depois, o palacio estava reduzido a um montão de ruinas e quasi todos os seus defensores mortos. Os que caíram com vida nas mãos dos seus inimigos, foram por elles submetidos ás mais horriveis torturas, chegando um a ser esqua-

tejado, a pouco e pouco, até soltar o ultimo suspiro!

A isto seguiu-se uma verdadeira revolução na cidade, que, é claro, terminou horas depois, pela victoria da força armada.



O AUGMENTO DA ESQUADRA  
 ALLEMANHA (à Italia e Austria) —  
*Olhem para isto!*  
 ALLIADOS — *Magnifico! Mas quem  
 paga essa droga?*  
 ALLEMANHA — *Não lhes dê cuida-  
 do! Faço tudo isto a credito.*

Do «Wabre Jacob»

Immediatamente, o schah reconduziu nos seus antigos postos os altos funcionarios reaccionarios que, por imposição dos liberaes, haviam sido demittidos e exilados ha tempos. Voltou-se assim ao regimen autocratico.

Entretanto, na provincia estalou

uma formidavel revolução que, á data em que escrevemos, dura ainda e parece mesmo ter elementos para triumphar.

Como quer que seja, isso prova que os persas não se resignam facilmente a voltar ao regimen absoluto, tanto do agrado do novo schah.

Os dois sultões **A** causa de Abdel-Aziz parece decididamente perdida. Seu irmão, o «sultão do sul», como ultimamente lhe chamava a imprensa europeia, pelo facto de elle dominar em todo o sul do imperio, passou já a ser tambem sultão do norte, pois que, depois de sucessivas victorias sobre as tropas leaes que, de resto, pouca resistencia lhe oppunham, acabou por entrar triumphalmente em Fez e fazer-se ahi proclamar imperador. Immediatamente, todas as kabilas dos arredores começaram a prestar-lhe vassalagem e, diga-se de passagem, os governos europeus a olhal-o com mais consideração.

Que resta agora a Abdel-Aziz? Depois de longas hesitações, o pobre sultão, já virtualmente desthronado, pensou em inutilisar a obra do irmão, marchando sobre Marrakech que foi a cidade que primeiro o proclamou imperador. Succede, porém, que as tropas de que dispõe para isso são já muito reduzidas, e todos os dias mehallas suas desertam, passando-se com armas e bagagens para o inimigo.

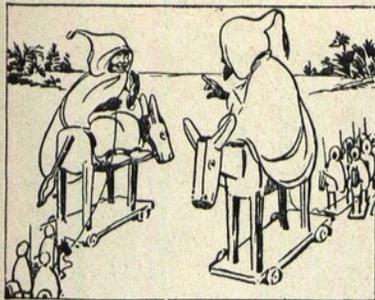


MANOBRAS DE PAZ  
Do «Daily Chronicle»

E' de esperar, portanto, que muito em breve as potencias se vejam obrigadas a reconhecer Muley Hafid como sultão de Marrocos.

As Republicas americanas **A** verdadeira epidemia revolucionaria que sempre tem lavrado nas Republicas da America Central, parece ter agora contagiado outros paizes do continente.

Com efeito, á distancia de quinze dias, mais duas revoluções estalaram—uma no Mexico, outra no Paraguay. A primeira, não nos dizem os telegrammas que caracter tivesse, ou antes, tenha, porque, segundo parece, ainda dura. Sabe-se apenas que os revolucionarios eram em grande numero e que infringiram ás tropas leaes mais de uma derrota, vendo-se o governo mexicano obrigado a pedir ao dos Estados Unidos, que impeça a violação da neutrali-



OS DOIS SULTÕES

«Vamos fingir uma batalha?»  
«Em brincadeira não me diverte nada!»  
«Nem a mim, mas diverte os francezes!»

Do «Pasquino»

dade do seu territorio, pois a insurreição estalou primeiramente na região fronteira.

A segunda revolução—a do Paraguay—foi mais importante. Tendo o seu inicio na capital e, ao mesmo tempo, em varios pontos da provincia, tomou a breve trecho um tão grande incremento que em poucos dias as tropas governamentais foram batidas em toda a linha. Finalmente, no dia 5 de julho, o presidente Ferreira e os ministros,



A ENTREVISTA DE EDUARDO E NICOLAU

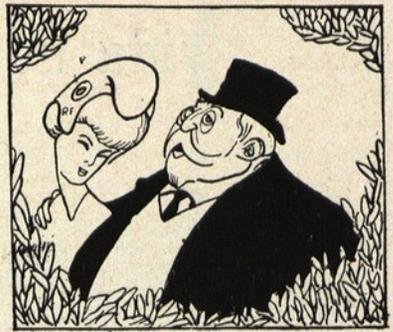
NICOLAU — *A minha nova camara põe-me na espinha.*  
EDUARDO — *Faça como eu; arranja duas camaras. Quanto mais palram, menos apoquentam a gente.*

Do «Pasquino»

reconhecendo a impossibilidade de continuarem a lucta, deram a sua demissão, refugiando-se na legação do Brazil, em seguida ao que se constituiu em Asuncion o governo provisorio, que proclamou presidente da Republica, o sr. Emiliano Gonzalez Navero.

A presidencia dos Estados Unidos **A** PROXIMANDO-SE a data da eleição para a presidencia dos Estados Unidos, os dois partidos que superintendem na politica da grande republica designaram já os candidatos que vão apresentar ao sufragio dos eleitores.

Foi primeiro o partido republi-



AMOR PRIMAVERIL

cano que, em 19 de junho, escolheu para esse fim o sr. Taft, ex-ministro da guerra e ardente partidario da politica e da orientação seguidas pelo actual presidente. Foi depois o partido democrata que, na reunião realisada em Denver, indicou o nome do seu candidato Bryan, rival de Mac-Kinley e de Roosevelt nas ultimas trez eleições.

Qual d'elles vencerá? E' ainda cedo para o predizer. Mas não ha duvida de que todas as probabilidades incidem a favor do primeiro. Com efeito, o sr. Taft, candidato imposto ao partido republicano pelo actual presidente, é o *alter ego* de Roosevelt, e como a politica d'este tenha sido calorosamente applaudida pela maioria da opinião publica, que até queria elege-lo pela terceira vez, não póde haver duvidas de que os sufragios d'essa maioria irão todos para aquelle. Resta apenas saber se a força eleitoral do partido democrata não terá acrescido por fórma a poder infringir uma derrota no partido republicano.

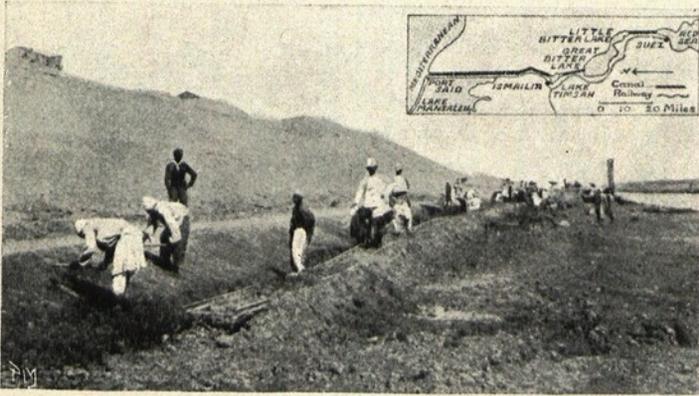


OUTROS TEMPOS — A NOVA INVASÃO

ESPECTRO DE NAPOLEÃO (nas arribas de Boulogne) — O Presidente francez desembarcado em Inglaterra! Pelo que vejo, mudaram as cousas do meu tempo para cá.

Da «Westminster Gazette»

## Vida na sciencia e na industria



TRABALHOS DE ALARGAMENTO NO CANAL DE SUEZ

Alargamento do canal de Suez. **E**M virtude das dimensões crescentes dos navios e do acrescimo do trafico, desde 1886 que se profunda o canal. As obras, que a Companhia actualmente intenta para o alargamento, são momentosas, destinando-se-lhe a quantia de 2 milhões de libras. A via fluida é alargada uns 16 a 17 metros, até á distancia de 50 milhas de Suez. A curva ao norte da estação do Lago Timsah augmenta na extensão cerca de 890 metros, e a via atravez do lago alarga-se tambem uns 320 metros. As desembocaduras no Grande Lago Salgado alargam-se 110 metros. Trata-se, para este ultimo trabalho, de remover por mão d'obra indigena, a rocha e a areia, formando a margem até á largura requerida ao nivel da agua, e n'este ponto entram em serviço as poderosas dragas e quebra-rochas. Estes barcos mettem as prós pela margem, e o machinismo de excavação abre caminho pela terra, descarregando-a quer em barcaças a elles atracadas, quer em tubos que levam o entulho aos pontos convenientes. Onde as dragas ordinarias não podem trabalhar, usam-se as dragas de rocha, e o martelar constante dos pulverisadores de ferro desagrega a rocha que é então removida em barcaças.

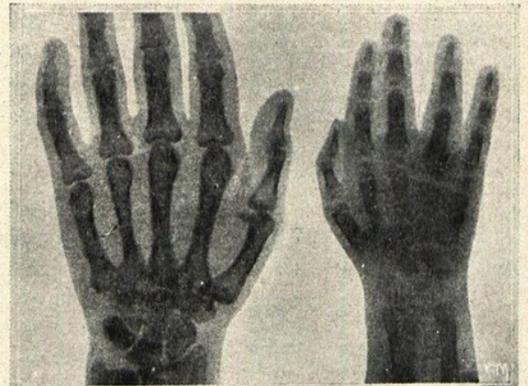
Calcula-se que esta obra em breve esteja terminada, para prover ao augmento do trafico universal.

A cura pela agua do mar. **A** descoberta do medico francez René Quinton, confirmou a asserção de que os antigos sabiam mais de medicina do que os mais habeis entre os medicos modernos. A maior parte das mais graves enfermidades podem, no dizer de Mr. Quinton, curar-se rapidamente com simples injeções de agua do mar ordinaria no sangue. Revertendo meramente a Hippocrates e Plinio, o illustre sabio francez está hoje curando doenças até hoje consideradas incuraveis. Paris tem actualmente dois dispensarios onde se ministram picadas de agua do mar. Quasi todas as molestias de pelle, achaques infantis, e varias formas de consumpção se prestam ao tratamento. O *plasma de Quinton*, como lhe chamam, é simplesmente agua do mar pura, colhida em Arcachon á profundidade de 13 a 14 metros, onde a agua é absolutamente limpa. Mas, embora livre de sedimentos e de materias organicas, é esterilizada e usada em injeções hypodermicas. Em abril do anno passado fizeram-se 268 injeções. Em 15 por cento dos casos a cura seguiu-se immediatamente á primeira injeção; em 70 por cento seguiu-se

á sexta injeção. Cura-se facilmente assim a gastro-enterite, que arrebatou cerca de 70.000 creanças por anno. Creanças admittidas no dispensario da rua d'Ouessant nos ultimos periodos da tísica, melhoraram logo depois da primeira injeção. Um ente humano, diz Mr. Quinton, é um verdadeiro aquario maritimo, e a quarta parte do seu peso total consiste em sôro de sangue que não é essencialmente mais do que a agua do mar, em que viviam seus antepassados, as moneras e amebas.

Automoveis militares. **O** ministerio da guerra allemão vai crear um corpo especial de officiaes automobilistas de reserva, que terão como subordinados, além de officiaes inferiores, pessoal que tenha servido no destacamento de automoveis das tropas de communicações como *chauffeurs* ou mechanicos. É provavel que o resto da Europa imite um melhoramento tão racional.

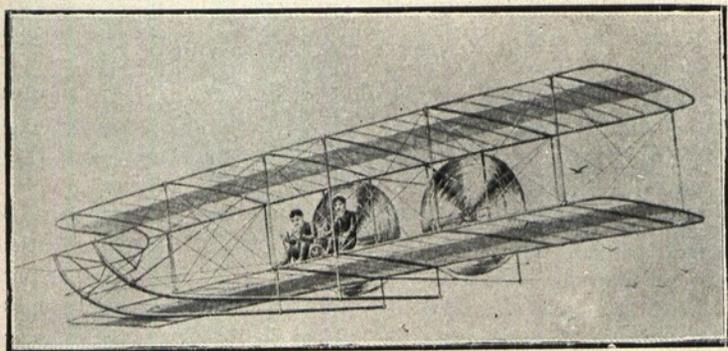
Novo emprego dos raios X. **I**NTRODUZIU-SE nas escolas americanas, um novo methodo de determinar o desenvolvimento intellectual das creanças. Tiram-se photographias roentgenianas das mãos das creanças, e do desenvolvimento dos ossos determina-se a nutrição do systema e o



OSSOS DE MÃO DE ADULTO E DE MÃO DE CRIANÇA, COMPARADOS

desenvolvimento geral do corpo. Assim se verifica se acaso a creança tem a idade que aparenta, e fica o mestre sabendo se a deve collocar na classe elementar ou n'uma mais adeantada. O factor determinante é o desenvolvimento dos ossos do pulso.

**A**eroplano Wright machina Wright, sobre a qual se tem feito tamanho mysterio, experimen-



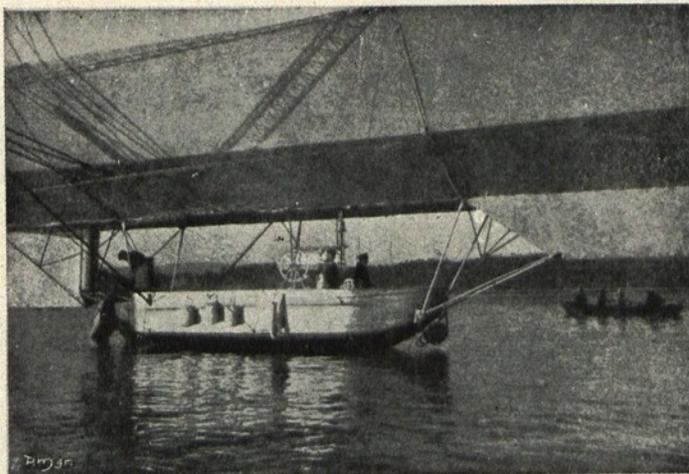
AEROPLANO WRIGHT

tou-se com bellissimo resultado na Carolina do Norte. Attingiu-se uma notavel velocidade com um pequeno motor de 30 cavallos, avaliada em 45 a 48 milhas por hora. Antes d'isso tinham os irmãos Wilbur e Orville Wright permanecido no ar, percorrendo distancias de 18, 24 e 32 milhas, e no ultimo vôo haviam tentado permanecer durante uma hora e vinte minutos, mas o movimento errado de uma alavanca precipitou a machina para o solo, danificando-a ligeiramente. O aviador, com mais um companheiro, vae sentado a meio do plano inferior; em frente d'elle ha uma alavanca com que elle actua sobre o leme vertical. Com outra alavanca torce os planos para o auxiliarem no governo. A' frente da machina fica o leme horizontal, e na retaguarda o vertical.

Mulheres no antigo Egypto **U**M papyrus com mais de 2:000 annos de idade, ha pouco adquirido por um museu estrangeiro, reconheceu-se de excepcional importancia, por determinar a data do reinado de um

Pharaó até hoje desconhecido e por esclarecer a condição da mulher no quarto seculo A. C. O nome do escriptor que assigna o papyrus encontra-se n'outro documento da Universidade de Strasburgo, o qual tem uma data definida; por conseguinte a sua referencia ao Pharaó Kahabbasha colloca o reinado d'este no anno 341 A. C. Confirma tambem a informação do historiador grego Diodoro, do seculo 1 A. C., o qual afirma que as mulheres

eram mais importantes na escala social do Egypto do que os homens, e que eram ellas quem determinavam as clausulas do casamento.



AERONAVE ZEPPELIN

Nunca se tinha encontrado corroboração para esta noticia de Diodoro.

Por esta forma se vae alargando colossalmente a historia do antigo Egypto.

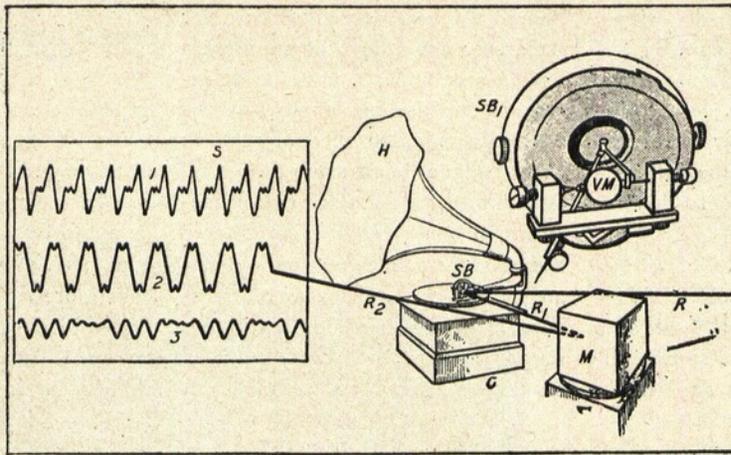
Aeronave Zeppelin **A** nova aeronave do conde Zeppelin fez uma experiencia com excellentes resultados em fins de junho no lago de Constança. Partiu do abrigo em Friedrichshaven, ergueu-se á altura de mais de 100 metros e executou com perfeição uma serie de evoluções sobre a superficie do lago, percorrendo durante 45 minutos e navegando com a velocidade de 28 milhas por hora. Iam a bordo quinze passageiros, incluindo o inventor, distribuidos pelos dois carros anterior e posterior e pela cabina confortavelmente mobilada a meio. O leviathan tem uns 150 metros de comprido e uns 14 de diametro, e consiste n'um casco de aluminio, dividido em dezeseis compartimentos estanques. E' provido de seis enormes propulsores, movidos por tres motores Daimler de 140 cavallos cada um. Com ella espera o conde Zeppelin ganhar o premio offerecido pelo governo allemão para o primeiro balão dirigivel que execute um vôo de 24 horas.

Dias depois, o rei e a rainha de Wurtemberg fizeram uma ascensão na aeronave, cujo papel no futuro promette ser importantissimo para

fins estrategicos. O imperador Guilherme dirigiu ao conde Zeppelin um telegramma de congratulação, classificando o vôo de 12 horas executado pela aeronave como «uma façanha nacional».

A visão das ondas sonoras UMA recente invenção de Mr. G. Bowron constitue um interessante accessorio ao gramophone ou phonographo. Consta de um pequeno espelho vidrado, com um machinismo proprio ligado á caixa do gramophone, sendo a sua função especial visualisar as ondas sonoras produzidas como resultado dos movimentos do estyete sobre o disco. Quando de uma lanterna projectora cae um raio

de luz sobre o espelho, é reflectido sobre uma caixa rotativa de espelhos, de quatro faces. Ahi muda novamente de direcção, cahindo sobre uma superficie branca, onde apparece uma curva luminosa amplificada, a qual reproduz os sons instrumentaes pela maneira



COMO SE VÊ A VOZ DOS CANTORES

G, Gramophone. — M, Espelho gyrotorio de quatro faces. — S, Alvo onde se recebe o registo das ondas sonoras. — H, Trompa do gramophone. — R, Raio da lanterna projectada sobre o espelho vibrador. — R<sub>1</sub>, O mesmo raio reflectido no espelho gyrotorio. — R<sub>2</sub>, O mesmo raio reflectido no alvo e dando o registo. — S B, Vista detalhada do corpo sonoro do gramophone e aparelho de registo. — V M, Espelho vibrador onde se recebe o raio. — 1, Trinado de Tetrazzini na Polonaise de «Mignon». — 2, Registo da parte do «Spirito gentile» por Caruso. — 3, Voz de Melba no «Adeus» de Tosti.

que se observa no canto esquerdo do nosso diagramma (S). Esta invenção pode ter resultados importantissimos para a sciencia. No diagramma mostra-se o resultado obtido pelas vozes de Luiza Tetrazzini, considerada actualmente, como se sabe, a maior cantora do mun-

do, do celebre tenor Caruso e da eminente *diva* Melba. phitos do Dr. Churchill; esses productos proporcionam ao organismo todo o phosphoro necessario, e, por assim dizer, no estado natural. Por consequencia são perfeitamente assimilaveis, o que explica o exito d'esses medicamentos preparados pela pharmacia Swan, de Paris.

do, do celebre tenor Caruso e da eminente *diva* Melba.

INDISCUTIVEL é o valor de uma medicação pelo phosphoro na tuberculose, anemia, chlorose, neurasthenia, etc., mas os meios de ministrall-nem sempre correspondem ás aspirações da medicina.

Só gozam de grande efficacia os diversos preparados de Hypophos-

## Vida na arte



VARIAS TENTATIVAS DE RECONSTITUIÇÃO DE VENUS DE MILO

O problema da Venus de Milo UMA estatueta de Venus descoberta em Menemvasia serviu para levantar de novo a estafada questão sobre a posição dos braços da Venus de

Milo. Lembra o conservador do Museu Nacional de Athenas, que a estatueta pode ser uma copia da famosa estatua existente no Louvre, a qual, como se sabe, foi descoberta em principios do seculo XIX na

ilha de Melos. A estatueta mostra uma das mãos empunhando um espelho, e a outra segurando as roupas. Em gravura apresentamos varias das soluções propostas por diferentes artistas modernos.

# Resenha portugueza

## TRIBUNA PARLAMENTAR



CONSELHEIRO ARROYO

**Oradores da actual legislatura.** — Entre os oradores que nos mezes de junho e julho mais se distinguiram pela eloquencia dos discursos nas duas casas do Parlamento, cumpre-nos mencionar o actual chefe do partido regenerador, conselheiro Julio de Vilhena, notavel pela solidez e vigor da sua argumentação; o conselheiro João Arroyo, porventura a mais brilhante voz da tribuna parlamentar portugueza na actualidade; o conselheiro José Maria de Alpoim, chefe dos dissidentes, cuja palavra suggestiva e vibrante é uma das mais poderosas armas da opposição; e o illustre caudilho Antonio José d'Almeida, de phrase imaginosa e potente, que relembra as mais bellas tradições do periodo romantico.



CONSELHEIRO JULIO DE VILHENA



CONSELHEIRO ALPOIM

Outros parlamentares se teem notabilisado na presente sessão, discutindo as importantes questões que os corpos legislativos teem de resolver, magnas questões que asoberbam n'este momento a politica portugueza, ainda longe da acalmação definitiva.

Iremos successivamente publicando os seus retratos nas nossas paginas.



ANTONIO JOSÉ D'ALMEIDA

## MOVIMENTO POLITICO

**Comícios populares.** — Promovido pelo partido republicano, realisou-se em 28 de junho, em Lisboa, com concorrencia extraordinaria, um comicio, em que falaram os mais distinctos oradores d'aquelle partido, e que decorreu na melhor ordem.

Outros comícios se realisaram tambem no Porto e em Setubal, egualmente promovidos pelo partido republicano, com a assistencia e a palavra dos mais notaveis caudilhos d'esse partido. Só no Porto, á sahida, occorreu uma ligeira perturbação da ordem. Os topicos versados foram, sobretudo, a questão dos adeantamentos, que actualmente agita o paiz inteiro.

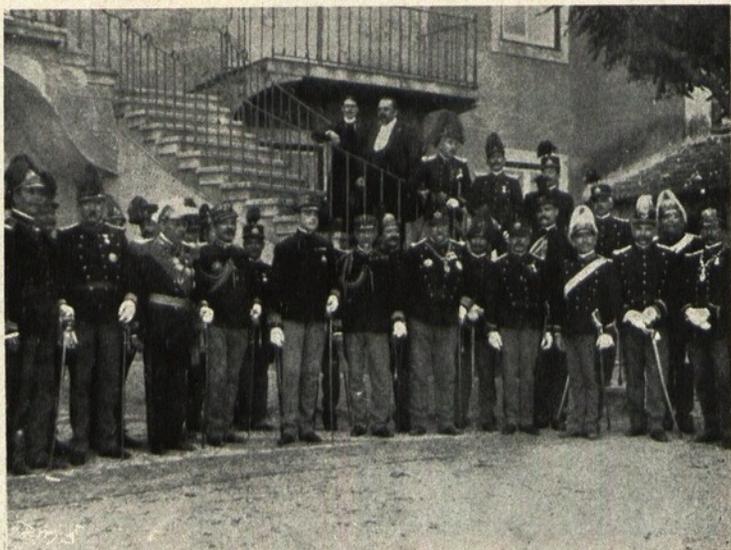


ASPECTO DO COMICIO NA AVENIDA D. AMELIA

## VISITAS REGIAS

NO OBSERVATORIO  
DA ESCOLA POLYTECHNICA

**Na Escola Polytechnica.** — Damos o retrato d'El-Rei no observatorio da Escola, por onde começou a sua visita áquelle estabelecimento d'instrucção em 3 de julho preterito. Sua Majestade commo-



NO COLLEGIO MILITAR



NO HYPPODROMO

veu-se extraordinariamente ao entrar no laboratorio de chimica, por ser d'alli, que no dia 1 de fevereiro, sahiu para esperar seus Paes e Irmão, momentos antes da tragedia que o orphanou tão cruelmente.

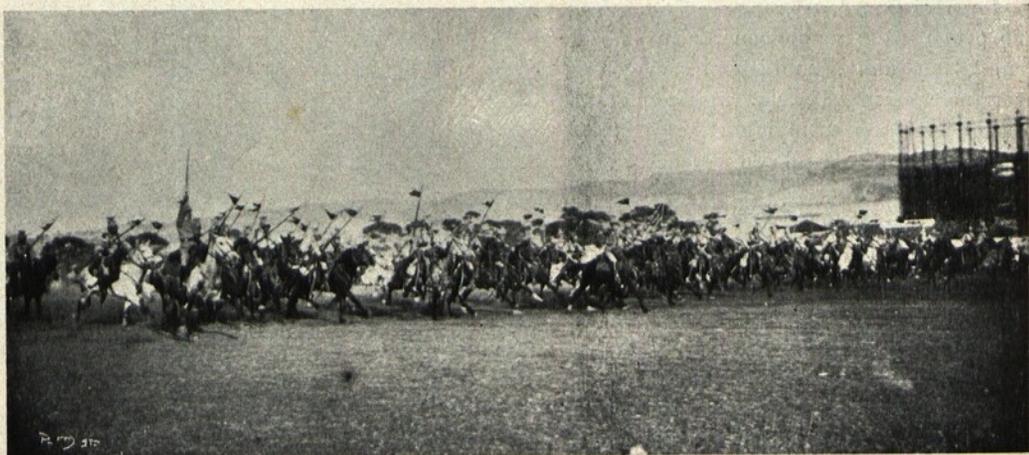
**Collegio Militar.**  
— Na visita

feita por El-Rei, em 12 de junho, ao Real Collegio Militar, realisaram

os alumnos d'este estabelecimento varios exercicios desportivos, que muito agradaram á numerosa assistencia pela correcção com que foram executados, merecendo especial menção o *jogo da rosa*.

**No hippodromo de Belem.** — Os exercicios de cavallaria que no dia 17 de junho tiveram lugar no hippodromo de Belem com a assistencia de S. M. El-rei, despertaram grande entusiasmo.

Depois da marcha a galope, o estabelecimento do bivaque, a esgrima, o fogo a pé, e as cargas dos esquadrões provaram a instrucção profissional dos nossos soldados.



CARGA DE CAVALLARIA NO HYPPODROMO

## CAMPANHAS DE AFRICA

**Capitão João d'Almeida.** —

Na galeria dos nossos officiaes que, em Africa, illustram o nome portuguez levando ás mais reconditas paragens do sertão, atravez de mil perigos e difficuldades, a gloriosa bandeira, symbolo da patria, occupa já um logar distincto o capitão João d'Almeida, que acaba de trazer á obediencia e abrir ao commercio europeu a riquissima região dos Dembos. Este resultado, que muito deve concorrer de futuro para a prosperidade da provincia de Angola, conseguiu-o o illustre official depois de, á frente d'uma columna de 850 homens, ter sustentado em manobras difficeis, por terrenos por



CAPITÃO JOÃO D'ALMEIDA

vezes impraticaveis, renhidos combates com os indigenas, dos quaes ha a destacar pela sua especial importancia o combate de Cazuangongo e o da passagem do Quiulo.

Já anteriormente, em serviço de reconhecimentos arriscados, feitos no Cuamato e Cuanhamas, o heroe dos Dembos revelara notaveis qualidades militares, que os resultados d'esta campanha vieram confirmar.

E' actualmente governador do districto de Huilla, onde foi substituir o tenente coronel Alves Roçadas. N'esse posto continuará a mostrar, decerto, as suas bellas faculdades e a sua dedicação pelos interesses da patria.

## THEATROS



JOSÉ PACCINI

*Antigo empresario de S. Carlos*

**Theatro de S. Carlos.** — Ao concurso realisado para adjudicação d'este theatro concorreram os srs. José Paccini e Mimon Anahory, pela Empresa Theatral Limitada.

Este ultimo senhor, offereceu ao governo maiores vantagens na sua proposta, que foi por isso acceita. O sr. José Paccini é conhecido por toda a Lisboa elegante, que estima e considera; o mesmo succede com o sr. Anahory. Ambas as empresas seriam gratas ao publico, porque ambas teem directores experimenta-

dos. Paccini tem-nos feito admirar todas as notabilidades modernas; Freitas Brito, o director artistico da nova empresa, recorda-nos saudosamente Arkel e a linda De Reské, Tamagno, Marconi e muitas outras celebridades.

**Homenagem a D. João da Camara.** — A recita em homenagem a D. João da Camara que se effectou no theatro Normal, na noite de 25 de junho, foi, por todos os motivos, digna de muito vivo e merecido applauso. Representados alguns actos dos mais apreciados do saudoso extinto, fechou o espectáculo uma écloga do sr. Lopes de Mendonça, nosso illustre director, á qual não são possiveis elogios porque tem o melhor de todos no nome do seu auctor.

Varios personagens notaveis das peças de D. João da Camara figuram n'esta écloga.

A musica de Augusto Machado encanta e enternece.

O desempenho foi correctissimo; e, para nada faltar a esta saudosa commemoração, Virginia, tão querida do publico, voltou á scena.

Foi, pois, a todos os respeitos uma noite de glorias e, ao mesmo tempo, de fundas saudades para quantos estimavam o notavel dramaturgo.



MIMON ANAHORY

*Actual empresario de S. Carlos*

**Theatro D. Maria.** — A empresa adjudicatária do theatro D. Maria vê-se privada dos seus mais preciosos elementos. Brazão e Ferreira da Silva deixam de fazer parte do elenco, tendo declarado fazerem-n'o por incompatibilidade com a empresa. Este facto importante teve o seu ecco na camara dos deputados, onde o sr. Schwalbach fez as mais severas accusações á empresa e pediu a mudança urgente no regimen de administração do theatro normal.

## LETTRAS

**Peregrinações.** — Sob este titulo, colligiu a Empresa Litteraria e Typographica do Porto, os versos de Candido de Figueiredo de 1868 a 1908. O que são os versos d'este primoroso escriptor, todos o sabem.

Creio bem que não ha ninguem que os ignore.

Juiz dos outros, Candido de Figueiredo é severo consigo na arte, o que lhe dá o incontestavel direito de o ser com os outros, direito este que não usa.

Inda assim, ha uma tal sinceridade nas suas apreciações, que se tornam lei. E' por isso que, ha mezes, falando-nos Bulhão Pato d'um novo livro, disse-nos:

— V. leu? Dizem-me que tem muito valor, mas ainda não tive occasião de o folhear.

— Não li; mas o Candido de Figueiredo na chronica do *Diario de Noticias* diz...

— Basta, tornou o mestre com convicção; não é preciso mais. Está jul-



CANDIDO DE FIGUEIREDO  
Auctor das «Peregrinações»

gado: *Elle sabe da poda como poucos.*

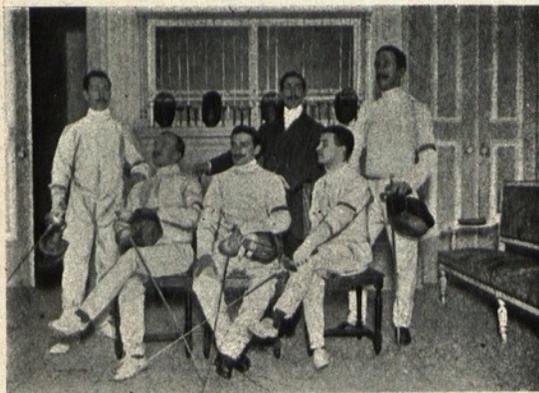
N'esta nova edição dos seus versos dá-nos, pois, o illustre e dis-

tinctissimo escriptor, a prova incontestavel e incontestada do seu grande merecimento como poeta.

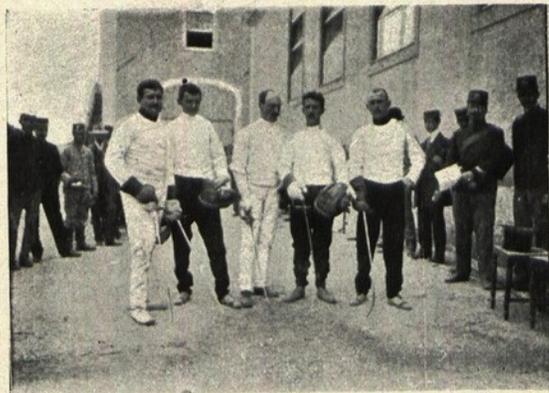
Os versos que dedica a seus filhos são um verdadeiro encanto, como outros que é impossivel citar por serem muitos: ainda assim não posso calar-me sobre o *Livro de Job*, cuja traducção é um primor; e o que é traduzir em verso, sem trahir o pensamento que d'outra lingua buscamos interpretar, só bem sabe quem o tenha alguma vez tentado. Transmittir com graça e força, como cousa nossa, idéas e expressões alheias, é trabalho ingrato, de difficilima execução. Quem ler a traducção do *Livro de Job* pelo dr. Candido de Figueiredo, julga estar apreciando um original, feito n'um d'esses felizes momentos de inspiração, em que os versos accodem aos labios como caudalosa torrente.

E' d'estes livros que ficam, que a nossa litteratura se deve orgulhar.

## SPORTS



OS ESGRIMISTAS DA ESCOLA DO EXERCITO

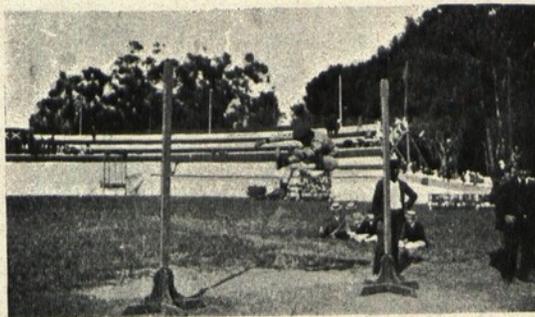


OS DETENTORES DA TAÇA «ANTONIO MARTINS»

**Egrima.** — A ultima semana do mez de junho, fica assignalada nos annaes do desporto nacional.

Além do concurso academico, mais adeante referido, realisaram-se ainda trez interessantes concursos de esgrima.

Em dois d'estes, disputaram amadores e profissionaes as taças *Antonio*



CONCURSO DESPORTIVO ACADEMICO  
UM SALTO EM ALTURA

*Martins e Penha Longa*, sendo a primeira ganha pela *équipe* do Centro Nacional e a segunda pelo sr. Carlos Gonçalves.

O terceiro concurso teve logar, junto ao picadeiro da Escola do Exercicio, entre militares.

Apenas cinco officiaes se apresentaram a disputar o premio — uma valiosa taça de prata tendo

representados os emblemas de todas as armas do exercito, — offerta do sr. Conde de Penha Longa.

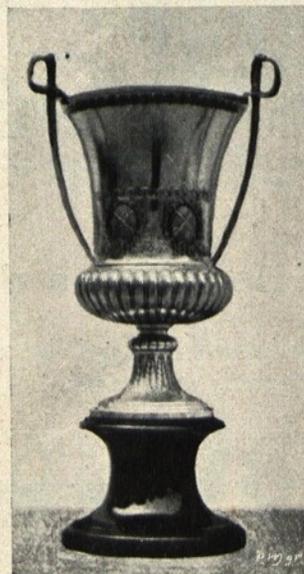
Depois d'uma brilhante serie de assaltos ao sabre foi o artistico premio ganho pelo sr. Joaquim Parede.



TAÇA «PENHA LONGA»  
(Campo Grande)



TAÇA ACADEMICA  
(Velodromo)



TAÇA «PENHA LONGA»  
(Escola do Exercito)

Todos os concursos foram seguidos com o maior interesse por amadores e profissionaes; e pena foi que, havendo no exercito tantos officiaes com o diploma de *mestres de armas*, o ultimo tivesse tão diminuta concorrência.

**Concurso desportivo academico.** — A educação physica vae, felizmente, sendo praticada — e com optimos resultados, deve dizer-se — pela mocidade das nossas escolas.

Em 25 de junho disputaram os alumnos dos lyceus de Lisboa, do Collegio Militar e de alguns dos mais conceituados collegios da capital, varios premios, entre os quaes avultava a Taça da Camara

Municipal de Lisboa, que foi conferida á Escola Academica. O concurso teve logar no parque do sr. Conde de Fontalva e attrahiu ali numerosa concorrência.

O programma estabelecia as seguintes provas: — saltos em altura, de frente; saltos em altura, de lado; saltos em extensão; corrida de ve-

locidade; corrida de obstaculos; e finalmente, lucta de tracção.

Nas trez primeiras, em que tomaram parte quinze concorrentes, couberam os primeiros premios a

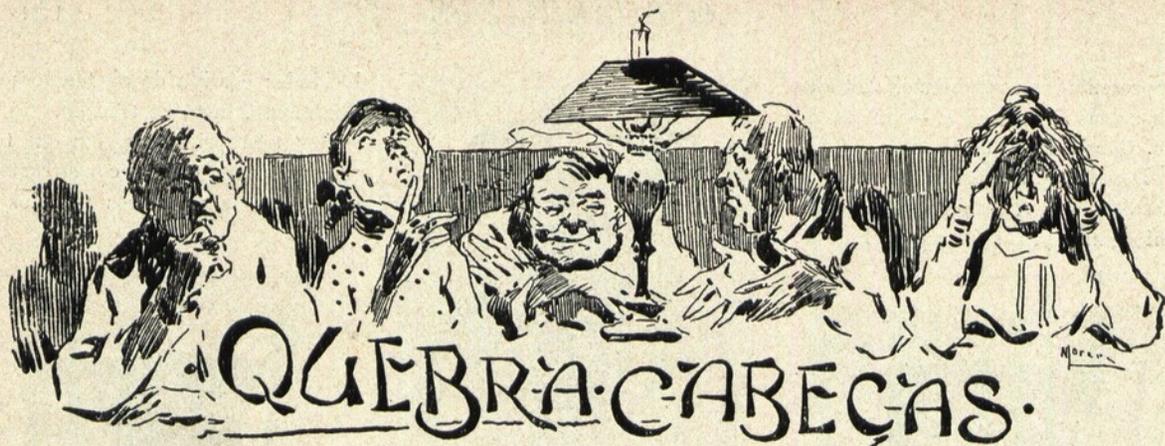
alumnos da Escola Academica. O maior salto em altura foi de 1<sup>m</sup>,47, e em extensão de 5<sup>m</sup>,43.

O primeiro premio da corrida de velocidade foi conferido ainda a um alumno da Escola Academica cabendo o da corrida de obstaculos a um alumno do Collegio Militar.

Mas a prova que maior entusiasmo provocou aos estudantes e aos espectadores, foi a ultima, em que grupos das diferentes escolas disputaram em reñhidas luctas, com muito brio e valentia os premios a ella destinados, e nas quaes ficou vencedor o grupo do lyceu de S. Domingos. A brilhante festa academica terminou por uma serie de evoluções e exercicios de gymnastica sueca.



NO PARQUE DE PALHAVÁ

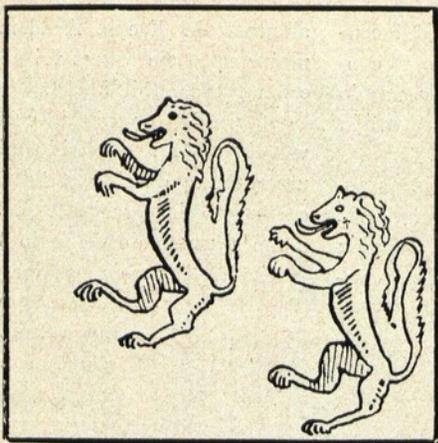


## Decifrações do n.º 36

*Enigma* — 1.º Paralalia; 2.º Dever; 3.º Maca.  
*Charada (enigmatica)* — Almagesto.

### A BANDEIRA

Uma senhora possuía um grande pedaço de seda onde estavam bordados dois leões rom-pantes, como se vê na illustração junta. Dese-jou cortal-o em quatro pedaços que se ada-



ptariam de fôrma a constituírem duas bandei-ras perfeitamente quadradas com um leão em cada uma. Como é que fez isto, sem cortar, bem entendido, nenhum dos leões?



### CHARADAS (novissimas)

A superioridade do commandante d'este titulo — 2-2  
 Era fóra do commum, phenomenal — 2-5  
 Poeta, philosopho tem obras eruditas — 1-2  
 Que pelo direito e pela intelligencia, lhe honram o nome — 1-2

Covilhã.

DOIS CATURRAS.

## ENIGMA

Póde um verbo no plural ser nome no singular?  
 Com certeza. Aqui tem um como podem ver'ficar.

A palavrinha pequena pois seis letras, só, contém é o plural do tal nome. Por certo o conhece bem.

Se a quarta letra mudarem para o lugar da terceira, têm, por certo, a mesma cousa lendo d'inversa maneira.

Separem as trez primeiras e logo encontram *ser* que não é deus, nem o demo, e que todos podem ver.

As duas ultimas letras da palavrinha em questão, de tal *ser* são uma parte como por certo verão. E o todo certamente podem vêr na sua frente.

Pinhel.

J. S. BANDEIRA.



## CHARADA

Sou adverbio, isso sou, — 1  
 Não faço grande favor.  
 Sendo dôce, tambem vou — 2  
 Refrescar quem tem calor.

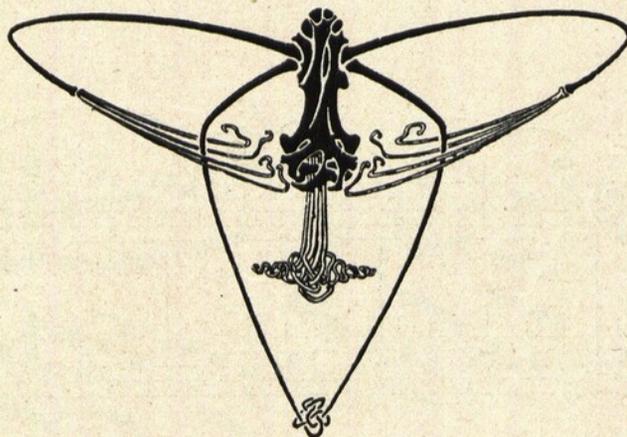
ARIEL.



# Rondo Villageois

FOR

— H U M M E L —



# Rondo Villageois

FOR HUMMEL

*Allegretto*

The first system of musical notation consists of two staves. The upper staff is in treble clef with a 6/8 time signature. It begins with a piano (*p*) dynamic marking. The melody features a sequence of eighth notes: G4, A4, B4, C5, B4, A4, G4. This is followed by a triplet of eighth notes (G4, A4, B4) and a quarter note (C5). The system concludes with a quarter note (B4) and a quarter rest. The lower staff is in bass clef with a 6/8 time signature, providing a rhythmic accompaniment of eighth notes: G2, A2, B2, C3, B2, A2, G2.

The second system continues the piece. The upper staff features a series of eighth notes with fingerings: G4 (5), A4 (5), B4 (4), C5 (3), B4 (3), A4 (5), G4 (2), F#4 (1), E4 (3), D4 (5), C4 (2), B3 (1), A3 (5), G3 (4), F#3 (1). The lower staff continues with eighth notes: G2, A2, B2, C3, B2, A2, G2, F#2, E2, D2, C2, B1, A1, G1, F#1, E1, D1, C1, B0, A0, G0, F#0, E0, D0, C0, B-1, A-1, G-1, F#-1, E-1, D-1, C-1, B-2, A-2, G-2, F#-2, E-2, D-2, C-2, B-3, A-3, G-3, F#-3, E-3, D-3, C-3, B-4, A-4, G-4, F#-4, E-4, D-4, C-4, B-5, A-5, G-5, F#-5, E-5, D-5, C-5, B-6, A-6, G-6, F#-6, E-6, D-6, C-6, B-7, A-7, G-7, F#-7, E-7, D-7, C-7, B-8, A-8, G-8, F#-8, E-8, D-8, C-8, B-9, A-9, G-9, F#-9, E-9, D-9, C-9, B-10, A-10, G-10, F#-10, E-10, D-10, C-10, B-11, A-11, G-11, F#-11, E-11, D-11, C-11, B-12, A-12, G-12, F#-12, E-12, D-12, C-12, B-13, A-13, G-13, F#-13, E-13, D-13, C-13, B-14, A-14, G-14, F#-14, E-14, D-14, C-14, B-15, A-15, G-15, F#-15, E-15, D-15, C-15, B-16, A-16, G-16, F#-16, E-16, D-16, C-16, B-17, A-17, G-17, F#-17, E-17, D-17, C-17, B-18, A-18, G-18, F#-18, E-18, D-18, C-18, B-19, A-19, G-19, F#-19, E-19, D-19, C-19, B-20, A-20, G-20, F#-20, E-20, D-20, C-20, B-21, A-21, G-21, F#-21, E-21, D-21, C-21, B-22, A-22, G-22, F#-22, E-22, D-22, C-22, B-23, A-23, G-23, F#-23, E-23, D-23, C-23, B-24, A-24, G-24, F#-24, E-24, D-24, C-24, B-25, A-25, G-25, F#-25, E-25, D-25, C-25, B-26, A-26, G-26, F#-26, E-26, D-26, C-26, B-27, A-27, G-27, F#-27, E-27, D-27, C-27, B-28, A-28, G-28, F#-28, E-28, D-28, C-28, B-29, A-29, G-29, F#-29, E-29, D-29, C-29, B-30, A-30, G-30, F#-30, E-30, D-30, C-30, B-31, A-31, G-31, F#-31, E-31, D-31, C-31, B-32, A-32, G-32, F#-32, E-32, D-32, C-32, B-33, A-33, G-33, F#-33, E-33, D-33, C-33, B-34, A-34, G-34, F#-34, E-34, D-34, C-34, B-35, A-35, G-35, F#-35, E-35, D-35, C-35, B-36, A-36, G-36, F#-36, E-36, D-36, C-36, B-37, A-37, G-37, F#-37, E-37, D-37, C-37, B-38, A-38, G-38, F#-38, E-38, D-38, C-38, B-39, A-39, G-39, F#-39, E-39, D-39, C-39, B-40, A-40, G-40, F#-40, E-40, D-40, C-40, B-41, A-41, G-41, F#-41, E-41, D-41, C-41, B-42, A-42, G-42, F#-42, E-42, D-42, C-42, B-43, A-43, G-43, F#-43, E-43, D-43, C-43, B-44, A-44, G-44, F#-44, E-44, D-44, C-44, B-45, A-45, G-45, F#-45, E-45, D-45, C-45, B-46, A-46, G-46, F#-46, E-46, D-46, C-46, B-47, A-47, G-47, F#-47, E-47, D-47, C-47, B-48, A-48, G-48, F#-48, E-48, D-48, C-48, B-49, A-49, G-49, F#-49, E-49, D-49, C-49, B-50, A-50, G-50, F#-50, E-50, D-50, C-50, B-51, A-51, G-51, F#-51, E-51, D-51, C-51, B-52, A-52, G-52, F#-52, E-52, D-52, C-52, B-53, A-53, G-53, F#-53, E-53, D-53, C-53, B-54, A-54, G-54, F#-54, E-54, D-54, C-54, B-55, A-55, G-55, F#-55, E-55, D-55, C-55, B-56, A-56, G-56, F#-56, E-56, D-56, C-56, B-57, A-57, G-57, F#-57, E-57, D-57, C-57, B-58, A-58, G-58, F#-58, E-58, D-58, C-58, B-59, A-59, G-59, F#-59, E-59, D-59, C-59, B-60, A-60, G-60, F#-60, E-60, D-60, C-60, B-61, A-61, G-61, F#-61, E-61, D-61, C-61, B-62, A-62, G-62, F#-62, E-62, D-62, C-62, B-63, A-63, G-63, F#-63, E-63, D-63, C-63, B-64, A-64, G-64, F#-64, E-64, D-64, C-64, B-65, A-65, G-65, F#-65, E-65, D-65, C-65, B-66, A-66, G-66, F#-66, E-66, D-66, C-66, B-67, A-67, G-67, F#-67, E-67, D-67, C-67, B-68, A-68, G-68, F#-68, E-68, D-68, C-68, B-69, A-69, G-69, F#-69, E-69, D-69, C-69, B-70, A-70, G-70, F#-70, E-70, D-70, C-70, B-71, A-71, G-71, F#-71, E-71, D-71, C-71, B-72, A-72, G-72, F#-72, E-72, D-72, C-72, B-73, A-73, G-73, F#-73, E-73, D-73, C-73, B-74, A-74, G-74, F#-74, E-74, D-74, C-74, B-75, A-75, G-75, F#-75, E-75, D-75, C-75, B-76, A-76, G-76, F#-76, E-76, D-76, C-76, B-77, A-77, G-77, F#-77, E-77, D-77, C-77, B-78, A-78, G-78, F#-78, E-78, D-78, C-78, B-79, A-79, G-79, F#-79, E-79, D-79, C-79, B-80, A-80, G-80, F#-80, E-80, D-80, C-80, B-81, A-81, G-81, F#-81, E-81, D-81, C-81, B-82, A-82, G-82, F#-82, E-82, D-82, C-82, B-83, A-83, G-83, F#-83, E-83, D-83, C-83, B-84, A-84, G-84, F#-84, E-84, D-84, C-84, B-85, A-85, G-85, F#-85, E-85, D-85, C-85, B-86, A-86, G-86, F#-86, E-86, D-86, C-86, B-87, A-87, G-87, F#-87, E-87, D-87, C-87, B-88, A-88, G-88, F#-88, E-88, D-88, C-88, B-89, A-89, G-89, F#-89, E-89, D-89, C-89, B-90, A-90, G-90, F#-90, E-90, D-90, C-90, B-91, A-91, G-91, F#-91, E-91, D-91, C-91, B-92, A-92, G-92, F#-92, E-92, D-92, C-92, B-93, A-93, G-93, F#-93, E-93, D-93, C-93, B-94, A-94, G-94, F#-94, E-94, D-94, C-94, B-95, A-95, G-95, F#-95, E-95, D-95, C-95, B-96, A-96, G-96, F#-96, E-96, D-96, C-96, B-97, A-97, G-97, F#-97, E-97, D-97, C-97, B-98, A-98, G-98, F#-98, E-98, D-98, C-98, B-99, A-99, G-99, F#-99, E-99, D-99, C-99, B-100, A-100, G-100, F#-100, E-100, D-100, C-100, B-101, A-101, G-101, F#-101, E-101, D-101, C-101, B-102, A-102, G-102, F#-102, E-102, D-102, C-102, B-103, A-103, G-103, F#-103, E-103, D-103, C-103, B-104, A-104, G-104, F#-104, E-104, D-104, C-104, B-105, A-105, G-105, F#-105, E-105, D-105, C-105, B-106, A-106, G-106, F#-106, E-106, D-106, C-106, B-107, A-107, G-107, F#-107, E-107, D-107, C-107, B-108, A-108, G-108, F#-108, E-108, D-108, C-108, B-109, A-109, G-109, F#-109, E-109, D-109, C-109, B-110, A-110, G-110, F#-110, E-110, D-110, C-110, B-111, A-111, G-111, F#-111, E-111, D-111, C-111, B-112, A-112, G-112, F#-112, E-112, D-112, C-112, B-113, A-113, G-113, F#-113, E-113, D-113, C-113, B-114, A-114, G-114, F#-114, E-114, D-114, C-114, B-115, A-115, G-115, F#-115, E-115, D-115, C-115, B-116, A-116, G-116, F#-116, E-116, D-116, C-116, B-117, A-117, G-117, F#-117, E-117, D-117, C-117, B-118, A-118, G-118, F#-118, E-118, D-118, C-118, B-119, A-119, G-119, F#-119, E-119, D-119, C-119, B-120, A-120, G-120, F#-120, E-120, D-120, C-120, B-121, A-121, G-121, F#-121, E-121, D-121, C-121, B-122, A-122, G-122, F#-122, E-122, D-122, C-122, B-123, A-123, G-123, F#-123, E-123, D-123, C-123, B-124, A-124, G-124, F#-124, E-124, D-124, C-124, B-125, A-125, G-125, F#-125, E-125, D-125, C-125, B-126, A-126, G-126, F#-126, E-126, D-126, C-126, B-127, A-127, G-127, F#-127, E-127, D-127, C-127, B-128, A-128, G-128, F#-128, E-128, D-128, C-128, B-129, A-129, G-129, F#-129, E-129, D-129, C-129, B-130, A-130, G-130, F#-130, E-130, D-130, C-130, B-131, A-131, G-131, F#-131, E-131, D-131, C-131, B-132, A-132, G-132, F#-132, E-132, D-132, C-132, B-133, A-133, G-133, F#-133, E-133, D-133, C-133, B-134, A-134, G-134, F#-134, E-134, D-134, C-134, B-135, A-135, G-135, F#-135, E-135, D-135, C-135, B-136, A-136, G-136, F#-136, E-136, D-136, C-136, B-137, A-137, G-137, F#-137, E-137, D-137, C-137, B-138, A-138, G-138, F#-138, E-138, D-138, C-138, B-139, A-139, G-139, F#-139, E-139, D-139, C-139, B-140, A-140, G-140, F#-140, E-140, D-140, C-140, B-141, A-141, G-141, F#-141, E-141, D-141, C-141, B-142, A-142, G-142, F#-142, E-142, D-142, C-142, B-143, A-143, G-143, F#-143, E-143, D-143, C-143, B-144, A-144, G-144, F#-144, E-144, D-144, C-144, B-145, A-145, G-145, F#-145, E-145, D-145, C-145, B-146, A-146, G-146, F#-146, E-146, D-146, C-146, B-147, A-147, G-147, F#-147, E-147, D-147, C-147, B-148, A-148, G-148, F#-148, E-148, D-148, C-148, B-149, A-149, G-149, F#-149, E-149, D-149, C-149, B-150, A-150, G-150, F#-150, E-150, D-150, C-150, B-151, A-151, G-151, F#-151, E-151, D-151, C-151, B-152, A-152, G-152, F#-152, E-152, D-152, C-152, B-153, A-153, G-153, F#-153, E-153, D-153, C-153, B-154, A-154, G-154, F#-154, E-154, D-154, C-154, B-155, A-155, G-155, F#-155, E-155, D-155, C-155, B-156, A-156, G-156, F#-156, E-156, D-156, C-156, B-157, A-157, G-157, F#-157, E-157, D-157, C-157, B-158, A-158, G-158, F#-158, E-158, D-158, C-158, B-159, A-159, G-159, F#-159, E-159, D-159, C-159, B-160, A-160, G-160, F#-160, E-160, D-160, C-160, B-161, A-161, G-161, F#-161, E-161, D-161, C-161, B-162, A-162, G-162, F#-162, E-162, D-162, C-162, B-163, A-163, G-163, F#-163, E-163, D-163, C-163, B-164, A-164, G-164, F#-164, E-164, D-164, C-164, B-165, A-165, G-165, F#-165, E-165, D-165, C-165, B-166, A-166, G-166, F#-166, E-166, D-166, C-166, B-167, A-167, G-167, F#-167, E-167, D-167, C-167, B-168, A-168, G-168, F#-168, E-168, D-168, C-168, B-169, A-169, G-169, F#-169, E-169, D-169, C-169, B-170, A-170, G-170, F#-170, E-170, D-170, C-170, B-171, A-171, G-171, F#-171, E-171, D-171, C-171, B-172, A-172, G-172, F#-172, E-172, D-172, C-172, B-173, A-173, G-173, F#-173, E-173, D-173, C-173, B-174, A-174, G-174, F#-174, E-174, D-174, C-174, B-175, A-175, G-175, F#-175, E-175, D-175, C-175, B-176, A-176, G-176, F#-176, E-176, D-176, C-176, B-177, A-177, G-177, F#-177, E-177, D-177, C-177, B-178, A-178, G-178, F#-178, E-178, D-178, C-178, B-179, A-179, G-179, F#-179, E-179, D-179, C-179, B-180, A-180, G-180, F#-180, E-180, D-180, C-180, B-181, A-181, G-181, F#-181, E-181, D-181, C-181, B-182, A-182, G-182, F#-182, E-182, D-182, C-182, B-183, A-183, G-183, F#-183, E-183, D-183, C-183, B-184, A-184, G-184, F#-184, E-184, D-184, C-184, B-185, A-185, G-185, F#-185, E-185, D-185, C-185, B-186, A-186, G-186, F#-186, E-186, D-186, C-186, B-187, A-187, G-187, F#-187, E-187, D-187, C-187, B-188, A-188, G-188, F#-188, E-188, D-188, C-188, B-189, A-189, G-189, F#-189, E-189, D-189, C-189, B-190, A-190, G-190, F#-190, E-190, D-190, C-190, B-191, A-191, G-191, F#-191, E-191, D-191, C-191, B-192, A-192, G-192, F#-192, E-192, D-192, C-192, B-193, A-193, G-193, F#-193, E-193, D-193, C-193, B-194, A-194, G-194, F#-194, E-194, D-194, C-194, B-195, A-195, G-195, F#-195, E-195, D-195, C-195, B-196, A-196, G-196, F#-196, E-196, D-196, C-196, B-197, A-197, G-197, F#-197, E-197, D-197, C-197, B-198, A-198, G-198, F#-198, E-198, D-198, C-198, B-199, A-199, G-199, F#-199, E-199, D-199, C-199, B-200, A-200, G-200, F#-200, E-200, D-200, C-200, B-201, A-201, G-201, F#-201, E-201, D-201, C-201, B-202, A-202, G-202, F#-202, E-202, D-202, C-202, B-203, A-203, G-203, F#-203, E-203, D-203, C-203, B-204, A-204, G-204, F#-204, E-204, D-204, C-204, B-205, A-205, G-205, F#-205, E-205, D-205, C-205, B-206, A-206, G-206, F#-206, E-206, D-206, C-206, B-207, A-207, G-207, F#-207, E-207, D-207, C-207, B-208, A-208, G-208, F#-208, E-208, D-208, C-208, B-209, A-209, G-209, F#-209, E-209, D-209, C-209, B-210, A-210, G-210, F#-210, E-210, D-210, C-210, B-211, A-211, G-211, F#-211, E-211, D-211, C-211, B-212, A-212, G-212, F#-212, E-212, D-212, C-212, B-213, A-213, G-213, F#-213, E-213, D-213, C-213, B-214, A-214, G-214, F#-214, E-214, D-214, C-214, B-215, A-215, G-215, F#-215, E-215, D-215, C-215, B-216, A-216, G-216, F#-216, E-216, D-216, C-216, B-217, A-217, G-217, F#-217, E-217, D-217, C-217, B-218, A-218, G-218, F#-218, E-218, D-218, C-218, B-219, A-219, G-219, F#-219, E-219, D-219, C-219, B-220, A-220, G-220, F#-220, E-220, D-220, C-220, B-221, A-221, G-221, F#-221, E-221, D-221, C-221, B-222, A-222, G-222, F#-222, E-222, D-222, C-222, B-223, A-223, G-223, F#-223, E-223, D-223, C-223, B-224, A-224, G-224, F#-224, E-224, D-224, C-224, B-225, A-225, G-225, F#-225, E-225, D-225, C-225, B-226, A-226, G-226, F#-226, E-226, D-226, C-226, B-227, A-227, G-227, F#-227, E-227, D-227, C-227, B-228, A-228, G-228, F#-228, E-228, D-228, C-228, B-229, A-229, G-229, F#-229, E-229, D-229, C-229, B-230, A-230, G-230, F#-230, E-230, D-230, C-230, B-231, A-231, G-231, F#-231, E-231, D-231, C-231, B-232, A-232, G-232, F#-232, E-232, D-232, C-232, B-233, A-233, G-233, F#-233, E-233, D-233, C-233, B-234, A-234, G-234, F#-234, E-234, D-234, C-234, B-235, A-235, G-235, F#-235, E-235, D-235, C-235, B-236, A-236, G-236, F#-236, E-236, D-236, C-236, B-237, A-237, G-237, F#-237, E-237, D-237, C-237, B-238, A-238, G-238, F#-238, E-238, D-238, C-238, B-239, A-239, G-239, F#-239, E-239, D-239, C-239, B-240, A-240, G-240, F#-240, E-240, D-240, C-240, B-241, A-241, G-241, F#-241, E-241, D-241, C-241, B-242, A-242, G-242, F#-242, E-242, D-242, C-242, B-243, A-243, G-243, F#-243, E-243, D-243, C-243, B-244, A-244, G-244, F#-244, E-244, D-244, C-244, B-245, A-245, G-245, F#-245, E-245, D-245, C-245, B-246, A-246, G-246, F#-246, E-246, D-246, C-246, B-247, A-247, G-247, F#-247, E-247, D-247, C-247, B-248, A-248, G-248, F#-248, E-248, D-248, C-248, B-249, A-249, G-249, F#-249, E-249, D-249, C-249, B-250, A-250, G-250, F#-250, E-250, D-250, C-250, B-251, A-251, G-251, F#-251, E-251, D-251, C-251, B-252, A-252, G-252, F#-252, E-252, D-252, C-252, B-253, A-253, G-253, F#-253, E-253, D-253, C-253, B-254, A-254, G-254, F#-254, E-254, D-254, C-254, B-255, A-255, G-255, F#-255, E-255, D-255, C-255, B-256, A-256, G-256, F#-256, E-256, D-256, C-256, B-257, A-257, G-257, F#-257, E-257, D-257, C-257, B-258, A-258, G-258, F#-258, E-258, D-258, C-258, B-259, A-259, G-259, F#-259, E-259, D-259, C-259, B-260, A-260, G-260, F#-260, E-260, D-260, C-260, B-261, A-261, G-261, F#-261, E-261, D-261, C-261, B-262, A-262, G-262, F#-262, E-262, D-262, C-262, B-263, A-263, G-263, F#-263, E-263, D-263, C-263, B-264, A-264, G-264, F#-264, E-264, D-264, C-264, B-265, A-265, G-265, F#-265, E-265, D-265, C-265, B-266, A-266, G-266, F#-266, E-266, D-266, C-266, B-267, A-267, G-267, F#-267, E-267, D-267, C-267, B-268, A-268, G-268, F#-268, E-268, D-268, C-268, B-269, A-269, G-269, F#-269, E-269, D-269, C-269, B-270, A-270, G-270, F#-270, E-270, D-270, C-270, B-271, A-271, G-271, F#-271, E-271, D-271, C-271, B-272, A-272, G-272, F#-272, E-272, D-272, C-272, B-273, A-273, G-273, F#-273, E-273, D-273, C-273, B-274, A-274, G-274, F#-274, E-274, D-274, C-274, B-275, A-275, G-275, F#-275, E-275, D-275, C-275, B-276, A-276, G-276, F#-276, E-276, D-276, C-276, B-277, A-277, G-277, F#-277, E-277, D-277, C-277, B-278, A-278, G-278, F#-278, E-278, D-278, C-278, B-279, A-279, G-279, F#-279, E-279, D-279, C-279, B-280, A-280, G-280, F#-280, E-280, D-280, C-280, B-281, A-281, G-281, F#-281, E-281, D-281, C-281, B-282, A-282, G-282, F#-282, E-282, D-282, C-282, B-283, A-283, G-283, F#-283, E-283, D-283, C-283, B-284, A-284, G-284, F#-284, E-284, D-284, C-284, B-285, A-285, G-285, F#-285, E-285, D-285, C-285, B-286, A-286, G-286, F#-286, E-286, D-286, C-286, B-287, A-287, G-287, F#-287, E-287, D-287, C-287, B-288, A-288, G-288, F#-288, E-288, D-288, C-288, B-289, A-289, G-289, F#-289, E-289, D-289, C-289, B-290, A-290, G-290, F#-290, E-290, D-290, C-290, B-291, A-291, G-291, F#-291, E-291, D-291, C-291, B-292, A-292, G-292, F#-292, E-292, D-292, C-292, B-293, A-293, G-293, F#-29

First system of musical notation, consisting of a treble and bass staff. The treble staff contains a melodic line with various fingerings (1, 2, 3, 4, 5) and slurs. The bass staff contains a rhythmic accompaniment with eighth notes and slurs.

Second system of musical notation. It features a treble staff with a melodic line and a bass staff with a rhythmic accompaniment. A dynamic marking of *f* (forte) is present in the bass staff. The system concludes with a double bar line.

Third system of musical notation. The treble staff shows a melodic line with complex fingerings and slurs. The bass staff continues with a rhythmic accompaniment, featuring some rests and slurs.

Fourth system of musical notation. The treble staff contains a melodic line with slurs and fingerings. The bass staff has a rhythmic accompaniment with slurs and rests.

Fifth system of musical notation. The treble staff shows a melodic line with slurs and fingerings. The bass staff has a rhythmic accompaniment. A dynamic marking of *ff* (fortissimo) is present in the bass staff. The system ends with a double bar line.